

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE - UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: MESTRADO**

**SUJEITOS EM CONFLITO:
ANARQUISMO E NACIONALIDADE EM UM AMOR ANARQUISTA**

VERONICE OLIVEIRA CRISTO WAMMS

**GUARAPUAVA
2015**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE - UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: MESTRADO**

**SUJEITOS EM CONFLITO:
ANARQUISMO E NACIONALIDADE EM UM AMOR ANARQUISTA**

Dissertação apresentada por Veronice Oliveira Cristo Wamms ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins

**GUARAPUAVA
2015**

VERONICE OLIVEIRA CRISTO WAMMS

**SUJEITOS EM CONFLITO:
ANARQUISMO E NACIONALIDADE EM UM AMOR ANARQUISTA**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins (Orientador) – UNICENTRO

Prof. Dr. Cláercio Ivan Schneider – UNICENTRO

Prof. Dr. Daniel de Oliveira Gomes – UEPG

Prof. Dr. Claudio José de Almeida Mello – UNICENTRO

Data de Aprovação:

AGRADECIMENTOS:

A Deus, fonte de fé e perseverança, vida e sabedoria, que me deu serenidade e força necessária para trilhar esse percurso.

Ao meu esposo, Ercio, que sempre esteve ao meu lado, me incentivou e foi compreensivo todas as vezes que a ele precisei recorrer.

Aos meus amados pais, Rosa e Mario, que sempre foram a minha fortaleza.

Ao professor Dr. Ricardo André Ferreira Martins, que me orientou de maneira precisa;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNICENTRO que transmitiram não só o saber, como também a necessidade de se repensar sobre o modo de transmiti-lo;

Aos funcionários do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste;

Às equipes diretivas e aos funcionários dos Colégios Estaduais Aníbal Khury e José Sarmiento Filho, que colaboraram na organização da minha carga-horária de trabalho e sempre me incentivaram com seu otimismo e consideração.

Aos meus amigos, familiares e colegas docentes que sempre se fizeram presentes com mensagens de carinho e superação.

Resumo

Miguel Sanches Neto (2005) se apropria do recurso do hibridismo da linguagem, juntando a literatura e a história para contemplar a narrativa da saga de imigrantes italianos, que vêm para o Brasil, em 1890, para fundar uma colônia anarquista em Palmeira, no Paraná. Para tanto, ao compor o enredo, fala de um amor poliândrico entre três homens e uma mulher. Contudo, ao assim fazê-lo pelo recurso memorialístico de personagens históricas e fictícias, o autor revela como pano de fundo os discursos que circundam questões como as relações de poder entre os próprios sujeitos da narrativa com seus pares e o confronto destes indivíduos com as ideologias da família, da religião e do Estado. E é por meio desse paradoxo do desejo de unificação e de nacionalização de um grupo de pessoas tão diferentes entre si em torno de um mesmo ideal, é que sobressai a atmosfera de conflitos entre os sujeitos. A presente dissertação discute a relação discursiva entre língua e o conceito de nacionalismo como constitutivos da identidade de um povo a partir da observação dos entrecruzamentos do discurso histórico com o ficcional, bem como a relação dialógica da obra com os processos que fundem literatura e história para construir o conceito de nacionalidade, a partir da desconstrução do passado como forma de interpretar o presente. A análise dessa obra literária instaura efeitos de sentido pela sua construção narrativa e ressalta os lugares de onde se reproduzem os processos de dominação ainda recorrentes na sociedade contemporânea. A linguagem narrativa empregada desnuda discursos que conflitam o ideal de uma nação igualitária e fraterna com discursos que ideologizam reflexos da cultura dominante. Pela rememoração do passado nacional, ao contrário dos romances saudosistas, o autor representa nesta obra uma visão crítica e no nível da ficção sonda os sentidos dos dizeres desconhecidos na memória e na história viva.

Palavras-chaves: nacionalidade, memória, literatura e história

Abstract

Miguel Sanches Neto appropriates the appeal of hybridism of language, literature and history together to contemplate the narrative of the saga of immigrants who come to Brazil, in 1890, to speak of a polyandrous romance between three men and one woman. However, to do this by the memory resource of historical and fictional characters, the author reveals how the literary plot backdrop the discourses surrounding issues such as power relationships between the subject of the narrative with their peers and the confrontation of these individual-duos with the ideologies of family, religion and the Estate, all representative of a dominant cultural power. And it is through this paradox of the desire for unification and nationalization of a group of people so different from each other around a common ideal that stands out the atmosphere of conflict between the subject and their identities. The present dissertation discusses on the discursive relationship between language and the concept of nationalism as constituting the identity of a people, from the observation of the narrative of Miguel Sanches Neto (2005), by intersecting the historical-documentary discourse with the fictional one, as well as the relationship of the work with dialogic processes that fuses literature and history to build the concept of nationality, from the deconstruction of the past as a way of interpreting the present. The analysis of the literary sense effects introduces for its narrative construction, as well as through it point out the places where they reproduce the processes of domination still recurring in contemporary society. The narrative language employed by Miguel Sanches Neto reveals speeches that conflict the ideal of an egalitarian and fraternal nation with discourses that spread ideological reflects of the dominant culture, such as subjectivity, individualism, private property. It is therefore as Linda Hutcheon (1991, p. 35) a form of "questioning the relationship between history and reality about the relationship between reality and language". On the other hand, from the point of view of the recollection of the past, the national author, unlike nostalgic novels, represents in this work a critical vision of that past, as affirms Lukács (2009) "exhuming the buried sense" or as White (1994) deconstructing the "petrified" directions in social memory.

Keywords: nationality, memory, literature and history

SUMÁRIO

| | |
|---|-------------------|
| 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... | 08 |
| <u>2. A COLÔNIA CECÍLIA: CONTRAPONTO NARRATIVOS ENTRE CANDIDO MELLO NETO E MIGUEL SANCHES NETO.....</u> | <u>15</u> |
| <u>2.1 O DISCURSO HISTÓRICO: A ABORDAGEM DE CÂNDIDO MELLO NETO.....</u> | <u>15</u> |
| <u>2.1.1 O DISCURSO LITERÁRIO: OS CONTRAPONTO DA ABORDAGEM DE MIGUEL SANCHES NETO.....</u> | <u>17</u> |
| <u>2.2 O DISCURSO SOBRE A QUESTÃO ANARQUISTA E A NACIONALIDADE: O “TERCEIRO CAMPO” ENTRE O HISTÓRICO E O FICCIONAL.....</u> | <u>20</u> |
| <u>2.3 O ANARQUISMO E A NEGAÇÃO DO PODER</u> | <u>29</u> |
| <u>2.4 O PARANÁ E A IMPLANTAÇÃO DO PROJETO ANARQUISTA.....</u> | <u>39</u> |
| <u>3. HISTÓRIA, FICÇÃO LITERÁRIA E MEMÓRIA: PERCURSOS PARA A CONSTRUÇÃO DA NACIONALIDADE.....</u> | <u>50</u> |
| <u>3.1 LITERATURA E HISTÓRIA: DESCONSTRUINDO O PASSADO NACIONAL PARA INTERPRETAR O PRESENTE</u> | <u>51</u> |
| <u>3.2 O PROBLEMA DA (DES)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL NA CONCEPÇÃO DE HISTORIADORES E CRÍTICOS LITERÁRIOS</u> | <u>53</u> |
| <u>3.3 APROFUNDANDO O CONCEITO DA NACIONALIDADE</u> | <u>59</u> |
| <u>3.4 MEMÓRIA E (DES)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES.....</u> | <u>71</u> |
| <u>4. UM AMOR ANARQUISTA: IDEOLOGIA E CONTRUÇÕES DISCURSIVAS Oponentes.....</u> | <u>84</u> |
| <u>4.1 HETEROGENEIDADES E CONTRADIÇÕES.....</u> | <u>106</u> |
| <u>4.2 O AMOR LIVRE E O PAPEL DA FAMÍLIA.....</u> | <u>109</u> |
| <u>4.3 A NEGAÇÃO DA IDEOLOGIA RELIGIOSA.....</u> | <u>115</u> |
| <u>6. REFERÊNCIAS.....</u> | <u>122</u> |

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Buscar um território, uma nação que pudessem refletir os ideais anarquistas de liberdade e fraternidade a partir da destruição do modelo social estruturado sob a lógica da família e da propriedade. Esse foi o sonho vivido por um grupo de italianos que, em 1890, fincou suas bases na cidade de Palmeira, uma região interiorana do Paraná, fundando aí a Colônia Cecília. Entretanto, grande maioria desses imigrantes vinha mesmo porque era atraída pela intensa campanha propagandista do governo brasileiro e porque estava fugindo da fome, da miséria e da exploração social exercida em seu país de origem.

Na composição de *Um Amor Anarquista* (2005a), Miguel Sanches Neto atualiza o discurso histórico pelo recurso de hibridização da linguagem ao juntar literatura e história como forma de interpretar a contemporaneidade e o ser subjetivo. A partir da investigação desse episódio regional e da questão do amor livre, representados nesta obra ficcional, buscamos discutir a relação de conflitos que se estabelece entre os sujeitos da narrativa. E ainda como forma de ampliação dessa leitura, refletir sobre o que restou das ideias experimentadas por aqueles imigrantes italianos na cultura regional e nacional.

Para alicerçarmos um pouco mais esse estudo, pretendemos conduzi-lo de modo a compreender como se desenvolveu o processo de construção da nacionalidade, a partir do estudo das correntes críticas da história e da literatura que fundaram critérios definidores desse conceito. Em seguida, relacionar os fatos e estabelecer um parâmetro histórico crítico com a análise da obra de Miguel Sanches Neto (2005a).

A partir dos estudos aqui referendados, contrastam-se os valores culturais evidenciados naquelas correntes com os valores representados na obra em questão, a fim de ressaltar os avanços da literatura contemporânea. Ao longo desse percurso evolutivo, a obra *Um Amor Anarquista* figura como um representante da produção atual no que tange à busca dos autores por refletir na sua escritura os problemas e as questões sociais de seu país. Quanto a esse aspecto, se destaca o enfoque sobre a fragilidade da cultura

homogeneizadora, pois na contemporaneidade, já não existem mais modelos específicos de produção e reprodução da cultura. De igual forma, não se pode tentar imprimir um modelo único de identificação nacional, uma vez que todos os países podem fornecer cultura e, salvo algumas exceções, as culturas podem ser assimiladas por um processo de interação espaço-temporal, refletindo aí a instabilidade dos modelos homogeneizadores.

A presente dissertação busca situar este romance de Miguel Sanches Neto como discurso e memória ficcional sobre a história da fundação da Colônia Cecília. Nesse sentido, a análise se fundamenta na linha dos estudos culturais, com base na relação dialógica da obra literária com a história. Em razão disso, recorre à pesquisa bibliográfica de fontes teóricas da literatura que priorizem a análise sobre a linguagem, sobre o discurso e sobre a memória como constructos da concepção da nacionalidade. Também recorre a estudos teóricos no campo da história para demonstrar como essa área do conhecimento aborda o diálogo entre o discurso histórico-documental com o ficcional, concentrando a investigação sobre os processos de desconstrução do passado como forma de interpretar o presente. Sobretudo, reiteramos como foco de nossa observação as diferentes perspectivas de abordagem acerca do desejo de se construir, ao longo do tempo, um sentimento homogêneo de identidade nacional, em prejuízo das manifestações sócio-culturais de grupos minoritários, levando a sociedade historicamente constituída à prática de uma cultura de preconceitos e de exclusão.

O episódio regional ocorrido na Colônia Cecília foi o centro de um experimento social vivenciado por um grupo de imigrantes italianos que tentam fundar um novo modelo de ordenação social: uma comunidade anarquista. Convém ainda lembrar que o fato se dá nessa região durante o período político de expansão territorial do estado do Paraná, um ano após a proclamação da república e dois anos após a abolição da escravatura. Em razão desses três fatores, o governo brasileiro lançara mão de uma intensa campanha propagandista no exterior, sobretudo nos países europeus, com o objetivo de atrair imigrantes para promover: a substituição da mão de obra escravocrata; a expansão de territórios ainda ermos; o avanço econômico e o embranquecimento da população.

Do ponto de vista dos imigrantes italianos, as buscas eram outras: um território, uma nação e uma nova identidade que pudessem refletir os ideais anarquistas de liberdade, conforme pontua o parágrafo inicial. Entretanto, grande maioria desses imigrantes vinha mesmo porque era atraída pela já referida campanha propagandista do governo brasileiro e porque estava fugindo da fome, da miséria e da exploração social exercida em seu país de origem.

A base da nova organização social se daria pela proposta de destruição do poder da família, centralizado na figura paterna. Isto porque, aí, se enxergava o germe de toda a “podridão” social e também a origem da exploração do homem pelo próprio homem. O casamento monogâmico e a religião corroboravam com o regime de alienação e de dominação ideológica. O poder do Estado também deveria ser combatido, uma vez que sua onipresença seria outro instrumento de cerceamento dos direitos de liberdade individual na visão anarquista. Então surge nesse cenário, no plano ficcional, um grupo social cujo líder o denominava como “a grande pátria anarquista” (SANCHES NETO, 2005a, p. 49-50) e cujo experimento reproduzia um novo modelo de organização social, a simbologia de uma futura nação a ser construída a partir do desejo de reforma da “velha sociedade”.

Mas o ideal colocado em prática por meio de um experimento tão revolucionário não fora suficiente para reprimir os instintos humanos e as necessidades mais básicas daqueles sujeitos tão heterogêneos, em cuja subjetividade já haviam se consolidado os efeitos da dominação ideológica exercidos pela cultura dominante, ainda que inconscientemente.

Pela linguagem contida na obra, o autor Miguel Sanches Neto mergulha através das relações tempo/espço e indivíduo/sociedade para construir personagens que se conflitam em suas práticas e em seus discursos em face do ideal de uma nação igualitária, fraterna e da ideologia da cultura dominante.

Nesse sentido, é que se propõem os questionamentos a seguir: quais fatores e correntes teóricas levaram à transformação da figura do índio como o primeiro e autêntico representante da nacionalidade brasileira (ainda que muitas vezes estilizado aos padrões europeus)? Como aconteceu a evolução

do pensamento crítico literário para a concepção atual, onde aquela ideia de nacionalidade foi sendo gradativamente desconstruída e hoje está relacionada à cultura de massa e a sujeitos desterritorializados? De que forma o diálogo com a história contribuiu para essa evolução? Em que sentido o romance de Miguel Sanches Neto se insere para criar um diálogo entre as gerações e estabelecer uma relação com a sociedade contemporânea?

Para tanto, partimos do questionamento proposto por Hobsbawm (1998, p. 282), acerca da “pura arbitrariedade da sobrevivência e da memória históricas”: por que algumas experiências se tornam parte de uma memória histórica mais ampla, enquanto tantas outras não têm essa mesma abertura?

Por isso também, as escolhas da obra e do autor se justificam. Além do estilo e da linguagem marcada por um processo discursivo de metáforas e paráfrases, cuja função é estabelecer um paralelo entre o humano e o animal nas situações limite em que os sujeitos da narrativa se encontram. Estes elementos formam uma estratégia linguística que compõe a ficção contemporânea.

Os recortes literários escolhidos para esta análise integram trechos narrativos de correspondências inventadas pelo autor a partir da leitura de alguns originais a que teve acesso. Elas simulam as enviadas pelo imigrante italiano, Giovanni Rossi, desde a sua chegada no Brasil até o término do experimento científico anarquista e da Colônia Cecília. Conforme ressalta Sanches Neto (2005c)¹, todos os seus personagens, exceto duas: as prostitutas Maria Malacarne e Narcisa, existiram de fato. Também o romance se liga à história no que tange às datas e aos fatos mencionados. Entretanto, as circunstâncias dos acontecimentos, assim como a criação das personalidades de cada personagem e do destino de cada uma delas, foram produto do olhar criativo do autor. Segundo afirma, elementos criados com um lirismo desencantado, desiludido com a condição humana e bastante dolorido. O período de trâmite das cartas, que foram inventadas por Miguel Sanches Neto, é compreendido entre 1890 a 1896 e o de duração da comunidade é de 1890 a 1894, segundo registros históricos consultados pelo autor, dentre os

¹ SANCHES NETO, Miguel. *Herdeiro do Anarquismo*. Entrevista II. [out. 2005]. Entrevistadores: Paulo Krauss, Irineo Netto e Luís Henrique Pellanda. Curitiba, 2005. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo B dessa dissertação.

quais constam os das já referidas correspondências e demais registros oficiais, conforme o acervo pesquisado por Candido de Mello Neto (1998), médico pontagrossense descendente do anarquismo idealizado por Giovanni Rossi.

Os capítulos epistolares descrevem as lutas, as dificuldades enfrentadas e os sonhos dos colonos italianos em solo paranaense. Estas cartas surgem no romance a partir da pesquisa documental feita por Miguel Sanches Neto sobre a Colônia Cecília. Elas são produto da invenção autoral do escritor literário, que parodia o conteúdo original para transpor, pela linguagem, o componente estrutural da história e assim compor a estrutura ficcional do romance. Por isso, se utiliza apenas de poucos elementos registrados, tais como, os nomes de registros em cartório, as datas e os fatos. Nesses capítulos, o autor opera a linguagem literária no sentido de ressaltar o aspecto ideológico da proposta do italiano Giovanni Rossi.

Outra parte desses recortes narrativos foi selecionada dos episódios históricos, agora recriados pelo discurso literário, o qual narra sob o ponto de vista da ficção, a trajetória do coletivo de sujeitos que desembarcaram no Brasil com um ideal: criar aqui uma comunidade anarquista com vistas à fundação de uma nação idealizada por Rossi, “um país imaginário”, conforme denomina Cândido de Mello Neto (1998).

Segundo argumenta Sanches Neto (2005b)², os capítulos representam, na versão literária, os fatos tal como eles podem ter acontecido.

Ambos os recortes constituem uma nova possibilidade interpretativa para se vislumbrar e compreender a história. Eles constituem a linguagem polissêmica dos vários discursos que permeiam a narrativa do romance. Permitem por tais meandros, desvelar os interditos que atravessam a construção verbal, estendendo-se à totalidade discursiva da obra.

De acordo com o que foi exposto acima, procuramos abordar no primeiro capítulo “A Colônia Cecília: contrapontos narrativos entre Candido de Mello Neto e Miguel Sanches Neto”, os elementos de convergência e/ou de distanciamento entre as linguagens desses dois autores sobre a narração do episódio anarquista. E em torno da reflexão sobre o discurso como o “terceiro

² SANCHES NETO, Miguel. Entrevista I. [jan. 2005]. Entrevistador: Editora Record. Record, 2005. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo A dessa dissertação.

campo” na “linguagem perpassada pelo real”, conforme discutem Luiz Costa Lima (2010) e Marilene Weinhardt (2011), ressaltar como o discurso sobre o movimento anarquista ocorrido no Paraná é reconstruído pela linguagem literária, de modo a refletir sobre a relação entre as questões sociais do presente e aquelas vivenciadas durante o experimento idealizado Giovanni Rossi. O autor interpõe esse terceiro campo na sua linguagem literária, ao explorar um elemento excêntrico, o discurso sobre o amor livre, apresentado como solução para a efetivação do movimento anárquico na Colônia Cecília. Dele resultaria a liberdade sexual, sobretudo a feminina, que seria o germe de uma nova ordenação social composta por sujeitos livres dos laços familiares, religiosos e do poder do Estado.

No segundo capítulo, “História, ficção literária e memória: percursos para a construção da nacionalidade”, a partir das discussões teóricas sociológicas, antropológicas, históricas e literárias, com base nos estudos de Dante Moreira Leite (2002); José Carlos Reis (1999); Eric Hobsbawm (2005; 2013) e Georg Lukács (2009), investigamos a relação dialógica da obra de Miguel Sanches Neto (2005) com os elementos que aproximam literatura e história para que, posteriormente, possamos construir gestos interpretativos sobre a construção do conceito de nacionalidade ao longo do tempo, a partir da desconstrução do passado como forma de interpretação do presente. E ainda nessa perspectiva, entender como o autor transita entre a questão da fidelidade aos fatos sem incorrer em artificialismos no uso da linguagem.

No terceiro capítulo “*Um Amor Anarquista: ideologia e construções discursivas oponentes*”, desejamos demonstrar, como parte de uma análise panorâmica com base em alguns pressupostos teóricos de Louis Althusser (1985); Michel Foucault (1979; 1999) e de Francisco Foot Hardman (2002), como a obra literária em análise instaura efeitos de sentido pela sua construção narrativa e nela ressalta os lugares onde se reproduzem os processos de dominação. Por esse aspecto também buscamos investigar a relação dialógica dessa narrativa com as práticas sociais, ideias e representações culturais evidenciadas na sociedade contemporânea.

A obra dramatiza a condição humana por intermédio do experimento social e, sob esse ponto de vista, representa o universo coletivo das minorias

identitárias que se situam à luz dos discursos marginais, aqui representadas por mulheres, trabalhadores rurais e idealistas. Em meio a ditos e interditos, falhas e equívocos da linguagem, o conceito de nacionalidade se molda ao discurso hegemônico. Ainda que as personagens queiram com este confrontar-se, ele ecoa na composição literária do romance *Um Amor Anarquista* o sentido da persistência da ideologia do poder dominante sobre as esferas, econômica, política, afetiva, religiosa, familiar e cultural. Pela obra, o leitor é convidado a fazer um exercício de questionamento sobre o passado, pela relação entre a história e a realidade, e pela relação entre a realidade e a forma como a linguagem ficcional a representa.

Enquanto discursos, a linguagem literária e a história se aproximam no momento em que cada sujeito enunciativo de ambos os discursos, tanto o escritor como o historiador são sujeitos presos aos condicionamentos da sociedade em que vivem. Contudo, ambos têm sua autonomia restituída quando são capazes de reelaborar esse contexto e, a partir daí, produzir o novo. (BACCEGA, 1998). Ambos, linguagem e história trabalham com a seleção de fatos, editando-os e selecionando-os de modo a construir sentidos novos.

2. A COLÔNIA CECÍLIA: CONTRAPONTO NARRATIVOS ENTRE CANDIDO MELLO NETO E MIGUEL SANCHES NETO

2.1 O DISCURSO HISTÓRICO: A ABORDAGEM DE CÂNDIDO MELLO NETO

Do ponto de vista da pesquisa e da narrativa histórica, o médico paranaense Candido de Mello Neto (1998) se vale dos registros documentais da historiografia oficial para chegar à essência da “verdadeira história” sobre a vinda ao Paraná dos imigrantes anarquistas liderados por Giovanni Rossi.

Em oposição às versões romanceadas da história, Candido Mello revela por meio de seu estilo narrativo os elementos contraditórios da ideologia anarquista, no que se refere à crítica dirigida à religião, ao governo e aos conceitos e limites de “pátria”. Segundo afirma, a ideologia se confrontava com as práticas vivenciadas no núcleo anarquista, pois sempre houve algum tipo de relacionamento estabelecido entre os sujeitos do grupo e os sujeitos da sociedade tradicional que criticavam. Essa relação se estabelecia no plano das conversas amistosas entre ambos, na troca de alguns favores e gentilezas e na própria relação de trabalho, em que muitos idealistas se ligavam por ocuparem cargos públicos.

Das lembranças pueris à pesquisa histórica corporificada, com vistas a reunir informações para o acervo histórico familiar, o autor explica que ingressou posteriormente na ampliação de seus horizontes de investigação, debruçando-se sobre a leitura de autores anarquistas para conhecer mais sobre o acontecimento vivido e sobre a biografia e o pensamento de Giovanni Rossi, organizador daquela colônia de natureza experimental, agrícola e anarquista.

O contato com a obra literária denunciou-lhe, direta ou indiretamente, o desconhecimento do público brasileiro acerca desse episódio da história, segundo afirma. A partir daí, a busca pelos registros oficiais principiou pela Biblioteca Pública do Paraná, estendeu-se pelas bibliotecas do Museu Paranaense e da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Paraná. Passou também pela Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro e em São Paulo,

pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, enveredando sobre a história do socialismo no Brasil e no mundo. Daí em diante, prosseguiu a sua pesquisa em museus, bibliotecas, arquivos particulares e oficiais, cartórios, e manteve contato com escritores, jornalistas e pesquisadores por países da Europa e Estados Unidos para tomar conhecimento, em particular, sobre a obra de Giovanni Rossi e sobre os registros relacionados à Colônia Cecília.

Nesta peregrinação investigativa, Candido de Mello Neto ressalta a capital importância do Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, onde lhe foi possível consultar os registros de chegadas e partidas de imigrantes. Ali estavam relacionados os nomes completos e alguns dados pessoais, o que segundo o pesquisador, serviram-lhe para retificar as informações provenientes dos testemunhos orais.

Nosso trabalho não é uma produção histórica. Nada foi descoberto. Corremos atrás do que outros já descobriram. Não é também um estudo sociológico: descrevemos uma experiência sociológica, muitas vezes com as palavras do próprio experimentalista; não é uma análise política: abordamos o anarquismo dentro dos limites oferecidos pelo experimentalismo de Rossi. Acreditamos, no entanto, possa este trabalho despertar algum interesse entre os profissionais das áreas de história, sociologia, política e literatura. (MELLO NETO, 1998, p. 21).

Assim, a sua narrativa é concebida como uma forma de releitura daqueles escritos, dirigida aos leitores interessados sobre o tema, no sentido de elucidar-lhes o caminho das fontes originais e de desvendar aspectos desconhecidos acerca da experiência vivida. Conforme destaca, os dados extraídos sobre o estado do Paraná referentes àquele período da chegada dos colonos anarquistas e também sobre o Paraná contemporâneo, referente ao momento de produção da obra, apenas auxiliaram-no no sentido de explicar alguns pontos de estreitamento entre o experimento da Colônia Cecília e os destinos de alguns dos seus descendentes.

Mello Neto também faz questão de ressaltar o seu posicionamento diante do conteúdo da obra, justificando que sua proposta não implica em atribuir análises ou avaliações concernentes ao anarquismo enquanto ideologia

e movimento de organização social, tão pouco em criticar o modelo experimental de Giovanni Rossi. Contudo, destaca a importância da contribuição do pensamento de Rossi para as gerações a ele subsequentes, como por exemplo, a sua tese sobre o princípio da liberdade sem limites, a qual somente poderia ser alcançada pela abolição das limitações impostas na consciência individual. Isso resultaria num contínuo processo de “aprimoramento do homem como individualidade, mas também como fração de um todo social, que ao avançar em suas conquistas, descobriria novos desafios”, ao longo do tempo. Essa busca, como de fato previa Rossi, não se concretizaria em uma ou duas gerações, pois ela é resultado de um processo pelo qual a sociedade contemporânea ainda se submete em ritmo de continuidade, pois se resume na “busca incessante do bom, do belo, do perfeito”. (MELLO NETO, 1998, p. 22).

Essa empreitada, segundo conclui, rendeu-lhe a composição de um trabalho rico em informações até então “não-disponíveis ao grande público brasileiro” e bastante diverso das publicações sobre o tema no âmbito nacional, sobretudo, quanto ao seu caráter de verificação e comprovação da “verdade histórica” por meio das fontes apresentadas.

2.1.1 O DISCURSO LITERÁRIO: OS CONTRAPONTO DA ABORDAGEM DE MIGUEL SANCHES NETO

Miguel Sanches Neto é paranaense, natural de Bela Vista do Paraíso. Estudou em colégio agrícola e chegou a trabalhar na agricultura. É formado em Letras, doutor em Teoria Literária pela Unicamp (1998). É poeta, ensaísta, cronista, romancista, contista, crítico literário e professor de Literatura Brasileira na Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR).

A partir do levantamento de algumas de suas entrevistas e o estudo da obra *Um Amor Anarquista*, discorreremos brevemente neste item sobre o objetivo da sua produção e as questões que buscou problematizar quando também se reporta ao experimento anarquista vivido na Colônia Cecília.

Enquanto Candido de Mello Neto (1998) preocupa-se em fazer um levantamento da história oficial sobre a biografia e o pensamento do idealista do experimento social anarquista, Miguel Sanches Neto opta por tentar entender os dramas humanos e sociais enfrentados por aqueles homens e mulheres, bem como refletir sobre a realidade social de seu país naquele contexto. Estas questões são por ele entendidas como a razão do seu fazer literário no cumprimento da função social de sua literatura, enquanto formadora do conhecimento do leitor, com quem enfatiza manter uma estreita relação. Esta relação se conserva no nível da linguagem contemporânea empregada nos seus textos, a qual prima pelo estilo limpo de artificialismos e próxima da fala cotidiana daquele que o autor denomina como “leitor comum”.

A pesquisa inicial do autor foi feita nos arquivos de Candido Mello Neto e não tinha a pretensão de resultar em uma produção literária, mas despertou-lhe o interesse por aquilo que considera o “episódio com maior grau de contradição e ousadia”: o amor livre proposto em uma pequena colônia agrícola no Paraná, onde predominava o conservadorismo dos costumes, sobretudo na questão da liberdade sexual. Segundo argumenta, a questão do amor livre vivenciado pelo grupo dos agricultores e pelo grupo de anarquistas é responsável por criar o clima de conflito entre aqueles sujeitos. Enquanto possibilidade narrativa, essa temática permitiria compreender e ampliar os conflitos de classe ali instalados. O que lhe interessa mostrar no romance é que, apesar da falência do modelo social idealizado por Rossi, restou a semente de um “grande avanço” na sociedade, a liberdade feminina.

Hoje, a mulher tem uma liberdade de relacionamento que começou naquele período. O que vemos todos os dias é a mulher cada vez mais livre dos laços de exclusividade. Vivemos uma era absolutamente feminina. E isso é irreversível. (SANCHES NETO, 2005c)³.

O anarquismo é retratado na obra literária no nível ideológico e no aspecto prático, sem a preocupação de emitir qualquer juízo de valor, tal como o faz o pesquisador Candido de Mello Neto, apenas demonstrando que na

³ Idem p. 11.

prática social, vários fatores desviaram os anarquistas de suas crenças ideológicas, entre eles, o mais importante foi o amor romântico.

Sobre a questão do governo, da família, da propriedade e da religião e sobre o fim do experimento na Colônia Cecília, Sanches Neto (2005c)⁴ afirma que a grande oferta de terras e de postos de trabalho foi outro elemento de desintegração do projeto anarquista daqueles colonos. A proposta de Rossi era a destruição da instituição família, postulando que assim o homem seria mais livre e participativo na vida comunitária. Os resquícios da cultura dominante (egoísmo, amor romântico, religiosidade) atravessaram a ideologia dos colonos anarquistas, limitando-a, até minar completamente a implantação do sistema socialista. Outra questão relativa à propriedade e que dialoga com presente é que, para alguns remanescentes da Cecília, essa recuperação memorialística da história não lhes é interessante, pois implica em remexer um capítulo não liquidado, que gira em torno do pagamento dessas terras e do temor de desapropriação.

No que se pode aventar sobre as aproximações entre a versão de Mello Neto (1998) e a de Sanches Neto (2005a), ressaltamos pelo menos quatro aspectos em:

- a) os dois partem de um impulso de resgate memorialístico, cada um com um objetivo específico a perseguir no seu roteiro de abordagem: o primeiro busca a genealogia da história familiar; o segundo, busca retratar os conflitos de classe e os dramas humanos originados pela prática do amor livre;
- b) ambos revelam algum aspecto da história que precisa ser resgatado do apagamento/silenciamento na memória social, seja pela história, no que concerne a maior produção de fontes de pesquisa e informação; seja pela literatura no que se refere à construção de uma versão diferente do discurso histórico, propondo desvendar os aspectos desconhecidos pelo leitor, por meio da linguagem ficcional;
- c) o posicionamento de ambos os autores, que não assumem juízos valorativos acerca da ideologia ou da prática anarquista;

⁴ Idem p. 11.

d) a composição anárquica de ambas as narrativas, que mesclam em uma estrutura anacrônica e oscilante, o desfile de fatos e personagens.

2.2 O DISCURSO SOBRE A QUESTÃO ANARQUISTA E A NACIONALIDADE: O “TERCEIRO CAMPO” ENTRE O HISTÓRICO E O FICCIONAL

Tendo em vista o pressuposto de Luiz Costa Lima (2010) de que o discurso é como o terceiro campo entre língua e fala, visamos demonstrar que a relação entre o conceito de língua e de nacionalidade se estabelece no nível da linguagem empregada pelo autor de *Um Amor Anarquista*, a qual remete a uma outra visão sobre os sujeitos que formam um corpo social e um outro sentido sobre o conceito de nacionalidade, pois conforme afirma o próprio autor, seus personagens representam o universo humano.

Além da temática do amor livre, baseado nos princípios do casamento anarquista, ou seja, o relacionamento amoroso de uma mulher com mais de um homem, outras questões são levantadas como pano de fundo, dentro das esferas: histórica, política, filosófica e social da narrativa, tais como, a questão da liberdade individual, do conceito de nacionalidade e do projeto de construção de um novo modelo de organização social.

Na perspectiva de leitura por nós sugerida, Miguel Sanches Neto (2005a) não situa o drama da sua narrativa apenas na esfera regional ou nacional, mas ele a transcende, quando a partir daquele episódio singular vivido na Colônia Cecília, não se limita apenas à representação de estereótipos da cultura nacional brasileira ou italiana, mas torna-o representativo do universo da individualidade humana no que se refere às buscas pessoais de cada sujeito por seu aprimoramento. Também não se prende às ideologias e nem reforça preconceitos, mas amplia a discussão e revela como pano de fundo alguns discursos sobre as relações de poder entre os próprios sujeitos. Assim, o autor representa pela linguagem e pela memória ficcional, o confronto desses sujeitos desenraizados, cultural e geograficamente. Também representa o confronto destes com as concepções ideológicas sobre a família, a religião e o Estado. Por outro lado, o mesmo mecanismo de escritura ressalta

os lugares onde se reproduzem os processos de dominação e de enfrentamento da cultura homogeneizadora, não só daquele contexto ficcional e histórico, mas também arraigados na sociedade contemporânea.

Sobre as convergências e as diferenças entre história e literatura, Marilene Weinhardt analisa em um estudo comparativo as possíveis aproximações entre o discurso histórico e o ficcional, porém enfatizando que ambos não se confundem, e que no seu entrecruzamento, estes assumem um estatuto diverso da sua identidade original, em que o papel do narrador se diferencia no modo de atuação, o qual

permite ao narrador da ficção desnudar e até denunciar a própria ficcionalidade, enquanto o narrador da história deve ser sempre fiel à posição do historiador. A verossimilhança da ficção não é a mesma da história. (WEINHARDT, 2011, p. 25).

Para Hayden White (1994), o discurso é o terreno da linguagem em que áreas de estudo, como a história, estabelece correlação com a literatura no que tange à busca dos analistas em interpretar o sentido do acontecimento histórico. Ou seja, permite a formulação de questões e o fornecimento de respostas para a interpretação de “problemas metafísicos”, que na sua concepção, não são verificáveis pelo tecnicismo da linguagem especializada dos historiadores, no sentido de compreender os problemas sociais do presente, os quais requerem o emprego de estratégias narrativas.

E é pelo viés do discurso presente na linguagem literária, que o romance de Miguel Sanches Neto (2005a) se insere na discussão sobre o anarquismo e se amplia em oposição à linguagem histórica, pelo fato de provocar no leitor uma nova forma de refletir sobre o passado, acerca do condicionamento histórico sobre o ideal de se implantar um modelo de organização social com base no sistema socialista e anárquico. Por isso, Sanches Neto (2005b)⁵ trabalha desde a composição do romance com uma estrutura também anárquica em seu modo de narrar, cuja centralidade não é evidenciar as limitações do anarquismo ou do socialismo. Esse passado que agora é revisitado pela ficção reflete a preocupação do autor em destacar a força de argumentação de homens e mulheres que lutavam por um ideal. Entretanto, o

⁵ Idem p. 12.

ideal não foi superior para resistir ao que o autor chama de “elementos perturbadores”, tais como, o egoísmo e o amor.

De acordo com Costa Lima (1989; 2010), no nível discursivo a linguagem é perpassada pelo real, em cuja esfera o critério de verdade circula sob a acepção de que:

[...] a verdade [...] não deve ser considerada o eixo único de todos os discursos. O discurso ficcional, ao mudar a forma de relação com o mundo, também muda sua relação com a verdade. Ele a fantasmagoriza, faz o verossímil perder seu caráter subalterno e assumir o direito de constituir o seu próprio eixo. [...] os vários discursos não se orientam por um mesmo centro. O valor social do discurso ficcional não parece estar tanto no questionamento que ofereça dos discursos de verdade, mas em não ter condições internas, no próprio tipo de verossímil que atualiza, de se tornar verdade. (COSTA LIMA, 1989, p. 105-106).

E é por tal viés interpretativo, que situamos esta análise sobre o discurso do romance, em referência aquele breve e isolado capítulo da imigração italiana em território nacional. Ao rememorar um período de intensas campanhas propagandistas veiculadas na Europa, que visavam o desenvolvimento econômico e populacional das regiões interioranas do Brasil, Miguel Sanches Neto (2005a) reporta-se ainda à forma como esse discurso propagandista influenciou e se inscreveu na perspectiva ideológica daquele grupo de imigrantes italianos, que abandonaram sua pátria com suas aspirações anarco-socialistas. Segundo explica, ao recorrer ao uso das cartas, as quais são recriadas pela sua autoria, quis assim configurar um sentido estrutural ao romance de modo a construir, pelo discurso, duas vias interpretativas sobre o episódio anarquista ocorrido na Colônia Cecília.

Nas cartas sobressaem as ideias afirmativas, a versão oficial dos fatos, a certeza quanto aos experimentos sociais – Rossi era fruto de um pensamento cientificista. Nos capítulos, aparecem os fatos tal como eles podem ter acontecido, com os erros, os recuos, as brigas. Há uma constante oposição entre o discurso propagandístico e a prática social, desvelando a distância entre eles. (SANCHES NETO, 2005b)⁶.

⁶ Idem p. 12.

Portanto, de acordo com o já referido pressuposto de White (1994), de que a história se correlaciona com a linguagem por meio do discurso, destacamos como uma característica marcante dessa obra a preocupação do autor quanto ao emprego da linguagem distinta dos romances que privilegiam o uso de arcaísmos como forma de representar o acontecimento histórico.

Marilene Weinhardt (2011), em referência aos estudos de Lukács (1972), aponta o uso da língua como um problema ainda pendente de resolução na ficção histórica contemporânea. A crítica já evidenciada na obra do importante crítico literário do século XX condena a atitude de alguns escritores de tentar imprimir maior fidelidade ao passado histórico pelo viés da reprodução de arcaísmos como forma de representação de extratos sociais específicos, em tempo e espaço também selecionados.

E assim, tomamos o discurso ficcional da obra de Miguel Sanches Neto (2005a), como um paralelo ao discurso histórico, como um desses terrenos da linguagem em que o sentido do acontecimento histórico nos remete a atualização sobre o conceito de nacionalidade vigente na produção contemporânea, conceito esse, bastante inverso aos critérios do romantismo e do modernismo.

Ainda sobre esse aspecto da história regional e nacional retratada na e pela literatura, é possível constatar, ao longo do tempo, que muitas tramas narrativas têm se reportado, em especial, à narração das histórias dos imigrantes em solo brasileiro. No campo da História também há uma extensa produção de obras autorais específicas sobre o tema da imigração ou publicadas em compêndios didáticos da história oficial, as quais narram sobre os feitos de bravos e renomados aventureiros, descobridores da natureza selvagem e recôndita do país, aqueles que fundaram povoados nas regiões mais ermas do extenso território brasileiro, as quais mais tarde, tornaram-se grandes cidades, grandes capitais ou grandes estados da nação. Segundo Reis (1999), na obra *As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*, do período de 1850 a 1930, essas produções partem da história político-administrativa e biográfica de Varnhagen para “uma nova história” (BURKE, 1991) centrada em uma visão de construção nacional mais preocupada com a

condição econômica-social-mental dos sujeitos que formam o corpo social. José Carlos Reis destaca ainda que a essa última corrente filia-se Gilberto Freyre como um dos pioneiros. Segundo explica,

[...] em 1850, Varnhagen formulava uma visão ainda portuguesa do Brasil, enfatizando a ação da família real; Freyre, em 1930, enfatizando a ação da família rural, formula uma visão luso-brasileira do Brasil, a visão das elites descendentes dos descobridores, que admiram e reverenciam a memória daqueles que criaram este mundo nos trópicos para ela. Há também uma diferença teórico-metodológica essencial: nos anos 1850, predominava uma história político-administrativa e biográfica, valorizando as ações e documentos oficiais; nos anos 1930, aparece uma "história nova", econômico-social-mental, que valoriza as iniciativas coletivas, anônimas, inconscientes, não-oficiais, reveladas por uma documentação maciça, múltipla, interdisciplinar. Freyre é um dos pioneiros dessa nova história. (REIS, 1999, p. 71-72).

Ao contrastar a narrativa de Sanches Neto (2005) com essas narrativas e também ao embasar a sua análise na correlação estabelecida por White (1994), parece-nos ao menos palpável a interpretação de que na linguagem empregada por Miguel Sanches Neto (2005a) na fala dos *personagens de Um Amor Anarquista* reflete o discurso sobre a existência de um conceito de nacionalidade, cuja preocupação está voltada para a reparação ou para a supressão das desigualdades e das injustiças sociais. Preocupa-se não apenas com a condição social dos cidadãos, mas com a sua condição humana. Preocupa-se com a minoria social em desvantagem em relação à cultura dominante.

Diferentemente do viés histórico, que sempre procura evidenciar os aspectos: étnico, linguístico, cultural, histórico ou religioso, o discurso empregado pelas personagens de Miguel Sanches Neto (2005a) repercute as contribuições daqueles estrangeiros no processo de desdobramento da cultura agrícola, proveniente do meio rural regional para a cultura industrial, do meio urbano.

Esse mesmo discurso evidencia ainda o surgimento de uma cultura diferenciada dos padrões estabelecidos em solo paranaense, padrões esses que sempre estiveram regidos sob os fundamentos da ideologia do cristianismo

católico e da cultura dominante, fundamentos também predominantes no processo de construção da nacionalidade brasileira.

Sob o aspecto ideológico do nacionalismo, Dante Moreira Leite (2002) o concebe como uma mera justificativa praticada por grupos que através dele pretendem legitimar conflitos pré-existentes, seja no âmbito político, religioso, econômico ou cultural.

A versão literária, aqui colocada em pauta, não trata especificamente dos grandes nomes representativos de uma ordem de personalidades históricas que deixaram suas contribuições para a cultura regional ou nacional, apenas parodia os fatos históricos presentes nos resquícios de um passado que ainda interage com o presente, considerando-se que essa seja uma versão histórica do passado, segundo define Miguel Sanches Neto (2005b)⁷, em que o sentido seja o de levar o leitor a uma versão da história que por ele ainda é desconhecida. Com base nessa afirmação, o sentido da interpretação literária dos fatos históricos ocorridos na Colônia Cecília é o de conhecer e compreender a versão daqueles estrangeiros que lá vivenciaram, muitos dos quais integraram as camadas populares e, mais especificamente, integraram o movimento social anarquista em meio a todas as suas contradições. E a partir disso, tentar compreender os interditos, os silenciamentos/apagamentos produzidos em torno do acontecimento vivido na Colônia Cecília.

No romance *Um Amor Anarquista*, a questão da nacionalidade pode ser interpretada a partir da sua associação ao fenômeno do desenraizamento dos sujeitos. Segundo a percepção de Sanches Neto (2011b)⁸, sua obra ressalta o universo social de seres desterritorializados, pois representa em suas personagens o mundo social de sujeitos em conflito entre dois espaços: o espaço perdido, que no caso da obra em análise, é a terra de origem, a Itália e

⁷ Idem p. 12.

⁸ SANCHES NETO, Miguel. *Sujeitos Leitores*. [Ago. 2011]. Entrevista IV. [Ago. 2011]. Entrevista concedida ao projeto Mídia-Educação do Colégio Medianeira, de Curitiba. O conteúdo é sobre como nasceu o leitor e o escritor Miguel Sanches Neto. (9':19" min.) A entrevista na íntegra está disponível no site eletrônico:

http://miguelanchesneto/autor/entrevistas_detalhes_multimidia/58/sujeitos_leitores

o espaço vivenciado na obra, ou seja, o micro-espaço que é a região de Palmeira, no Paraná, a Colônia Cecília.

Portanto, conforme nossa abordagem, trata-se de um texto que remete o leitor a refletir sobre as implicações desse acontecimento histórico no processo de construção da nacionalidade. Tal como as fontes literária e histórica deixam transparecer, nasce também a partir do movimento anarquista uma atitude mais crítica dos sujeitos em relação ao pensamento, patriótico, ufanista ou saudosista de caráter homogeneizador e elitista. Em seu lugar surge a busca pela auto-afirmação política e cultural de sujeitos heterogêneos. E isso é construído pelo autor por meio de uma perspectiva bem antagônica ao romance histórico do século XIX, período que segundo Antonio Candido (1997), o ufanismo e a busca por traços definidores da natureza da nação e da identidade singular de seu povo eram alguns dos motes principais para o desenvolvimento dos enredos ficcionais.

Outra crítica apontada por Georg Lukács (1972) e retomada por Weinhardt reside no empobrecimento de certos romances históricos quando são resultados da incorrência do escritor em não explorar com propriedade a relação entre o passado histórico e o tempo presente. Além disso, há também a referência ao mesmo empobrecimento no que tange ao pouco destaque dado pelos escritores, em suas narrativas históricas, aos acontecimentos e às ações populares.

Nesse sentido, cabe destacar na obra de Miguel Sanches Neto (2005a) a atualização quanto ao uso da linguagem livre de arcaísmos, conforme antes fora mencionado, e a importância dada aos personagens das camadas populares. Diferentemente dos problemas apontados por Lukács e Weinhardt, o escritor de *Um Amor Anarquista* evidencia a narrativa dos acontecimentos e as ações do povo, de uma classe social marginalizada, sem precisar incorrer ao uso de expressões arcaicas como recurso à fidelização ao passado.

Portanto, sob o rastreamento dessa linguagem, que ora pretendemos realizar, não são somente o autor ou a obra que respondem pelo ato da revisão do passado, mas sim uma tríade, onde o leitor também é parte responsável, por intermédio dos dois primeiros, aos quais somará seus critérios de

valoração, seu juízo moral, para enfim chegar a uma interpretação possível entre outras variantes, como afirma Umberto Eco (1991).

Ainda de acordo com a afirmação do crítico literário, pode-se sugerir uma perspectiva de leitura do romance de Miguel Sanches Neto (2005a) como sendo a leitura de um discurso ficcional não só do passado histórico como também sobre o momento histórico em que vivemos. E nessa linha de pensamento, a compreensão deste discurso requer a transformação do leitor em um intérprete questionador acerca da cultura regional e nacional, refletindo sobre o processo contínuo de construção de uma verdadeira consciência de nação, livre de preconceitos e de práticas marginalizantes.

Dentre a ficção literária brasileira produzida na contemporaneidade, o romance de Miguel Sanches Neto (2005a) se aprofunda no universo da busca daquele grupo de colonos italianos pelo seu ideal. Os primeiros capítulos não epistolares do romance são narrados de forma anacrônica e em primeira pessoa pela voz da *persona* ficcional, o médico-veterinário Giovanni Rossi. Isso se faz em referência a seu homônimo, *persona* histórica, o qual é o protagonista da história oficial. O paradoxo entre a versão histórica e a narrativa literária se estabelece na dualidade discursiva dessas duas vozes, presentes nas cartas inventadas pelo autor do romance e ao longo da narrativa ficcional. Esse paradoxo também é reforçado pelo discurso das demais personagens periféricas, as quais imprimem maior dramaticidade à trama. Segundo Miguel Sanches Neto (2005b)⁹, esse estilo de composição segue também um modelo anárquico e funciona como um artifício para mergulhar o leitor em um ambiente desconhecido da história.

É também interessante observar que tal recurso de linguagem empregado na obra abre maior possibilidade para o leitor fazer seus próprios questionamentos e reflexões, evidenciando a estreita preocupação do autor para com a sua relação com este. Por essa razão, destacamos ainda o caráter de flexibilidade estrutural da obra, sugerindo-a, tal qual defende Luiz Costa Lima sobre a relação entre literatura e história (2010, p. 266), como um tipo de “escrita e de linguagem abertas e perpassadas pelo real.” Parafraseando Costa Lima, poderíamos associar a escrita de *Um Amor Anarquista* com esse tipo de

⁹ Idem p. 12.

linguagem que se abre para o universo dos dramas humanos, tendo que para isso, perpassar por alguns elementos do real.

O embricamento entre a narrativa ficcional e a história dos fatos também é discutido pelo historiador britânico Eric Hobsbawm em um ensaio crítico, no qual debate sobre a revalorização dos acontecimentos e do ressurgimento da narrativa com Lawrence Stone, um de seus contemporâneos. Eric Hobsbawm afirma que na história narrativa

o evento, o indivíduo e até a retomada de algum estilo ou modo de pensar o passado, não são fins em si mesmos, mas meios de esclarecer alguma questão mais ampla, que ultrapassa em muito o relato particular e seus personagens. (HOBBSAWM, 1998, p. 202).

A partir desse pressuposto e tomando a linguagem literária empregada por Miguel Sanches Neto, podemos relacionar a retomada do evento vivido na Colônia Cecília e da figura histórica de Geovanni Rossi como um desses meios, no qual o discurso ficcional opera, e que sob a pena do escritor, transcende o cientificismo característico da pesquisa e do registro das fontes oficiais, para contrapor-se à versão histórica do fato e como uma fonte de leitura alternativa para se repensar o passado.

Importante ressaltar ainda que, diverso do discurso histórico, que possibilita a tomada de conhecimento sobre um acontecimento em determinado recorte espaço-temporal. Esse mesmo discurso ficcional amplia a visão de mundo do leitor ao trazer consigo a questão da ideologia político-cultural presente no pensamento anarquista, que propõe o rompimento com o modelo de organização social em vigor naquele momento histórico. Ao estendermos a leitura da obra *Um Amor Anarquista*, para estabelecer com ela, um exercício de reflexão sobre o presente, verificamos que muitos resquícios daquele modelo ainda imperam na sociedade contemporânea, tais como, o egoísmo, os relacionamentos estáveis sob os moldes da cultura tradicional, a exploração, a pobreza, a religiosidade, e a luta pela terra e por melhores condições de vida.

Em sua definição, a história narrativa é uma vertente da historiografia e essa vertente narrativa representa a preocupação de um grupo de historiadores

em levantar, por meio do também ressurgido interesse pelos temas marginais, uma forma de explicação sobre as sociedades humanas e sobre o seu processo evolutivo, bem como, explicar as diferentes mudanças nas formas de pensar e de se apresentar o passado, de forma distinta ao tratamento dado pela história fundada exclusivamente no critério quantitativo, com base no estatuto científico, o qual caracteriza como generalizante.

De forma análoga, atua Miguel Sanches Neto (2011c)¹⁰ ao configurar o romance como uma narrativa densa em sua dramaticidade e em seu lirismo sem nostalgia, empregando para isso uma linguagem bastante próxima do falar comum do seu leitor. Recursos esses que, segundo o próprio autor afirma, são os reflexos de sua preocupação em compreender a contemporaneidade, de modo a ampliar a visão de mundo do leitor.

O que se pauta em sua visão de escritor não é exatamente o registro histórico dos fatos vividos selecionados pelo seu olhar de escritor, o que lhe interessa é saber como esses fatos serão retratados na ficção literária e como eles afetaram os sujeitos em sua condição humana. O que o distingue do enfoque científico dado pela pesquisa histórica. E prosseguindo com tal raciocínio pela linha contínua do tempo, o autor explica que os problemas que afetam a condição humana continuam sendo os mesmos, que esta poder sofrer variações de superfície, que ela se modifica na sua aparência, ao longo do tempo e da história, mas que a sua essência ainda continua sendo a mesma.

2.3 O ANARQUISMO E A NEGAÇÃO DO PODER

O movimento anarquista teve início na Europa entre o século XVII e o século XVIII. No Brasil, o movimento teve início em 1850 com a vinda dos

¹⁰ SANCHES NETO, Miguel. *Encontros de Interrogação*. Entrevista V . [Nov. 2011]. Entrevista concedida ao projeto Itaú Cultural. O escritor fala de sua relação com a leitura e com a geração de escritores, da marca de sua literatura e de seus personagens. (8':18" min.) A entrevista na íntegra está disponível no site eletrônico:

<http://www.youtube.com/watch?v=LOpWGuvL4k>

imigrantes europeus. A Colônia Cecília foi uma das suas principais representantes, em Palmeira, no Paraná.

Pelo entrecruzamento discursivo entre língua e fala, são narradas as transformações ocorridas com os colonos anarquistas na sua relação com a própria individualidade e na sua interação com as individualidades dos outros sujeitos, em decorrência do compartilhamento do mesmo espaço social. Por semelhante processo, o texto ficcional descortina as inversões de sentido, contradições e interditos que o discurso histórico de cunho político-administrativo promove em relação às questões sociais, principalmente, no que se refere aos grupos organizados e ao movimento de luta anarquista contra a ideologia do Estado e o poder das classes dominantes.

Miguel Sanches Neto (2005c)¹¹ considera a possibilidade de que o episódio vivido na Colônia Cecília 'não esteja presente na história viva do Paraná e do Brasil porque ela ficou desconhecida, dando lugar a clichês'. Essa afirmação do autor se assenta no estudo histórico feito por Candido de Mello Neto (1998), o qual aponta que o desenvolvimento ocorrido no Paraná nas esferas populacional, orçamentária, agrícola, industrial, educacional e cultural o diferencia muito daquele estado do século XIX. Essas diferenças distanciam o passado histórico da memória atual por esse processo de transição econômica e cultural.

Um número apreciável de descendentes da Colônia Cecília vem contribuindo para essa feição atual do Estado. Nos últimos cem anos, quatro ou cinco gerações, nele estabelecidas, fizeram raízes. Alguns chegaram a esquecer sua história; outros empolgados com sucessos materiais, apenas vivem o esplendor atual, sem tempo para deslindar experiências e ensinamentos do passado que, não obstante, foram-lhes transmitidos. A maioria preserva a memória do pouco que lhe foi passado, não raramente fantasiando os acontecimentos a seu gosto e interesse, mesclando sua própria fantasia com as quimeras dos romancistas. (MELLO NETO, 1998, p. 262).

A memória do experimento anarquista vivido em solo paranaense passou por um processo de silenciamento/apagamento na memória social, tanto de italianos como de brasileiros por meio desses "clichês", durante mais de um século. Candido de Mello Neto (1998, p. 262) também questiona sobre o

¹¹ Idem p. 11.

que o Paraná, “como um todo, ainda se recorda da experiência anarquista”, e se “a memória paranaense reservou espaço para a experiência anarquista de Palmeira, e para o seu idealizador Giovanni Rossi”. E a partir disso, faz um inventário das produções históricas, artísticas, acadêmicas, políticas e literárias que constituem o acervo desse elemento memorialístico. Seu trabalho, portanto, também tem por objetivo minimizar os efeitos de apagamento/silenciamento que as diferenças decorrentes de um processo histórico de desenvolvimento econômico e cultural incutiram nas mentalidades, tanto em nível regional como nacional, conforme justifica.

Procuramos com certo “comando anárquico”, acompanhar o sonho de Giovanni Rossi, apresentando-o ao público brasileiro cerca de cem anos depois de sua passagem por aqui, onde até hoje sua imagem está envolta em mistério e desconhecimento. (MELLO NETO, 1998, p. 21).

Pelo menos no nível do discurso, essas produções são também responsáveis por estabelecer uma espécie de reaproximação entre a sociedade daquele período determinado e a sociedade contemporânea. Isso porque esta mesma memória se encontra, agora, com uma atualidade: a produção do romance historiográfico *Um Amor Anarquista*, como uma espécie de efeito de retomada daquelas questões tão polêmicas para a época quanto as poderíamos supor se elas fossem (re)contextualizadas no presente, ainda que resguardados todos os aspectos de modernidade do século XXI.

Como já mencionamos, desde a composição estrutural, o romance de Miguel Sanches Neto se insere na discussão sobre o anarquismo, como forma de levar o leitor a refletir sobre os condicionamentos históricos que afetaram o ideal de se implantar um modelo de organização social fundamentado no sistema anarco-socialista. O autor procura destacar em sua linguagem literária a força de argumentação de homens e mulheres que lutavam por tal ideal (SANCHES NETO, 2005b)¹², força essa que sucumbe ante a fraqueza humana, particularmente exacerbada pelo egoísmo e pelo amor romântico.

Ao proporcionar esse posicionamento reflexivo, Sanches Neto (2005a) amplia a leitura da sua obra, pois aproxima filosoficamente o leitor à discussão de Michel Foucault (1979) sobre a necessidade de pensar as condições sócio-

¹² Idem p. 12

históricas, tais como, a existência de uma rede de micro-poderes. Nela, o poder do estado não pode ser visto como um processo global e centralizado de dominação que se exerceria em diversos setores da vida social, mas sim que funciona como uma rede de dispositivos ou mecanismos que atravessam toda a sociedade e da qual nada nem ninguém escapa.

Trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violentos. (FOUCAULT, 1979, p. 182).

Sob os artifícios da ficção contemporânea, Miguel Sanches Neto (2005a) desliza daquilo que se conhece a partir do pensamento histórico, em direção a uma versão ainda desconhecida, construída a partir do indiciamento de possibilidades. Com isso, reproduz o discurso sobre o ideal de liberdade experimentado pelo grupo de imigrantes anarquistas, o qual é materializado na prática do amor livre. Este ideal também é perpassado e será corroído por aquele poder microfísico proposto por Foucault. Conforme se revela no discurso da obra, este é o tipo de poder que subjaz nas práticas tradicionais e nos preconceitos manifestados no conjunto das interações sociais daqueles sujeitos e que culminou com os conflitos internos e o fim do experimento proposto por Giovanni Rossi.

Esta reflexão também se assenta na explicação de Salvo Vaccaro (1995, p. 10) sobre o pensamento foucaultiano acerca da análise que desliza para uma perspectiva de vínculo do presente com as condições sócio-históricas. Esse aspecto da utilização teórica traz à tona a discussão sobre como as relações de poder dominantes se concretizam no sentido de subtrair e libertar os sujeitos, em uma perspectiva analítica que se interessa por desvendar os “horizontes antes velados”.

Podemos então, a partir desse pressuposto, ainda em relação ao pensamento foucaultiano considerar que a linguagem contida no romance *Um Amor Anarquista* está inserida neste mesmo nível de reflexão, como uma forma de pensamento amadurecida sobre esse passado histórico que se deslocou

das evidências factuais, dos registros oficiais, para uma forma de pensamento outra.

Portanto, em uma análise descendente com base pensamento foucaultiano percebe-se que as relações de poder são estabelecidas entre os níveis mais baixos daquele modelo de organização social praticado pelos colonos anarquistas. Ou seja, os micro-poderes que as atravessaram em uma análise relacionam-se com a estrutura mais geral do poder que seria o Estado. Tal investigação pressupõe o estudo sobre os resquícios do passado no que diz respeito à formação das massas e às formas de controle social.

Margareth Rago (2002, p.16-19) também procura fazer uma aproximação entre as preocupações filosóficas e os posicionamentos políticos de Michel Foucault e da poetisa e escritora italiana Luce Fabbrì acerca do pensamento libertário e da crítica ao marxismo e ao liberalismo por meio da revisitação da história do Anarquismo, contando-a sob um novo ponto de vista com o propósito de “acertar contas com o passado”, pensando o presente com novos instrumentos conceituais e assim “captar a historicidade dos acontecimentos”. Para tal efeito, Rago (2002) conclui que os posicionamentos desses dois autores, os quais apesar de não se identificarem como anarquistas, tanto na filosofia como na literatura, manifestam sua preocupação em reatualizar a história do anarquismo como uma forma de diagnosticar e solucionar os problemas do presente.

Conforme se comprova no trecho anterior, a preocupação em relacionar acontecimentos entre o passado histórico e as questões sociais do presente é uma tônica constante no diálogo entre as várias disciplinas do conhecimento humano. Contudo, segundo Halbwachs (2004), é impossível restituir e ordenar de modo preciso as imagens passadas no percurso de atualização histórica. Dessa forma, Miguel Sanches Neto (2005a) reatualiza a questão do anarquismo por meio das lembranças que são suscitadas em *Um Amor Anarquista*, lembranças que são simulações, recriadas de modo incompleto ou indistinto pelo autor acerca da história, e sob o ponto de vista daqueles imigrantes italianos.

Por isso, as lembranças simuladas pelo autor do romance, por meio das cartas e da narrativa paralela, não pretendem buscar a “verdade histórica”, mas partem de uma memória ficcional, a do imigrante italiano Giovanni Rossi e de tantos outros sujeitos que com ele participaram do experimento socialista. Rossi, personagem central da trama foi um elemento essencial para a articulação do discurso sobre o anarquismo e o socialismo, não só no plano histórico como também no plano ficcional.

Miguel Sanches Neto (2005a) insere esse tipo de memória na linguagem do romance, pois reflete sobre os conflitos morais, psíquicos e ideológicos entre os membros desse movimento e entre estes e as classes sociais dominantes daquele período, numa dimensão micro e macro espacial. Conforme afirma em suas entrevistas, os seus romances representam a realidade brasileira e as questões sociais do seu país. Nas palavras do autor, o anarquismo vivido na Cecília serviu como um laboratório que representou um grande avanço para a questão social da liberdade feminina. Embora mostre as imperfeições de um projeto social, *Um Amor Anarquista* representa, pela ficção, “o testemunho de um grupo que ousou romper com tudo”. (SANCHES NETO, 2005b)¹³.

O autor do romance problematiza em seus personagens o drama humano de sonhar e desejar ver os seus sonhos concretizados em meio ao confronto com a realidade. As lembranças suscitadas pela sua invenção criativa conduzem o leitor a determinado movimento reflexivo que implica em um constante jogo de dualismos, os quais por sua vez, revelam a não vinculação dos sujeitos personagens da obra a um determinado espaço. Fenômeno esse que também é inerente ao processo evolutivo da sociedade, conforme discutem Alain Touraine (1994) e Stuart Hall (2006).

O grupo anarquista vivencia o problema da não vinculação ao espaço, e talvez por isso, além do desejo de fuga daquela dura realidade de pobreza e miséria enfrentadas tanto na Itália quanto no Brasil, seus integrantes se prendam mais às lembranças que criam e recriam a realidade. Lembranças que farão parte do que será reservado para retratar a memória histórica daquele quadro social.

¹³ Idem p. 12

Maurice Halbwachs (2004) destaca que os eventos que constituem a lembrança do passado necessitam de reforço e complementação junto à memória coletiva, pertencente a grupos maiores ou menores. Sob esse aspecto, detém sua análise sobre os quadros sociais que retratem a constituição da identidade nacional do indivíduo para observar em que ponto a história pessoal se mescla à história nacional; até que ponto os sentimentos significam mais que os acontecimentos históricos. (HALBWACHS, 2004, p. 85).

Miguel Sanches Neto se aproxima dessa perspectiva, mais especificamente pela sua preocupação em representar os sentimentos daqueles sujeitos.

De acordo com Candido de Mello Neto (1998) a relação da história pessoal daqueles imigrantes, bem como de Rossi e das suas teorias socialistas com a nacionalidade brasileira e a memória coletiva se estabelece na influência exercida por eles. Isso ocorreu na disseminação de suas ideias e de práticas sociais que resultaram na organização de classes, no desenvolvimento econômico do Paraná e no desenvolvimento do Brasil. Suas ideias foram discretamente influenciando o pensamento e o comportamento social coletivo, alcançando as gerações posteriores. Mello Neto (1998) também destaca a relação daquela experiência como um “tronco imigratório”, cujo reflexo é o cosmopolitismo paranaense.

A Colônia Cecília, além de contribuir para o fluxo imigratório italiano, foi mais longe. O imigrante ceciliano não era *emigrante* comum, trazia consigo, por mais humilde que fosse, uma semente de cidadania, uma aspiração a, mais que a simples vontade de vencer a miséria econômico-financeira; carregava um ideal, convertido em esperança, de transformação social para preparar um novo mundo. (MELLO NETO, 1998, p. 251).

Apesar de já haver transcorrido mais de um século de história desde a fundação da Colônia Cecília, e de o Estado e o país terem conquistado grandes riquezas e avanços tecnológicos importantes, essa “semente de cidadania” ainda não brotou para todos; muitos ainda lutam para vencer o mesmo tipo de miséria e também sonham com as transformações sociais. Esse é o fluxo do pensamento contínuo que liga aquelas individualidades históricas aos sujeitos contemporâneos.

Por isso, as produções de Candido Mello (1998) e Sanches Neto (2005) se ocupam de fazer o registro do passado; o primeiro, pela linguagem historiográfica, segundo o critério de “verdade histórica”, o último, pela linguagem e estética literária.

Segundo Candido de Mello Neto (1998), com o desdobramento temporal do experimento vivenciado pelos colonos anarquistas, o receio da perseguição política causou, em certa medida, o efeito de silenciamento do assunto e, em função disso, o empobrecimento da história de sua existência.

O anarquismo, como movimento político, passou a ser temido e perseguido. O Brasil não ficou à margem das pressões européias. É bastante compreensível que a primeira geração de descendentes, em virtude das pressões políticas, sociais e culturais e religiosas, além das especificamente policiais, fosse mantida por seus pais afastada da intimidade da experiência e de seus pendores doutrinários. Talvez, pelos mesmos motivos, os arquivos familiares dos descendentes, até agora pouco contribuíram para enriquecer a história. (MELLO NETO, 1998, p.100).

No trecho acima citado percebe-se claramente a atuação dos poderes microfísicos, agora não mais no campo da ficção, mas no contexto histórico, com vistas à supressão de qualquer forma de pensamento ou atitude contrários ao poder dominante. Contudo, apesar de todas as formas de sufocamento, os ideais anarquistas permanecem, enquanto memória. São lembranças permeadas por um sentimento de pertença. Enquanto história, não passam de um apanhado de acontecimentos passados que são escolhidos, aproximados e classificados para se tornarem esquemas didáticos.

A narrativa de *Um amor Anarquista* se enquadra em outra esfera, uma memória individual ficcionalizada, tendo em vista que o autor parte da observação de poucos elementos extraídos dos registros oficiais deixados por Giovanni Rossi. Entretanto, esse tipo memória também é paradoxal, porque por meio de um jogo entre o passado e o presente, permite aos sujeitos leitores refletirem sobre si mesmos, sobre suas aspirações ideológicas, sobre suas lutas cotidianas, sobre seus dramas pessoais e fragilidades, a partir de um sentimento de pertença. Tal como define Sanches Neto (2011b¹⁴) tal como

¹⁴ SANCHES NETO, Miguel. *Seres desenraizados*. Entrevista III. [Jan. 2011]. Entrevista a Evângelo Gasos. Editora Record, 2011. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo

acontece na sociedade contemporânea, seus personagens “são seres desenraizados. Mas que sonham com raízes”.

E parece ser nestes domínios que a história recorre à literatura e esta, por sua vez, perfaz o caminho inverso. O autor do romance *Um Amor Anarquista* compõe a representação ficcional do espaço paranaense na história da colonização do Brasil, como forma de atualizar o discurso sobre o experimento anarquista e sobre o passado da imigração italiana nesse espaço geográfico determinado. Diferentemente das versões totalizadoras, essa é uma versão que busca o entendimento a partir da desconstrução dos discursos e das relações de poder que neles estão impregnadas.

Portanto, faz-se necessário retomarmos a discussão de Foucault acerca da crítica ao totalitarismo e à representação do poder como atravessamento microfísico. O filósofo francês se preocupa em construir uma concepção libertária e discutir a proposta da constituição de um sujeito subjetivo como meio de conquista da autonomia. Essa concepção rejeita a história antropológica, pois reconhece nela aspectos ilusórios no trato investigativo-interpretativo dos acontecimentos do passado. Isso se atribui à lógica de que a versão antropológica se baseia na memória, o que para o entendimento do filósofo possui um caráter depreciativo em relação a esse tipo de embasamento, visto que esse se reduz em reminiscência, ao mero reconhecimento do passado. Esse tipo de tratamento, por sua vez, resulta na produção de discursos pautados em esquecimentos, os quais produzem o fenômeno da exclusão e incidem sobre os problemas do tempo presente, tais como, a liberdade, a igualdade e a justiça social. (RAGO, 2002).

Com base nesse pressuposto, o pensador francês demonstra que o estudo acerca do passado com base no estatuto memorialístico constitui-se no seguinte problema: sendo a memória um produto das reminiscências, não seria o critério mais apropriado. Entretanto, a historicidade fundamentada nos princípios da antropologia corrobora para a construção da noção de identidade de um sujeito unitário e racional, assim como o faz com a construção da noção de passado enquanto desdobramento constante dos acontecimentos históricos em uma linha de continuidade deste em direção ao presente.

C dessa dissertação.

Esse jogo de sinais deve corresponder à mecânica das forças: diminuir o desejo que torna o crime atraente, aumentar o interesse que torna a pena temível; inverter a relação das intensidades, fazer que a representação da pena e de suas desvantagens seja mais viva que a do crime com seus prazeres. Toda uma mecânica, portanto, do interesse de seu movimento, da maneira como é representado e da vivacidade dessa representação. (FOUCAULT, 1999, p. 126).

Também o autor de *Um Amor Anarquista* segue essa tendência de criticidade em relação ao totalitarismo da subjetividade e à racionalidade. E, em relação ao que se prega como passado oficialmente reconhecido acerca do processo imigratório em território paranaense e em âmbito nacional, Miguel Sanches Neto subverte essa ordem, narrando as mazelas sociais sofridas por um grupo de imigrantes que ousou confrontar com seus princípios anarquistas e socialistas o regime social fortemente instituído; por outro lado, desnuda por meio dos interditos nas falas de seus personagens os dizeres silenciados e/ou apagados da memória coletiva acerca do episódio experimental anarquista em solo brasileiro. Do produto dessas reminiscências, restou aos descendentes da Colônia Cecília, aquilo que não mais interessa ser recuperado da história e que não se refere propriamente à questão do amor livre, mas sim, ao temor de “uma desapropriação daquelas terras que lhes pertencem legitimamente”. (SANCHES NETO, 2005c)¹⁵. O romance, em sua linguagem narrativa, critica a perspectiva que denota a construção imagética de um passado impoluto e venerável, por meio de discursos que eliminam os conflitos de forças que rivalizam pelo poder. Isso já se reflete na visão genealógica, proposta por Michel Foucault, a qual questiona esse discurso da “origem nobre” do passado e seus desdobramentos até o presente, buscando interpretar seus sentidos mais profundos e expondo suas proibições, exclusões e limitações. (RAGO, 2002). A referência a esse aspecto pode ser encontrada neste trecho de uma das cartas de Giovanni Rossi.

Terei contra mim a fama de baderneiro que os anarquistas conquistaram aqui, um pouco por espíritos levianos, um pouco por preconceito. Desvincular-se desta imagem talvez seja tarefa mais difícil do que a de fundar este pequeno país anarquista de duzentos hectares, que agora deixo ao seu destino. (SANCHES NETO, 2005a, p. 222).

¹⁵ Idem p. 11.

Entretanto, diferentemente do que o trecho narrativo denota os silenciamentos e apagamentos decorrentes da memória sobre o episódio ceciliano não residem puramente no preconceito, mas no interesse econômico privado, relativo à propriedade daquelas terras e a sua quitação.

2.4 O PARANÁ E A IMPLANTAÇÃO DO PROJETO ANARQUISTA

O cenário histórico ambientado no romance, conforme já dito, retrata o Brasil do final do século XIX. Segundo o historiador Flávio dos Santos Gomes (2005), após a abolição da escravidão, logo ocorreu a Proclamação da República e a instauração dessa nova forma de governo, em 1889.

Nesse período também aconteceu política do governo brasileiro de formação do território nacional e de desenvolvimento econômico que favoreceu aos imigrantes a possibilidade de estes adquirirem suas próprias terras para o cultivo.

Vislumbrado o panorama histórico e político daquele período no que diz respeito ao contexto macro estrutural, passamos agora a discorrer brevemente sobre o processo de construção da identidade cultural e sobre o processo de expansão territorial e formação humana no estado do Paraná. Esse momento decorre de muitas transformações, as quais também são reproduzidas no discurso do romance de Miguel Sanches Neto.

Seguindo o fluxo das transformações ocorridas, Hardman (2002, p. 275) explica que na narrativa literária existe a preocupação de se “ênfatizar o esquecimento operado pela memória da história dominante”, a qual sempre pautou pelo relato “factual e personalístico”, bem como a preocupação de investigar os efeitos dessa prática historiográfica

[...] por meio da literatura. Isto é, realizar um trabalho meio arqueológico, meio historiográfico, de todos os modos obstinado, de recolher os sinais dessa história subterrânea, expostos nos sedimentos fragmentários de camadas abruptas e superpostas de historicidades que se viabilizam nos canais variados da criação literária. (HARDMAN, 2002, p. 282).

E assim, salvo os seus condicionamentos estéticos, o romance pode ainda ser lido como uma forma também possível de se compreender um capítulo do processo imigratório no Paraná. As idéias, imagens e práticas dotadas de significados, então representadas na obra, articulam como instrumento para o leitor revisar a interpretação histórica sobre o passado da imigração italiana e as suas contribuições para a formação da cultura e da identidade, não só regional como também nacional, bem como os elementos daí remanescentes, tais como valores atribuídos a sua terra e a sua relação com o trabalho.

Essa mesma particularidade pode ser atestada, segundo uma análise feita sobre os estudos de Candido de Mello Netto (1998) sobre os registros oficiais de Rossi, onde o pesquisador destaca um relatório publicado em Livorno, na Toscana, sobre o empenho do cientista social em descrever as riquezas naturais e culturais do estado paranaense e da nação brasileira, assim como a experiência acumulada no contato com a nova terra: “O paranaense é hospitaleiro no sentido amplo e restrito da palavra. Ele deseja a imigração e a acolhe com simpatia, ao contrário do que fazem os argentinos e os chilenos”. (ROSSI, 1891 *apud* CANDIDO MELLO, 1998, p. 135). E em outro trecho do relatório, cuja natureza também se prestava ao teor propagandista da política imigratória, Rossi assim descreve o Brasil: “No meio deste belo país, talvez muito prolixamente descrito, entre essa população gentil e afável, sobre o alto de aprazível colina, estabelecemos nossa Colônia Socialista Cecília, fronteada por quatro vigilantes palmeiras tendo ao lado um rico laranjal”. (ROSSI, 1891 *apud* CANDIDO MELLO, 1998, p. 135).

Além disso, em uma dimensão mais ampla do cenário político e cultural nacional, o romance retrata um momento da história regional em que o ideário anarquista atua dentro e contra uma sociedade de classes, as quais se organizam sob a tutela do poder político e ideológico do Estado. Paradoxalmente, na passionalidade de sua luta, os anarquistas não se identificam como parte dessa organização de classes. E é, portanto, contra esse regime hegemônico, disciplinador e excludente que o anarquismo instala o clima de denúncia e combate.

No que tange ao aspecto intertextual da obra com a história, aprofundaremos na apresentação do contexto social da imigração italiana no Brasil, no qual a narrativa está ambientada. O início da atividade imigratória, assim como a instalação das primeiras colônias públicas e privadas no Paraná se deram no início do século XIX, em 1829. Havia nesse período a necessidade da produção de suprimento alimentício, da substituição da mão-de-obra escravocrata e da ocupação das regiões interioranas mais distantes geograficamente da capital. Além disso, essas questões coincidiam com o projeto do governo imperial em acelerar a política de branqueamento da população do país e de fortalecer a presença brasileira em toda a extensão das fronteiras do território nacional. Desse modo, desenha-se no período imperial o perfil político adotado como ideal para a construção da identidade nacional, o qual foi encampado pelo regime de governo subsequente.

Nos primeiros tempos do Brasil República, período concomitante ao da instalação do projeto anarquista em solo nacional, o Paraná é assim descrito na pesquisa histórica de Candido de Mello Neto:

O Estado brasileiro que acolheu os anarquistas liderados por Giovanni Rossi, permitindo a implantação de uma colônia agrícola destinada à pesquisa social, era na época a mais nova unidade da Federação. Pela organização política do Império, definia-se como e do Paraná, passando a denominar-se estado do Paraná após a queda da monarquia e instalação do regime republicano. (MELLO NETO, 1998, p. 91).

Do reduto histórico ao literário, para se chegar até a questão proposta pelo romance é, antes necessário remeter-nos à discussão sobre intertextualidade, referência e representação, com o passado histórico da imigração italiana, partindo do questionamento proposto por Hardman (2002) no que concerne à construção de sentidos, imagens e práticas sociais ainda verificáveis no contexto da contemporaneidade paranaense e brasileira.

O que a massa dos *senza pátria* teria como contribuição, numa pátria de bacharéis e oligarcas, a não ser sua própria *presença*, por si só portadora de um sentido revolucionário e, por isso mesmo, tão incômoda e arriscada aos olhos da classe dominante e do Estado? (HARDMAN, 2002, p. 68).

Em razão disso, é pertinente aprofundarmos aqui alguns aspectos relacionados ao diálogo da obra literária com o início da colonização italiana no Paraná, em particular, o caso da fundação da Colônia Socialista Cecília, especificamente no que se refere a esse olhar de desconfiança em relação aos imigrantes.

No âmbito da narrativa histórica, Candido de Mello Neto avalia as anotações encontradas em um relatório feito por Rossi como “sendo interessantes do ponto de vista histórico e reveladoras da personalidade preocupada e séria de quem as redigiu.” (MELLO NETO, 1998, p. 133). Em um trecho do documento, cujas anotações se reportam ao Estado do Paraná e que retrata um período do seu desenvolvimento, Rossi declara:

O paranaense declara francamente que a região é muito grande e muito generosa para ele; que ele não tem estímulo suficiente para procurar toda riqueza e arrancá-la com seu trabalho metódico, racional e tenaz.

Temos pequenas necessidades, disseram alguns; facilmente nos satisfazemos e em seguida repousamos; chupamos o mate, tocamos violão e passeamos a cavalo; é necessário que venha o estrangeiro. Ele jamais se contenta: quando tem dois, quer quatro; assim trabalha e faz o país progredir. Queremos o estrangeiro, “precisa-se do estrangeiro” – é a frase comum na boca dos paranaenses.

A esta hospitalidade, que direi nacional, corresponde a hospitalidade privada. (MELLO NETO, 1998, p. 135).

Nesse aspecto da narrativa histórica também é perceptível a construção imagética do perfil identitário do imigrante, como também acontece em relação à cultura paranaense e nacional, resumida como hospitaleira. Também ressalta a visão progressista depositada sobre o imigrante, associado a sua visão econômica capitalista. Já o perfil identitário do nativo paranaense, ainda que numa descrição bastante próxima àquelas depreciativas sobre seu espírito pouco afeito ao labor, é apresentado como um ser pacato, pouco ou nada ambicioso, mas acolhedor.

Já na narrativa literária, a partir do seu momento de produção contemporâneo, o autor da obra viaja ao passado para retratar em linguagem ficcional a chegada do primeiro grupo de cinco imigrantes italianos, que se

instala em uma região erma, bastante afastada da cidade de Palmeira e em condições muito precárias de infra-estrutura.

Com o passar do tempo, na busca pela realização do seu projeto de organização de um modelo social, o grupo vai recebendo novos sujeitos que chegam de maneira desordenada. Contudo, isso não desanima o espírito de luta daqueles sujeitos. Segundo declara Sanches Neto (2005c)¹⁶, o que de fato foi essencial para que o ideal sucumbisse, foi a força dos preconceitos e das práticas tradicionais.

Tal como nos relatos oficiais de Rossi, o autor do romance demonstra que a implantação da colônia seria um trabalho árduo e penoso, que levaria à frustração e, posteriormente, ao abandono de muitas levas de colonos que, progressivamente e de maneira desorganizada, se somavam aos cinco primeiros. As condições já então difíceis se tornariam cada vez mais insustentáveis, pois a “composição da Colônia tinha sido alterada com a vinda de novos imigrantes, quase todos da cidade, com experiência apenas na luta política”. (SANCHES NETO, 2005a, p. 104).

No entanto, na contramão das condições materiais disponíveis, o experimento de organização social proposto por Giovanni Rossi teimava em se manter sob a inspiração ideológica baseada no fim da família, na produção coletiva dos bens e na luta contra o poder. Essa era a pedra fundamental do ideário anarquista daqueles sujeitos, mas também outro foco de desorganização social entre o grupo, pois os princípios antes referidos não afetavam apenas as inter-relações entre os integrantes daquele grupo social, uma vez que eles também influenciavam as relações dos sujeitos com a própria subjetividade.

Portanto, o que se representa no plano ficcional, no plano das possibilidades, é o desejo utópico de fundar uma “nova nação” com a implantação do amor livre e com os filhos gerados a partir desse tipo de relacionamento. Ainda que simbolicamente, essa “nação” utópica representaria o rompimento com todos os valores já instituídos pelo regime opressor do sistema capitalista, assim como o rompimento com o poder do estado e também com os seus aparelhos repressivos: a família e a igreja. Por outro lado,

¹⁶ Idem p. 11.

o autor dramatiza que o mesmo ideal que, a princípio, uniu o grupo, paradoxalmente foi o motivo de sua desidentificação.

Cada carroção que chegava com mais trabalhadores prontos para as frustrações, por causa das mesquinhas e das cegueiras humanas, partia com um número maior de desertores, que, segundo se dizia, saíam dali para saquear Palmeira, Ponta Grossa, Curitiba e São Paulo. Um agricultor com propriedade em Santa Bárbara, ao ouvir este comentário, defendeu os anarquistas, eram apenas imigrantes procurando um lugar, seriam sempre bem-vindos em nosso país. (SANCHES NETO, 2005a, p. 111).

A divisão proposta não apenas se restringia aos bens materiais e à propriedade privada, mas ao contrário, implicava também no exercício da liberdade feminina, a qual não teve a adesão necessária das mulheres em virtude da influência exercida pela ideologia da família e pelo amor romântico. Sob a égide dos princípios anarco-socialistas, a mulher poderia estabelecer relação conjugal com mais de um homem, sem incorrer em ato libidinoso, imoral ou ilegal. Desse modo, seria livre para se expressar afetivamente. Entretanto não deveria confundir tais princípios com promiscuidade. Contudo, esse pensamento acabou por afetar e confrontar-se diretamente com a ideologia cristã e os valores morais e culturais da sociedade tradicional naquele período, responsáveis por manter a concepção dominante.

Segundo Moraes (2005), até as primeiras décadas do século XX era a Igreja Católica que ditava as regras morais na sociedade, disseminando seus valores de forma impositiva por meio das escolas e dos seus púlpitos. Tais valores passavam pela repressão da liberdade feminina, garantida pela ideia de indissolução do casamento e pela prática sexual exclusivamente com a finalidade reprodutiva, devendo sempre priorizar a prole numerosa.

No romance está a representação do discurso político veiculado no período da imigração, mencionado nas propagandas espalhadas sobre o Brasil pelo governo brasileiro, nos anos finais do século XIX, com vistas ao desenvolvimento econômico do país, sobretudo nas regiões mais afastadas da metrópole.

A esse respeito, Candido de Mello Neto (1998) escreve:

Trinta de março, boca da noite, o trem proveniente de Paranaguá alcançava a estação ferroviária de Curitiba. Grande número de italianos saudavam e recebiam os recém-chegados, em um espetáculo de forte emoção. Parentes, amigos e responsáveis pela chegada de muitos imigrantes ao Paraná ali se encontravam para as boas vindas. Por essa época ainda vigorava determinação do governo Imperial que concedia passagem e outros benefícios a parentes de imigrantes aqui residentes que desejassem estabelecer-se. Os jornais locais divulgavam essa determinação governamental, recomendando aos interessados que instruísem seus familiares na Itália a procurarem o cônsul brasileiro em Gênova, para solicitação de passagem. A inspetoria de Terras e Colonização era a responsável pela divulgação.

O grupo anarquista que não era esperado por parentes nem por amigos, dirigiu-se à Casa dos imigrantes. [...]. (MELLO NETO, 1998, p. 117-118).

Por sua vez, com seu estilo narrativo paródico, Sanches Neto (2005a) perscruta e questiona o universo da alma humana daquele “grupo que não era esperado”, bem como estende o seu questionamento acerca da relação antagônica que se trava entre os ideais anarquistas de liberdade individual e de propriedade coletiva, em detrimento dos valores morais disseminados pela cultura dominante. Também mostra que o discurso enaltecido da propaganda imigratória patrocinada pelo governo não condizia com a realidade experimentada pelos imigrantes quando da sua chegada ao país.

Desde que os pioneiros se estabeleceram, nossos dias têm sido de trabalho bíblico, estamos criando um mundo do nada. E conhecia a agricultura como médico-veterinário e agrônomo, mas aqui nossa proposta é deixar a teoria em nome da prática, então tenho me entregado a todas as tarefas, da limpeza da casa à construção da cerca, do cultivo do solo à derrubada da mata. Nenhum de nós está habituado às atividades agrícolas, e mesmo assim temos nos dedicado apenas a elas. Estamos confiantes no futuro da comunidade, que já principiou socialista, não por meio de nossas atividades, mas pela acolhida que recebemos do povo paranaense. Não havia melhor lugar para nossa colônia. (SANCHES NETO, 2005a, p. 32).

Na perspectiva literária, Giovanni Rossi se une a outros imigrantes desiludidos com o sistema de exploração patronal e vitimados pela fome e pela pobreza. Assim, se instala em *Um Amor Anarquista* o discurso literário sobre mais um episódio da luta de classes, sobre a proposta de Giovanni Rossi sobre

o desfacelamento da família tradicional como célula reprodutora do regime de exploração social, no cumprimento de seu papel de aparelho disciplinar que opera na organização da sociedade, tal como ressalta Michel Foucault (1999). Para o filósofo, o pensamento e as práticas políticas e sociais disseminadas entre o final do século XVIII e o início do século XIX giravam em torno da disciplina, a qual representava “um tipo de poder” em que a família figurava como uma das “instâncias preexistentes”. Esse poder atua como um mecanismo interno, não pela violência mas pela inculcação de ideologias disciplinadoras, reforçando-o ou reorganizando-o juntamente com as demais instituições denominadas aparelhos de Estado; sendo ambos responsáveis pela manutenção do ordenamento social. Tanto que Foucault faz uma advertência:

[...] (um dia se precisará mostrar como as relações intrafamiliares, essencialmente na célula pais-filhos, se “disciplinaram”, absorvendo desde a era clássica esquemas externos, escolares, militares, depois médicos, psiquiátricos, psicológicos, que fizeram da família o local de surgimento privilegiado para a questão disciplinar do normal e do anormal) [...]. (FOUCAULT, 1997, p. 177-178).

Segundo Edson Passetti (2003, p. 145), o mecanismo disciplinador a que Michel Foucault se refere serviria de modelo familiar a ser seguido por todos, resultando assim numa sociedade “limpa, sadia, comedida e feliz”, pois fora desse modelo imperavam as mazelas sociais, “a violência, o banditismo, as subversões e as sublevações a serem combatidas”. Já a sociedade estruturada no modelo anarquista proposto pelos seus idealistas defendia que os filhos nascidos da união coletiva entre homens e mulheres livres não mais seriam filhos de um único progenitor, mas filhos de uma nação nova.

Nesse aspecto também se institui na narrativa outro ponto paradoxal entre o discurso ficcional e o discurso histórico. A partir de tal pensamento, não serão mais o determinismo climático ou a cor local os critérios que definirão os traços de civilidade e o comportamento social dessa nova nação que se pretende construir, pois o discurso ficcional quebra e subverte o conceito de purismo das raças, uma vez que pretende ignorar o aspecto biológico ao instaurar a anarquia também em relação à genealogia paterna.

[...] Os jovens fizeram algazarra, provocando: precisavam de gente nova, sem preconceitos familiares, o amor da família representava um egoísmo, e eram poucas as filhas solteiras, se pelo menos trouxessem companheiras pare eles, mas quase só crianças, e criança come muito e trabalha pouco, criança desperta o egoísmo das mães, estavam cansados de crianças, falavam e riam, lembrando que logo haveria amor livre entre eles, aguardavam companhia feminina, e perguntavam – há alguma nesse grupo? (SANCHES NETO, 2005a, p. 130).

O grupo experimental anarquista propunha o combate a esse tipo de poder que minava a possibilidade de realização do amor livre:

O principal resultado da Cecília foi o amor livre. O fim da família tradicional deve ser o centro da grande revolução. A liberdade não será conquistada com a destruição de povos e países, mas com a prática social fora da família. Tudo de ruim que aconteceu na Colônia, da mesquinha ao ciúme e à traição, sempre esteve ligado ao instinto de proteção familiar. (SANCHES NETO, 2005, p. 221).

Já para o historiador Sérgio Buarque de Holanda, na obra *Raízes do Brasil*, onde estuda a nacionalidade brasileira, o poder da família é visto não como um poder disciplinar. A família não poderia ser modelo moral de poder, pois essa instituição fortalecida representaria um entrave à constituição do Estado Moderno. (REIS, 1999).

O experimento anarquista não resistiu, mas se tivesse havido a concretização da prática do amor livre, poderia ela realmente ter posto por fim a esse regime que só se fez consolidar com o desdobramento da história?

De acordo com o *Dicionário do Pensamento Marxista* (2001, p. 11-12), o modelo anarquista rejeitava o princípio da autoridade política como centro da organização social. Em oposição a este princípio, propunha a criação de uma “sociedade natural”, na qual os próprios grupos ou indivíduos montam suas sociedades e se organizam livremente.

No caso em questão, essa associação anarquista segue a forma de proposição da doutrina de vertente socialista, que por sua vez vê no poder centralizador do estado e na propriedade privada o foco causador da desigualdade social. A outra vertente anárquica se difere no aspecto da defesa da liberdade individual e da propriedade privada, posicionando-se a favor da

quebra dos regimes monopolizadores. Já em relação ao anarquismo socialista, o princípio norteador é o de que a liberdade individual de todos é a condição *sine qua non* para o fim do regime de exploração e da desigualdade social.

Entretanto, essa forma também foi bastante contestada, sobretudo nos escritos de Marx, Engels, Lênin (1972), uma vez que a própria organização dos trabalhadores na luta contra o poder do estado era um contra-senso; pois, ainda assim organizados estavam contribuindo para a perpetuação do poder unilateral de exploração de uma classe sobre as outras. A abolição do estado e da sociedade de classes seria o meio de superação desse ciclo vicioso, segundo os filósofos.

Contudo, o caminho a ser percorrido e os meios para se alcançar tal fim não foram desvendados pelos pensadores daquela época e tampouco pelos sucessores dessa corrente teórica. Na sociedade contemporânea, o que se constata é justamente o oposto: o acirramento do antagonismo entre ambas as partes. Cada vez mais, com o desenrolar da história, as classes vêm se insurgindo contra o poder do estado, de maneira organizada ou aleatória como se tem visto ultimamente nas ruas e nas mídias sociais, por meio de entidades representativas ou pela manifestação individual. Esta afirmação pode ser também confirmada pelo estudo de Passetti (2003):

Diz-se modernamente que um território deve ser governado pelo Estado; que ele garante a segurança dos cidadãos que ali habitam, independente da procedência social; e que estes devem respeitar as leis e costumes nacionais falando uma língua comum a todos.

O Estado nacional homogeneiza a língua e os costumes, transformando-se em proprietário da gramática e celebrador de seus próprios feitos com espetáculos cívicos. Ele dilui as diferenças em nome de uma artificial nacionalidade e forma, no seu interior, a naturalização da relação entre superiores e inferiores. É um pacificador artificial da suposta violência original, representando, por meio da espetacularização da política, uma cultura nacional. Contudo, a cultura que predomina em um Estado nada mais é do que a afirmação da superioridade de uma cultura oficial sobre as demais, tradicionais ou não, incluindo-se aí diferenças raciais, étnicas e religiosas; é a confirmação do princípio de maior adaptação de alguns á competitividade dividindo a sociedade em ricos e pobres; e é também a referência para o Estado pensar o controle sobre corpos saudáveis. (PASSETTI, 2003, p. 77).

Assim funciona a representação do Estado na atualidade na tentativa de homogeneização cultural, argumentada sob o pretexto da segurança dos cidadãos e da soberania do seu território nacional, articula suas relações de poder para reafirmar sua superioridade.

Ao retrocedermos ao passado do experimento anarquista e analisando-o comparativamente com o presente, percebe-se que naquele momento o poder exercido não era tão controlador quanto o é na contemporaneidade. Isso pode ter acontecido em razão da própria mudança causada pela transição política do Império para a República, como também pelo próprio desconhecimento do experimento social e de seus ideais. Esses elementos podem ser verificados no seguinte trecho:

É mais uma prova material da hospitalidade deste estado, em que o governo não teme aqueles que são tidos em seu país natal como perigosíssimos criminosos. Aqui não há o medo de perder a propriedade, pois vastos são os campos sem dono, necessitando justamente de quem os revolucione, ocupando-os e tornando-os produtivos.

Que país esplêndido é este! (SANCHES NETO, 2005a, p. 70).

A cada releitura é possível interpretar as temáticas problematizadas pela obra sob pontos de vista bastante antagônicos em que o passado é revisto não de maneira nostálgica, mas contrastado criticamente em relação ao presente. No sentido aqui proposto, essa revisão remete à desconstrução daquele conceito marginal dado aos colonos anarquistas, e em seu lugar ressalta o papel fundamental daquelas ideias e práticas para o desenvolvimento das mentalidades, assim como para o progresso econômico e cultural, não só no estado como também no país, ao longo do desdobramento temporal da história.

Trata-se de uma proposta de revisão sobre os valores apregoados pela cultura dominante e, em geral, aceitos sem qualquer criticidade, à custa da exclusão de grupos minoritários, tal como ocorreu com o grupo anarquista.

3. HISTÓRIA, FICÇÃO LITERÁRIA E MEMÓRIA: PERCURSOS PARA A CONSTRUÇÃO DA NACIONALIDADE

Ao longo da produção literária brasileira, variadas concepções, sobretudo da história, da sociologia e da literatura foram responsáveis por cunhar um padrão estético que fosse representativo das feições nacionais, evidenciando cada uma em seu tempo, características próprias que pudessem tornar singulares e notáveis a referida nacionalidade.

O modelo estético da obra vinculava-se ao pensamento colonial e relacionava-se à metrópole como espelho de reprodução cultural, mas as transformações ocorridas nos séculos XVIII e XIX diversificaram as correntes estéticas da produção literária, em grande parte, em função das mudanças ocorridas no próprio pensamento filosófico. Segundo Esteves (1998, p. 126) coube à literatura a tarefa de desempenhar o papel revisor da história oficial, legitimando “o espaço humano americano, que antes se interpretava sob o ponto de vista puramente europeu”.

Nessa mesma linha teórica, no campo da história, o historiador britânico Eric Hobsbawm (2013, p.17, grifos do autor) pontua como hipótese inicial de seu estudo que o termo nação pode ser entendido como qualquer agrupamento de pessoas que se reconheça como tal e dela sintam-se membros, e que também este grupo seja considerável grande do ponto de vista quantitativo. Em outras palavras, o historiador denomina “protonacionalismo popular” o sentimento de pertença de um grupo de pessoas a um determinado território simbolicamente significativo, ligando-as ainda que estejam dispersas por outros territórios e sem o apoio de uma estrutura política. Esse sentimento se liga basicamente a três elementos representativos: a língua, a etnicidade e a religião. Entretanto, conforme explica, não se pode afirmar que o referido grupo de pessoas assim se reconheça simplesmente embasando-se “em escritores ou porta-vozes políticos de organizações que demandam o status de “nação” para aquele corpo.”

Sanches Neto não revisa a história oficial, mas a partir de alguns vestígios desta, parte para uma narrativa que transcende o universo do cientificamente verificável e mergulha o leitor no imaginário ficcional, como

forma de representação dos sonhos, angústias, ideias, imagens e práticas sociais vivenciados por aqueles personagens da história. Também não se preocupa em discutir essas propriedades nacionalistas no romance que constrói, mas sim em retratar na sua obra as questões sociais que giram em torno do drama do desenraizamento dos sujeitos, que transitam do espaço interiorano para o cosmopolita. Contudo, indiretamente, a leitura da obra instiga o leitor a também aprofundar nesse horizonte interpretativo, onde somente o leitor, independentemente das intenções do autor na concepção da obra literária, é levado a fazer suas próprias reflexões. A questão do desenraizamento dos personagens de um *Amor Anarquista* é um dos elementos que nos leva a considerar também a existência do discurso sobre a nacionalidade.

Com base no fenômeno de mudanças e deslocamentos espaço-temporais da identidade nacional, Francisco Foot Hardman (2003) salienta que o processo civilizatório ocidental e brasileiro passou por um movimento de integração nacional, sobretudo nos aspectos histórico, político, econômico, cultural, artístico, ideológico, entre outros.

Miguel Sanches Neto (2011c)¹⁷ reflete sobre esse fenômeno na composição de seus personagens, que representam as mudanças e deslocamentos ocorridos com os sujeitos, fenômeno que, segundo sua visão, implica na alteração da condição humana somente em termos da sua aparência, mas não na sua essência.

Ou seja, os problemas vivenciados por aqueles sujeitos do passado histórico continuam a aparecer para os sujeitos contemporâneos. Estes se modificaram em relação àqueles, mas a essência dos seus dramas humanos e sociais ainda persiste na atualidade.

3.1 LITERATURA E HISTÓRIA: DESCONSTRUINDO O PASSADO NACIONAL PARA INTERPRETAR O PRESENTE

¹⁷ Idem p. 25.

Consoante a esse fenômeno desestabilizador, o historiador britânico Eric Hobsbawm (1998, p. 288) ressalta que para construir uma versão nacionalista de sua identidade constitutiva, a história das nações é permeada, inevitavelmente, por anacronismos, omissões, descontextualizações e, em casos mais extremados, até de mentiras. Nesse aspecto, o autor está se referindo aos riscos que os estudos históricos pautados em esquecimentos, apagamentos, versões mitificadas e construções retóricas de cunho tendencioso podem oferecer à construção do conceito da nacionalidade uma vez que o nacionalismo como uma forma de cultura de identidade nisso se respalda. Outro problema que o historiador ressalta é que tal prática, por parte de alguns historiadores, promove o contraste entre a universalidade e a identidade pelo entrecruzamento de memórias não compartilhadas. Isso se dá no momento em que estes estudiosos, em suas análises, confrontam tanto o passado quanto o presente. Por isso, esse tipo de construção da narrativa histórica foi combatido no sentido de desconstruir “mitos políticos ou sociais disfarçados como história.”

Nessa linha de desconstrução, tal como pressupõe Costa Lima (1989), uma das questões cruciais impostas na contemporaneidade para todos os envolvidos é a reflexão sobre o conhecimento científico, em relação as suas exclusões e aos eventos representados na história narrativa. Enquanto o primeiro tipo de conhecimento é responsável por reproduzir uma construção retórica marcada pela ideologia disciplinadora (FOUCAULT, 1999) do corpo social, o segundo é desprovido de todo rigor científico, pois pertence ao domínio do saber, segundo o qual se permite ao sujeito reconstruir-se, tornar-se sujeito desse saber.

Já para White (1994), a narrativa em relação ao seu conteúdo composicional não resulta especificamente dos dados que o historiador organiza, mas é a associação desses dados factuais com a forma como ele os utiliza, materializando-os linguisticamente na sua narrativa para explicar e representar a história por meio do discurso historiográfico, como aqueles referendados no levantamento de José Carlos Reis (1999) em *As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*.

Com base nessas concepções, passamos a discorrer sobre o percurso evolutivo da narrativa literária nacional e sobre quais foram e como atuaram as correntes teóricas que influenciaram a produção de obras representativas de um *corpus* literário de cunho nacionalista.

3.2 O PROBLEMA DA (DES)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL NA CONCEPÇÃO DE HISTORIADORES E CRÍTICOS LITERÁRIOS

Para se chegar à discussão temática proposta no título dessa dissertação, sobretudo no que se refere à questão da noção sobre os termos sujeito e nacionalidade, é preciso aprofundar o entendimento sobre como vem se construindo tais noções ao longo das transformações culturais acima referidas. E, sobretudo, se chegar à correlação estabelecida entre os termos empregados e as contribuições que a leitura da obra de Miguel Sanches Neto (2005a) pode suscitar para que o leitor possa ampliar sua compreensão e sua reflexão.

Para tanto, nos valem das importantes contribuições que o diálogo proveniente da história e da literatura tem acrescentado à produção literária nacional. Os estudos sociológicos de Antonio Candido (2000) ressaltam os aspectos sobre os quais a arte literária e o meio social se fundem, de modo a entender em que medida a primeira é a expressão da sociedade e, em que medida ela é social, ou seja, o quanto se preocupa com os problemas sociais. E mais especificamente, no que diz respeito ao conceito de construção de uma identidade nacional, como ela incorpora cada elemento denotativo dessa identidade em cada período da história.

Em *O caráter nacional brasileiro*, Dante Moreira Leite (2002) afirma que foram dois os conceitos fundadores da noção de nacionalismo: o caráter nacional e o racismo. O primeiro conceito constitui-se de um viés interpretativo que busca uma identidade nacional no confronto das diferenças com o outro, como forma de rastrear similaridades e especificidades de um povo, de modo tal que essas o singularizem. Já o racismo define-se como um meio de tornar mais evidente e justificar tais diferenças. O caráter nacional e o racismo, em

sua análise constituíam-se, nos fins do século XIX e início do XX, em ideologias imperialistas.

Em linhas gerais, o estudo de Moreira Leite demonstra a fragilidade da aplicação de teorias etnocêntricas onde a raça e o meio, bem como estereótipos ou peculiaridades de apenas um grupo social sejam considerados os determinantes de uma cultura nacional. Segundo sua visão, esses aspectos ideológicos eram responsáveis por reproduzir estereótipos e formas de preconceitos de raças ou regionais. Seu estudo também pressupõe sobre a existência de concepções ideológicas ligadas à definição do caráter nacional brasileiro, as quais não exatamente representam a autêntica tomada de consciência de uma nação, mas se revelam verdadeiras barreiras para que um povo se torne livre de preconceitos. A superação das ideologias do caráter nacional e do racismo consistiria na passagem das interpretações baseadas em fatores psicológicos ou raciais para a explicação de base econômica.

A produção literária do século XXI se inscreve pela diversidade e pela ambiguidade, conforme define Flávio Carneiro (2003) em seu texto *Mapeando a diferença: ficção brasileira hoje*. E a teoria que bem explica esses fenômenos de transformação é a teoria sociológica como afirma Stuart Hall.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, 2006, p. 6).

Outro problema suscitado nesse contexto, conforme explicita Sergio Paulo Ruanet (1998), é que a modernidade social sob os efeitos do racionalismo iluminista sobre o pensamento trouxe consigo certos impasses. O homem desse período passou a sofrer com a perda da sua liberdade, pois a partir desse novo contexto sócio-histórico precisa, simultaneamente, se desdobrar em uma tripla atuação: ora como agente político enquanto cidadão, ora como agente econômico enquanto membro de uma sociedade capitalista e ainda, o de ser único, singular, no exercício de sua individualidade e de sua participação na vida familiar.

Contra-pondo-se a esta visão, Costa Lima (1989) critica a lógica racionalista e seu caráter de cientificidade, pois argumenta que esses se revelaram insuficientes como critérios mais afiançáveis no trato sobre os processos de desdobramentos e de atualização do passado histórico, por não darem conta das variações desse objeto. E por essa razão passam a perder centralidade, restando-lhe apenas o papel de auxiliar na explicação e na organização das causas e efeitos do passado histórico.

Conforme define Linda Hutcheon, na metaficção historiográfica os escritores se propõem a estabelecer certa relação dialógica entre história e literatura por meio da criação paródica. Com esse recurso procuram identificar as diferenças centradas no interior das semelhanças verificadas nos sistemas sociais existentes nas práticas culturais da contemporaneidade. Nesse contexto, serão discutidas questões referentes às diversas minorias e suas problemáticas, tais como, “sexualidade, desigualdade e responsabilidade sociais, ciência e religião, e a relação da arte com o mundo.” (HUTCHEON, 1991, p. 70). Na verdade, o que faz, é repensar de forma distanciada, isonômica, o que há de realmente valioso ou não nesse passado histórico, que também não é concebido sob uma visão cronológica.

Eric Hobsbawm afirma que o fundamento da história é a “supremacia da evidência” e que mesmo que seus textos sejam ficções, “como o são em certo sentido, constituindo-se de composições literárias, a matéria-prima dessas ficções são fatos verificáveis.” Por essa razão e não por acaso, essas formas narrativas:

atraíram particularmente aqueles que se vêem como representantes de coletividades ou ambientes marginalizados pela cultura hegemônica de algum grupo (homens heterossexuais brancos de classe média, por exemplo, de formação ocidental) cuja pretensão de superioridade contestam. (HOBBSAWM, 1998, p. 286-287).

Mas há uma corrente dos estudos históricos contemporâneos, a História Cultural, surgida a partir dos anos 90, que propõe outra forma de questionar e interpretar o passado. Trata-se de uma linha de pesquisas e reflexões cuja tendência é a uma tentativa de desvinculação dos critérios valorativos provenientes da ideologia globalizante e seus mecanismos de afirmação como

a cultura e os meios de comunicação de massa. Ela está pautada em três conceitos básicos: cultura, representações e sensibilidades nacionais. Essa corrente atenta para os diferentes discursos e formas de comunicar a realidade.

Nessa corrente se insere a historiadora Sandra Pesavento: “A História está em alta, sim, e isso se deve, em grande parte, as suas novas tendências de abordagem do real passado”. (PESAVENTO, 2010, p.14). Nessa vertente da historiografia o centro da atenção do pesquisador são os traços culturais que desdobram por entre os grupos sociais, de forma que estes possam ser analisados como base interpretativa do passado, que em uma linha de continuidade são reelaborados e incorporados sob novas configurações de sentido nas organizações sociais. Ainda de acordo com PESAVENTO (2006, p. 49), tal análise encaminha a percepção da multiplicidade cultural que se abriga em uma mesma cultura, a qual nem por isso deixa de carregar seus aspectos singulares, tanto no tempo quanto no espaço. Nesse sentido, esses traços culturais são uma forma de presentificar o passado e se manifestam sob a forma de representações, “onde representante e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento.” Segundo afirma, as ideias elaboradas pelos homens sobre o real são traduzidas em imagens, discursos e práticas sociais que são responsáveis por qualificar o mundo do vivido e por orientar a percepção da realidade. Cultura, representações e sensibilidades são formas de se tentar compreender a realidade para além do estatuto científico, mergulhando nas razões e sentimentos que a qualificam.

Assim, cultura e representações, tal como a sensibilidade, não podem estar distantes do conceito de memória. Do mesmo modo como a história é a narrativa que presentifica uma ausência no tempo, a memória também recupera, pela evocação, imagens do vivido. É a propriedade evocativa da memória que permite a recriação mental de um objeto, pessoa ou acontecimento ausente. E, neste ponto, é preciso considerar que todos nós temos um museu imaginário de imagens, transmissoras de uma herança do passado, veiculadas pela memória individual, forjada de acordo com a memória social. Como pensar, pois, em representações, sem ter em conta essa capacidade tão especificamente humana de armazenamento de idéias-imagens que transmitem significados? PESAVENTO (2006, p.51).

A análise da obra *Um Amor Anarquista* também pode levar o leitor a se enveredar por esse tipo de apreensão do conhecimento, a interpretar por meio das imagens agora recriadas pelo discurso da obra ficcional, as razões e os sentimentos que impeliram aqueles sujeitos do passado vivido na Cecília a se lançarem aos seus destinos em um projeto tão ousado. Como resultado também dessa mesma gênese reflexiva, os discursos evidenciados nas vozes dos personagens instigam o leitor a refletir sobre a cultura e as representações decorrentes das relações interpessoais e comportamentais entre aqueles sujeitos e o meio social, ao longo do tempo. O que restou daquela visão idealista de construção de um modelo de organização social baseado no rompimento com os modelos tradicionais estabelecidos pelo poder dominante?

Esses são os elementos de uma tendência narrativa para a qual a literatura brasileira contemporânea também vem convergindo, tal como Weinhardt (2011) o identifica.

A matéria do romance histórico é o passado, mas como tempo ainda vivo, sujeito a revisões, inconfundível com o passado mítico, centralizado, imutável. O romance não comporta heróis clássicos como protótipos de perfeição, mas seres humanos, com as limitações próprias de sua condição. (WEINHARDT (2011, p. 31).

Para Antônio Esteves (1998), essa forma de abordagem literária está baseada no contraponto interdiscursivo entre os escritos do personagem histórico e a sua releitura em outro tempo pelo narrador do romance, que pretende refletir sobre os acontecimentos passados de modo a questionar os acontecimentos e comportamentos presentes, buscando evidenciar, principalmente, os efeitos de apagamento ou de silenciamento havidos entre a conexão temporal passado-presente.

O desdobramento da atuação dos sujeitos e de seu processo de subjetivação pode ainda também estar relacionado ao conceito de exotopia, elaborada para explicar a concepção de sujeito e sobre a forma como este se relaciona com o mundo externo, em que consiste

[...] uma relação impregnada de tensão peculiar a uma exotopia – no espaço, no tempo, nos valores – que permite juntar por inteiro um herói que, internamente, está disseminado e disperso no mundo do pré-dado da cognição e no

acontecimento aberto do ato ético; que permite juntar o próprio herói e sua vida e completá-lo até torná-lo um todo graças ao que lhe é inacessível, a saber, a sua própria imagem externa completa. (BAKHTIN, 1992, p. 34).

A produção literária nacional, agora, mergulha no universo de sujeitos inseridos naquele contexto descrito por Bakhtin, os quais parecem não mais se enquadrarem dentro de tantas transformações espaço temporais. E isso lhes causa certa sensação de estranhamento diante da própria identidade e do mundo que os rodeia. Faz com que recriem um mundo interior paralelo e se distanciem da realidade que os sufoca. E diante dessa constatação, parece que os sujeitos estão em busca de outra forma de identificação, na qual ele possa se reencontrar ou refugiar-se, isolando-se do mundo real e, até mesmo, de sua identidade enquanto que na realidade:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e recambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 3).

No romance de Sanches Neto (2005a p.100-101), os sujeitos que personificam a obra são seres que contrastam o universo urbano com o universo rural. A Colônia é formada pelo ir e vir constante de agricultores e de idealistas citadinos anarquistas: “Lorenzo, que nunca trabalhara tão pouco, [...], começou a viagem de volta. [...] Quando chegou à cidade e viu o movimento, sentiu-se como se já estivesse em outra terra”. Ambos os lados, são a representação de seres desenraizados que se refugiam da realidade precária na possibilidade de concretizar seus sonhos por meio daquele experimento social. Segundo o próprio Sanches Neto (2011c)¹⁸, este é um reflexo do movimento pós-moderno presente na literatura contemporânea, que é a não vinculação ao espaço. Seus personagens têm seus dramas originados a partir dessa não vinculação.

Contudo, há também entre a crítica literária certa divergência quanto a essa concepção sobre o pós-moderno. Dentre os teóricos que discutem tal

¹⁸ Idem p. 25.

corrente de pensamento destacamos os críticos literários Terry Eagleton e Frederic Jameson. Ambos opõem-se ao pressuposto pós-modernista de que o indivíduo é um reflexo não apenas de uma, mas de diversas culturas assimiladas concomitante no universo contemporâneo. Eles contestam a tese do culturalismo, argumentando sobre essa matéria o fato de que, levado a esse termo, a crítica fundada em tal ideia estaria incorrendo em uma “forma de reducionismo”, conforme defende Eagleton na obra *As Ilusões do pós-modernismo* (1998). Jameson (2006) discute a noção de pós-moderno a partir de sua tese sobre “a eterna presentificação do corpo”, segundo a qual desconstrói a noção de tempo passado e futuro como elementos de construção da identidade.

A partir da leitura aqui sugerida, o contraponto da narrativa de Miguel Sanches Neto (2005a; 2011a¹⁹) se estabelece quanto ao sentido de atualização do passado histórico, o qual se vincula a sua preocupação quanto a uma visão do tempo em uma perspectiva mais contínua, em que esse passado se liga ao presente para refletir sobre “a crise da noção de pertencimento”.

Com vistas a uma breve revisitação, passamos a observar alguns contextos históricos e concepções teóricas que lapidaram, ao longo do tempo e das mais diversas correntes filosóficas, o que hoje entendemos como identidade nacional.

3.3 APROFUNDANDO O CONCEITO DA NACIONALIDADE

Entenda-se aqui, no que tange a essa escrita inicial do século XVI, que o pensamento crítico acima referido diz respeito às correntes teóricas que vão influenciar todas as produções literárias. Não se tratando, portanto, da criação de obras propriamente revestidas de criticidade acerca dos temas abordados, conforme será observado ao longo desse estudo.

Sobre esses aspectos destaca-se o funcionamento das correntes teórico-críticas que imprimiram suas marcas na formação intelectual e na produção cultural dos homens de letras e que respondem pela constituição do

¹⁹ Idem p. 37.

acervo canônico de nossa literatura nacional. Desse ponto em diante, procedeu-se a uma breve discussão sobre os diversos pensamentos críticos que influenciaram os estilos literários e a produção das obras literárias de autores brasileiros. Paralelamente, procura-se refletir como esses dois elementos se configuram em fatores intrínsecos à formação da história da pátria brasileira e à construção de sua identidade, conforme já dito anteriormente.

José Carlos Reis (1999) divide a historiografia brasileira em dois grupos principais de historiadores e pensadores sociais que contribuíram para a construção do conceito da nacionalidade brasileira. O primeiro grupo, compreendido entre 1850 a 1930, de Varnhagen a Gilberto Freyre, preocupava-se em estudar os aspectos de descoberta e de continuação na formação das identidades do Brasil. O segundo, compreendido entre 1900—1960-1970, reflete a preocupação de Capistrano de Abreu, Caio Prado Jr., Nelson Werneck Sodré, Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso em ressaltar os elementos que proporcionaram a autonomia e a emancipação no processo de redescobrimto das feições nacionais e de mudança/convergência para um pensamento afirmativo da soberania nacional.

Quanto à produção literária no Brasil, o seu primeiro momento teve início no século XVI e foi marcado por uma escrita mais pautada pela descrição da paisagem e dos elementos humanos aqui encontrados pelos portugueses. Essa literatura descritiva se constitui de relatórios enviados a Portugal e também do conjunto de obras pertencentes à sermonística dos padres jesuítas, Anchieta e Antônio Vieira, cuja finalidade era a catequização/aculturação dos povos indígenas, além dos relatos de viajantes estrangeiros que por aqui passaram. Cabe ressaltar que nesse período é realizada uma escrita literária centrada no modelo de produção quinhentista-neoclassicista da literatura de Portugal, que teve Camões como referencial literário a ser seguido, em termos da estilística e do purismo da linguagem cunhada aos moldes da escrita lusitana. Portanto, esse é um período marcado por uma literatura de natureza acrítica.

Esse período inicial, que para o crítico brasileiro Antônio Cândido (1997) é compreendido do século XVI até meados do século XVIII é definido como uma fase por ele denominada “manifestações literárias”, por ainda não

constituir uma produção literária nacional particularmente amadurecida por uma linguagem própria, com um grupo formado de escritores e de leitores e, com fluxo de produção ininterrupto e sistêmico.

Podemos observar, concomitantemente a esse período, ao nos aprofundarmos no campo da crítica literária, que aqueles elementos descritivos presentes na nossa literatura quinhentista filiam-se aos pressupostos da teoria determinista. Essa teoria postula que o meio natural influencia na constituição de traços identitários característicos a cada povo. Essa tese é defendida em sua gênese, pelo filósofo grego Aristóteles e, mais tarde, já no século XIV, será também desenvolvida por outro filósofo da Idade Média, Ibn Khaldoun para justificar a singularidade de certos fenômenos sociais e culturais entre os povos diversos. Ainda no âmbito evolutivo dessa concepção teórica, encontra-se o europeu Jean Bodin (1530-1596), que contribuiu para a evolução dessa teoria ao considerá-la insuficiente por não levar em conta as variações regionais para melhor compreender o caráter dos povos. Com esse objetivo, Bodin então adota a noção de divisão das regiões em Norte e Sul ao estudar as diversidades dos povos. Essa noção será aceita e se prolongará sobre o pensamento vigente durante os séculos XVII e XVIII. (LEÃO, 2011).

Ainda durante o decorrer desses dois séculos, com o declínio da literatura portuguesa, as ideias repercutidas nas artes plásticas italianas e na cultura espanhola sobrepõem-se como modelo estilístico e vão influenciar a atividade literária brasileira. Entretanto, essas influências seriam refutadas como modelo literário, principalmente na crítica realizada pelo poeta e dramaturgo português, Almeida Garret (1799 – 1854). Sua repulsa aos modelos estilísticos gongóricos, barrocos e marinistas, recaiu sobre a produção poética dos autores árcades brasileiros, sob a alegação de que esses modelos eram carregados de afetação e exageros decorrentes da estética europeia, limitando, portanto a capacidade criadora daqueles autores e obras, ainda muito presos aos já referidos modelos e privando-lhes da originalidade constitutiva da construção de sua identidade nacional. Como expoente desse período Garret destaca o poeta Cláudio Manoel da Costa, porém sem dissociar sua obra da literatura portuguesa. Portanto essa crítica instaura um movimento denominado como restauração das letras. (LEÃO, 2011).

Esse período reflete acentuada preocupação estética quanto ao jogo de contrastes entre o claro e o escuro, o homem em conflito com Deus, a razão em conflito com o espírito. Também reflete a influência de fatores políticos e econômicos decorrentes da relação colonialista e submissa estabelecida entre Brasil e Portugal.

Já no início do século XVIII, a Alemanha é que vai determinar os princípios norteadores do novo estilo literário: o Romantismo, incorporando o conceito de *cor local* para exatamente desvincular a ideia de uma escrita engessada. Essa premissa, resultante das influências deterministas, coloca então a natureza como um dos primeiros elementos singulares de afirmação da nacionalidade. O apego à terra está intimamente relacionado com a ideia de nação, de pátria.

Nesse contexto, a ideia de terra está associada a um país novo, o gigante adormecido. Ideia de que o Brasil é um país com potencial a ser descoberto e construído, e não inferior aos demais. Os escritores dessa geração se apoiaram nessa concepção, mostrando em sua produção literária a grandeza da terra por meio do descritivismo da sua natureza pujante e, ressaltando aspectos heróicos na figura do índio, visto como símbolo nacional. Era preciso construir uma civilização sugerida pelo cruzamento entre o índio e o branco.

Aspecto semelhante ocorre com a chegada dos imigrantes europeus no Brasil, o projeto de civilização e de branqueamento da população ainda se estende durante todo o século XIX. Além desses dois elementos, outro aspecto relevante e inerente à presença dos imigrantes em território brasileiro foi a associação da participação do estrangeiro à ideia do progresso econômico nacional.

No Brasil, a crítica romântica utilizada e, baseada nos escritores Chateaubriand, Madame de Staël, Schlegel e Sismonde de Sismondi, é responsável por disseminar o sentimento patriótico e por criar um conceito de literatura nacional, definindo um novo estilo de produção de história da literatura, que culminou com o surgimento da narrativa historiográfica na formação das literaturas modernas. Essa narrativa historiográfica está

embasada em um recurso discursivo, que é o recuo no tempo, a fim de conceber por meio da ênfase dos costumes e dos traços éticos da nação brasileira. (LEÃO, 2011). É nesse período que ocorre, segundo definição de Antônio Cândido (1997), a constituição de um “sistema literário” em nossa literatura nacional, o qual se caracteriza pela produção literária contínua de autores e obras, conscientes de seu papel de formadores de uma literatura verdadeiramente nacional. O referido período, conforme pontua Antonio Candido, se dá a partir dos meados do século XVIII e se estende até a sua plenitude, na primeira metade do século XIX.

O leitor perceberá que me coloquei deliberadamente no ângulo dos nossos primeiros românticos e dos críticos estrangeiros que, antes deles, localizaram na fase arcádica o início da nossa verdadeira literatura, graças à manifestação de temas, notadamente o Indianismo, que dominarão a produção oitocentista. Esses críticos conheceram a literatura do Brasil como expressão da realidade local e, ao mesmo tempo, elemento positivo na construção nacional. (CANDIDO, 1981, p. 25).

Convém lembrar que quem introduziu a temática indianista e que, segundo suas palavras, a qual funcionou como uma espécie de controle do imaginário coletivo por meio da representação da figura indígena como herói nacional, foi o estudioso francês Ferdinand Denis (1798 – 1890). Denis também é visto “como o verdadeiro fundador da crítica e historiografia literária brasileira.” (LEÃO, 2011, p. 93).

Retomando a teoria determinista, agora encampada pela percepção do filósofo alemão Johann Gottfried Von Herder (1744 - 1803), a literatura incorpora o aspecto da singularidade da natureza, o qual se relaciona estreitamente com a caracterização da individualidade do homem, outro elemento definidor de sua nacionalidade.

É a partir de Herder, herdeiro também das filosofias iluministas, que a teoria dos climas sofrerá novo redirecionamento, pois o iluminismo inaugura a visão do progresso. E o clima, então, segundo seu ponto de vista, serve para marcar um traço distintivo da singularidade de um povo ou de uma cultura, fruto de sua adaptação ao meio e, portanto, de seu desenvolvimento neste. Assim Herder difunde a ideia de singularidade, de originalidade associada à

adaptação aos climas mais diversos, colocando nessa acepção a natureza a serviço do homem. E este, por sua vez, é definido como um ser natural. Nesse sentido a noção de identidade se resume a ideia de que cada povo é dotado de um gênio nativo, intrinsecamente ligado à natureza, constituindo-se dessa forma, como a própria expressão dela. Destarte, a questão da raça não é mais definida pela etnia, mas como resultante de uma cultura. Herder, a partir de então derruba o conceito de pureza das raças. (LEÃO, 2011).

Do ponto de vista da história, Hobsbawm (2013) afirma que a etnicidade concebida a partir do senso comum está sempre ligada à origem e descendência comum entre os povos de um mesmo grupo étnico, assim como as características dele herdadas. Seus estudos apontam que, para o nacionalismo de tendência moderna, a etnicidade ou a raça foram elementos constitutivos das diferenças evidenciadas no sentido de marcar ou reiterar as distinções entre os povos e que funcionaram tanto horizontal quanto verticalmente no sentido de separar os estratos sociais.

Já no circuito da crítica literária nacional, Afrânio Coutinho (1960) se opõe à tese determinista ao não aceitar a separação entre produção literária nacional e colonial, proposta pelos seus precursores; pois, segundo afirma, o nacionalismo literário não se justifica apenas pela influência do meio. Mais que isso, ele é a soma desse aspecto com a heterogeneidade cultural, em que os sujeitos, vistos sob ambas as categorizações, são os mesmos, falam e sentem de forma análoga. E tal como conceitua o crítico brasileiro, no que tange ao seu aspecto evolutivo, a literatura brasileira de tais periodizações é, portanto, o aperfeiçoamento da atividade literária nacional, por intermédio da educação e melhoria das condições de vida da população.

Essa afirmação se sustenta no critério de conceituação baseado em um posicionamento político, o que implica naquela dicotomia, que para o teórico da história literária brasileira, é uma estruturação inválida para a crítica literária. Seu raciocínio aponta para a inviabilidade dos critérios de periodização literária baseados na cronologia, fundados na seleção e organização de uma literatura nacional em detrimento daqueles que foram esquecidos em vista de datações “arbitrárias” e de “feitos políticos”, evidenciando a influência dos interesses portugueses nessa compilação inicial.

Afrânio Coutinho ressalta que a literatura requer outro critério de periodização, ou seja, o de natureza estilística, assentado em três aspectos fundamentais: o estudo da “teoria da literatura, da teoria da evolução literária e da evolução humana.” (COUTINHO, 1960, p. 26). Esse princípio se liga ao pensamento (filosófico e teoria literária) dominante na sequenciação ou encadeamento dos períodos literários e suas evoluções. Para explicar esse pressuposto, o crítico ressalta a superioridade da produção dos autores árcades brasileiros em relação aos seus contemporâneos portugueses, bem como ilustra também a influência literária, hoje, do romance brasileiro sobre o português. Destaca ainda, que o que houve e que persiste na atividade literária é o entrecruzamento cultural de influências recíprocas.

Assim, a crítica literária busca interpretar a literatura como fenômeno de natureza própria, cuja manifestação possui caráter autônomo, integrado aos estilos artísticos em reciprocidade com outras formas de manifestação humana em constante processo evolutivo. Segundo esclarece Coutinho, a preocupação em distinguir história literária de historiografia literária, já desponta nos estudos de Varnhagen (1816- 1878). Nessa linha de pesquisa da historiografia literária, o crítico não deve ater-se puramente à sociologia, à cronologia e à política. Não se nega as contribuições de outras áreas, rejeitando o absolutismo de sua utilização como critério analítico.

Nessa concepção de que “a arte é estilo”, logo, é inadequado fundar-se em análises de cunho específico, tal qual o psicológico ou sociológico, pois conforme afirma, na corrente formalista, a arte é um universo auto-suficiente e com especificidade própria. Assim inaugura-se uma nova compreensão sobre a periodização literária, conforme discute Afrânio Coutinho (1960), a saber: a) literatura de exaltação das virtudes do povo; b) literatura do exagero regionalista e do pitoresco; c) literatura de maior autenticidade nacional, a que Machado de Assis, denomina de “sentimento íntimo.”

Durante os séculos, XIX e XX, o pólo irradiador das ideias literárias se volta para a França, que ainda no século XVIII é também responsável pelo ápice do estilo romântico e centro difusor de cultura e de novas ideologias.

Esteves (1998, p. 146) explica que, no Brasil do século XIX, após a independência começaram a entrar em discussão “os projetos de uma literatura nacional”, a qual vai se consolidando paralelamente à ideia de nação.

Esse momento é profundamente marcado pelo predomínio do racionalismo científico e da Revolução Industrial, que impôs ao homem do século XIX certa angústia existencialista. No campo da literatura americana, conforme destacam Zilberman e Moreira (1998), a atmosfera que circunda os sujeitos do século XIX se funda em dois princípios básicos, a natureza e a religiosidade. Estes princípios serão refletidos em suas ideias e no trato da língua como instrumentos de dominação e de criação de um verdadeiro espírito de nacionalidade brasileira, recusando-se a força dominadora impetrada pela cultura europeia em todos os aspectos da vida social, sobretudo no campo das letras nacionais. Esse aspecto reflexivo acima demonstrado é denominado por Afrânio Coutinho (1960) como “estágio de autoconsciência” no campo da linguagem.

Alain Touraine (1994) em sua obra *Crítica da Modernidade* define o século XIX como um século “épico” porque segundo argumenta,

[...] mesmo se por muito tempo aprendemos a ver nele principalmente o nascimento da industrialização maciça, e aqueles que falam da era das revoluções tiveram razão em considerar essa definição política como mais carregada de sentido que a ideia de sociedade industrial. Porque esta introduz com frequência um determinismo econômico que deixa na sombra os mecanismos de formação de tal sociedade, enquanto que o tema revolucionário, mesmo aplicado a países que não conheceram ruptura de suas instituições políticas, reforça a extrema força da mobilização ao serviço do progresso, da acumulação e do poder. (TOURAINÉ, 1994, p.75-76).

Bosi (1987) afirma que no período de 1870 a 1890, o Brasil é um reduto onde fervilhavam as ideias liberais, abolicionistas e republicanas inspiradas no pensamento filosófico europeu, positivista e evolucionista. Seus adeptos foram Tobias Barreto, Silvio Romero e Capistrano de Abreu, seguidos por Graça Aranha, Euclides da Cunha, Clóvis Bevilacqua e Medeiros de Albuquerque, já nos fins do século.

Tanto o século XIX como o século XX marcaram o apogeu da ciência sobre as ideologias tradicionais de matriz religiosa. O conhecimento tecnológico acarretou transformações no mundo e também em relação ao que os sujeitos conheciam sobre este. Mas, por outro lado, o progresso científico trouxe consigo o inegável embate entre o domínio da razão e a visão teológica sobre a origem do homem e do mundo. O acesso ao conhecimento trouxe aos sujeitos grandes benefícios e impactos, sobretudo naquilo que tange a sua relação consigo mesmo, com sua identidade. (HOBBSAWM, 2005).

No cenário social brasileiro, segundo o historiador Nicolau Sevcenko (2003), durante o período de transição entre os séculos XIX e XX ocorreram grandes mudanças, as quais foram refletidas pela produção literária. Dentre os autores por ele analisados, destacam-se Euclides da Cunha e Lima Barreto. Dessa forma, a versão literária foi uma forma original de exprimir o modo de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir a história nela refletida.

Por outro lado, os valores éticos e sociais mudaram tanto no nível das instituições e dos comportamentos como no plano das peças literárias. Os textos artísticos se tornaram, aliás, termômetros admiráveis dessa mudança de mentalidade e de sensibilidade. (SEVCENKO, 2003. P. 286-287).

Em *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi* (1989), José Murilo de Carvalho também analisa as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais ocorridas nas primeiras décadas da Primeira República. Ao tomar por base o Rio de Janeiro, explica que as transformações ocorridas naquela capital foram antecipadas a partir da transição da Monarquia para a República. Carvalho ressalta como um dos aspectos a isso relacionados está o fenômeno da migração populacional do campo para a cidade, e conseqüentemente, o aumento da população urbana, que acarretou uma série de problemas sociais: má remuneração dos trabalhadores, condições insalubres etc. No campo ideológico, o autor destaca a coexistência conflituosa entre as vertentes positivistas, liberais, socialistas e anarquistas, no decorrer das primeiras décadas do Brasil República.

Tendo em vista o desdobramento dessas configurações no campo político, social e ideológico, nota-se a partir do século XX, que o Brasil não é

aquilo que se pensava, o nacionalismo ufanista é posto em cheque e, surge em seu lugar a ideologia de país subdesenvolvido. A ideia é mostrar um país cheio de contrastes. Vai se mostrar o impasse do desenvolvimento, do progresso e da racionalidade tão aclamados pelo ideário iluminista. Agora, o escritor atua como denunciador das mazelas sociais, como é o caso de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, nos romances regionalistas da terceira geração modernista.

Na visão do historiador Eric Hobsbawm, o século XX, é marcado por uma revolução cultural, em que acontece o

[...] triunfo do indivíduo sobre a sociedade, ou melhor, o rompimento dos fios que antes ligavam os seres humanos em texturas sociais. Pois essas texturas consistiam não apenas nas relações de fato entre os seres humanos e suas formas de organização, mas também nos modelos gerais dessas relações e os padrões esperados de comportamento das pessoas umas com as outras; seus papéis eram prescritos, embora nem sempre escritos. Daí a insegurança muitas vezes traumática quando velhas convenções de comportamento eram derrubadas ou perdiam sua justificação; ou a incompreensão entre os que sentiam essa perda e aqueles que eram jovens demais para ter conhecido qualquer coisa além da sociedade anômica. (HOBBSAWM, 2005, p. 328).

Já na literatura contemporânea, as preocupações são outras: o passado histórico retorna, mas não com pompas de exaltação. Sua visão é mais centrada na criticidade e na sua contraposição em relação ao presente. No romance *Um Amor Anarquista*, há a forte presença da heterogeneidade cultural, pois as personagens são trabalhadores rurais, artesãos, intelectuais, homens, mulheres e crianças, italianos em solo brasileiro, que se misturam para a efetivação de um projeto. Quanto à abordagem crítica sobre o passado, as cartas de Giovanni Rossi, inventadas por Miguel Sanches Neto, demarcam a sequência cronológica dos acontecimentos históricos, numa densidade rítmica onde as temporalidades presente, passado e futuro se entrecruzam. Essas cartas constituem uma das formas de apreensão do que foi o evento Colônia Cecília; elas são um testemunho ficcional, resultantes de um processo de busca, seleção e organização de elementos, a partir de fontes documentais. Nelas estão representados alguns traços das feições nacionais referentes ao processo de consolidação da República. E com relação a isso, elas também

parodiam até certo ponto o discurso propagandista da política imigratória naquele período. O discurso inicial de Rossi, *persona ficcional*, atua no sentido de ressaltar as qualidades da terra e do povo paranaense e brasileiro, como produto não só de uma constatação do real vivido naquele momento, mas de uma reflexão crítica sobre este.

Portanto, as cartas do imigrante italiano, recriadas pela imaginação estética do autor, são uma síntese do vivido por esse personagem histórico, também resultado de um processo de seleções, simplificações e organizações junto a sua memória. Por essa razão, o referido processo faz com que as narrativas epistolares se tornem uma versão incompleta e lateral do conjunto de acontecimentos narrados numa determinada dimensão espaço-temporal.

A carga dramática fica por conta do tom decrescente das emoções vivenciadas pelo médico-veterinário idealista. Na parte ficcional, esse cenário é muito mais carregado, tanto na carga dramática quanto na rapidez das ações. Assim combinados, esses elementos são um recurso estratégico para captar a atenção do leitor, pois dialogam sistematicamente com a sua sensibilidade, com as suas ideologias; rompem com a mera causalidade determinista e transbordam em um rol de questionamentos críticos e filosóficos acerca da própria realidade existencial do leitor. Dessa forma, no aspecto estrutural da obra, têm-se então considerados os fatores sociais como cumpridores de sua finalidade: “formadores da estrutura” da obra estética em sua integralidade, juntamente associados aos demais elementos psíquicos, históricos entre outros, tal como considera Antônio Candido sobre o gênero literário. (CANDIDO, 2000).

Além dos elementos acima referidos, os quais assemelham o romance de Miguel Sanches Neto (2005) às características comuns entre os romances contemporâneos, a leitura de *Um Amor Anarquista* deles distingue-se, se tomada sob o ponto de vista dos fatores sociais nele implicados. Pelo seu aspecto dialógico com o presente, a obra pode suscitar no leitor a discussão/interpretação sobre um conceito de nacionalidade mais voltado para a percepção de sujeitos preocupados com a sua condição humana, social, política, ideológica e cultural do que preocupados em afirmar seu sentimento de pertença a um dado grupo.

Para tanto o romance de Miguel Sanches Neto (2005) se vale de uma ponte, uma espécie de linha tênue entre história, ficção e literatura. E essa tenacidade pode ser uma forma de criação comparável ao que, para Lukács (2009), é o que constitui a liberdade criadora do escritor de romance: a ironia, que imprime objetividade e totalidade ao gênero. E dentro desse conjunto opera um elemento central: o funcionamento da língua, que segundo Hobsbawm (2013, p. 74), é “a verdadeira essência daquilo que distingue um povo de outro.” Miguel Sanches Neto tem na língua um instrumento de aproximação do seu leitor para com a história e a realidade social de seu país, ainda que esta aproximação se verifique em termos de uma versão romanceada, contudo sempre buscando a reflexão e a criticidade acerca do passado.

Segundo explica Paul Veyne (1998, p. 8), uma coisa é a experiência vivida, a outra é a reflexão sobre a narrativa, pois a

“história é, em essência, conhecimento por meio de documentos. Desse modo, a narração histórica situa-se para além de todos os documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento; ela não é um documento em fotomontagem e não mostra o passado ao vivo “como se você estivesse lá”; retomando a útil distinção de G. Genette, ela é diegesis e não mimesis. Um diálogo autêntico entre Napoleão e Alexandre, ainda que tivesse sido conservado pela estenografia, não seria “copiado” tal qual na narrativa: o historiador preferirá, geralmente, falar sobre esse diálogo; se o citar textualmente, o fará para obter um efeito literário, destinado a dar vida à trama, ou seja, o éthos, o que aproximaria a história assim escrita da história romanceada.

Partindo desse pressuposto de Veyne (1998), a narrativa de *Um Amor Anarquista* aproxima-se dessa mesma esfera da narração histórica para estabelecer uma relação dialógica e crítica entre aquele evento do passado que não pode ser restituído e o presente.

Na sua linguagem contemporânea, Miguel Sanches Neto explora o viés da liberdade criadora de Lukács para lançar um olhar literário sobre o universo humano e para mostrar, que na linha sucessiva do tempo, os problemas existentes continuam sendo os mesmos. Por isso, preocupa-se em fazer uma

literatura que contemple a realidade brasileira e as questões sociais de seu país. (SANCHES NETO, 2011b)²⁰.

Após essa exposição e a título de ilustração sobre as influências desse pensamento na produção literária do século XXI, selecionamos o romance *Um Amor Anarquista*, de Miguel Sanches Neto para proceder à análise de alguns aspectos pertinentes a essa problemática na obra.

3.4 MEMÓRIA E (DES)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Nesse estudo, recorreremos ao funcionamento da memória ficcional para estabelecer uma versão paralela com a memória individual ou coletiva, como elemento essencial para refletir sobre o processo de construção do conceito da nacionalidade. Tal relação se justifica no sentido da atualização desse conceito, bem como de também atualizar as representações ou as impressões que se tem do passado, “cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, [...]”, segundo o pensamento de Jacques Le Goff (2003, p. 469).

O estudo principia pela escolha do termo (des) construção, pois se desloca a partir da desconstrução da versão histórica para analisar a construção discursiva e a intencionalidade que permeiam a narrativa do romance de Miguel Sanches Neto (2005a), ao abordar uma experiência polêmica e ímpar de construção de um modelo de sociedade numa região interiorana do Paraná marcada pelo conservadorismo dos costumes.

Sobre a questão da memória do romance e a forma como se o dá percurso em que história e memória atravessam a literatura, embasamos nossa discussão de acordo com os estudos de Pesavento (2004) sobre as reflexões de Paul Ricoeur, que nos anos de 1950,

[...] discutia não só a possibilidade de obtenção da verdade, mas a própria existência de uma finalidade na história. [...]. Por exemplo, é por meio da hermenêutica de Paul Ricoeur que vêm a ser discutidos os distanciamentos e as aproximações entre as narrativas literárias e históricas, pondo em causa as

²⁰ Idem p. 25.

dimensões da verossimilhança e da veracidade dos discursos. [...]. Um amplo debate sobre o estatuto do discurso historiográfico se abria quando, em 1967, Roland Barthes se indagava sobre os traços que poderiam distinguir a narrativa histórica da ficcional. (PESAVENTO, 2004, p. 27).

Assim, pela memória ficcional representada no romance de Miguel Sanches Neto (2005a), propõe-se ao leitor a reflexão sobre um dado momento da colonização do Paraná e também sobre a formação do território nacional, em que se pode também contrapor um tipo de exaltação, veiculado pelo discurso propagandista do governo e por meio dos relatórios de Rossi enviados à Itália, e que são parodiadas nas cartas de Rossi, na versão ficcional: “Minhas palestras aqui na Itália, para grupos numerosos ou para poucos amigos, têm tido grande êxito, muitos são os compatriotas que desejam participar de uma vida nova num lugar promissor”. (SANCHES NETO, 2005a, p. 102).

“O romance é um estudo em amplitude de um determinado universo”, segundo define Sanches Neto (2011a)²¹. Dessa forma, essa reflexão também se debruça sobre o discurso histórico, em torno do movimento imigratório no Brasil, no século XIX. Por isso, a leitura de *Um Amor Anarquista* amplia o estudo daquele determinado universo da história paranaense, a qual também se liga, ainda que em um contexto bastante particular, à história nacional. Segue aqui um trecho de uma das cartas ficcionais de Rossi, relatando ao amigo e compatriota, o médico Dr. José Franco Grillo sobre uma de suas viagens a caminho de Curitiba, sobre um encontro que teve com autoridades políticas e da imprensa estadual em uma hospedaria:

Passavam a noite lá, amolecidos pelos sofrimentos de tais estradas, e propensos a entender melhor o esforço dos imigrantes, o senhor governador do Paraná, Serzedelo Correia, o senador Ubaldino do Amaral e o Dr. Vicente Machado, este admirável diretor do jornal *A República*. Sofrendo, como os demais, o aperto no peito comum nestas solidões, passamos boa parte da noite em palestra animada, eles me perguntando todos os detalhes sobre nossa Colônia. São homens instruídos, com grande liberalidade de pensamento, e estavam informados não só de nossa experiência, mas também das ideias socialistas que florescem em toda a Europa. Depois que lhes dei mais notícias sobre os planos de ampliação do número de anarquistas na Colônia, e que minha viagem ao velho mundo tinha o objetivo de promover a vinda de mais gente, o

²¹ Idem p. 37.

governador disse que os colonos socialistas, do ponto de vista da economia, são tão necessários quanto os demais, mas que superam os outros por introduzirem técnicas e idéias (*sic*) civilizadas, indispensáveis para o crescimento da jovem província. Ainda me disse que no Paraná não faltam terrenos, que podem ser ocupados por qualquer tipo de trabalhador. “Há muitas terras, Dr. Rossi, para que seus amigos anarquistas testem seus princípios.” (SANCHES NETO, 2005a, p.68-69).

O discurso presente nesse excerto narrativo transparece a troca cultural havida entre as duas etnias, a brasileira e a italiana. No que se refere à participação dos colonos anarquistas, especificamente, ressaltam nesse discurso dois aspectos afirmativos inerentes ao programa de colonização paranaense e às contribuições dos imigrantes: de um lado, a visão do idealista sobre os cidadãos paranaenses como sujeitos instruídos e de liberalidade de pensamento; de outro, a visão dos paranaenses, ali representados pelas três autoridades, sobre a importância da participação daquele grupo específico na atividade econômica, intelectual e tecnológica para o desenvolvimento do estado. Também em um tipo de discurso que o autor emprega para não legitimar o discurso hegemônico da superioridade cultural de um grupo sobre o outro. Contrapõe-se ao conceito de nacionalidade pautado na visão do europeu como modelo de civilização a ser seguido.

E em uma terceira via de interpretação desse discurso, que seria um dos aspectos irônicos presentes no romance, recaímos na intencionalidade do autor em ‘trair’ a história, pois o que se sabe pela memória histórica e literária, a convivência entre brasileiros e os povos colonizadores nem sempre pairou sob o espírito da convivência harmoniosa, pois inicialmente os primeiros colonizadores mantinham com o Brasil uma relação de natureza exploratória, depois, com o início do desenvolvimento econômico, os colonos representavam uma ameaça aos trabalhadores porque ocupavam seus postos de trabalho no campo e na indústria.

No primeiro momento da obra, a construção discursiva sobre a identidade do colono italiano paira sobre o arquétipo mítico, conforme Jung (1990) e Campbell (1991): o salvador da nação, aquele que trará o progresso para o país: “Precisamos do estrangeiro, que nunca está satisfeito, sempre quer mais, fazendo o país progredir.” (SANCHES NETO, 2005a, p.33). Este

estrangeiro então é recebido em solo paranaense, com a amizade e a hospitalidade, que contagiam os imigrantes e “vão melhorando seus hábitos” no contato com a população local. Interessante ressaltar aqui um dos aspectos pertinentes ao romance histórico, que é a inversão, aqui notabilizada pela troca de valores culturais, qual seja: o sujeito local (o paranaense) é a representação do indivíduo culto, polido enquanto que o imigrante é quem personifica o sujeito rude e grosseiro. (SANCHES NETO, 2005a, p. 33).

Conforme observa Esteves (1998. p. 144), a questão identitária associada à releitura da história oficial, tradicional tem se manifestado, nos últimos anos, como uma grande preocupação nas produções literárias latino-americanas, sobretudo na literatura brasileira. E tal releitura se processa pelo tratamento ficcional que se dá à utilização da história factual: pela produção de uma versão, frequentemente, parodiada ou carnavalizada em que se nota a presença de várias vozes. “São vozes tidas, durante muito tempo, como dissonantes que, agora juntas, tentam dar uma visão mais completa da complexa realidade americana”.

Quanto à estrutura da ficção, a narração é fragmentada, tal como explica Miguel Sanches Neto (2005b)²². Com isso, pretendeu criar também uma estrutura anárquica de modo tal que “em vários momentos os personagens se embaralham, criando novas composições”. É algo como se tratasse de um jogo dialógico discursivo entre a história oficial (o passado) e a realidade de uma minoria que ficou apagada com o decorrer do tempo, mas que agora, é vista sob um olhar crítico e representativo de suas identidades múltiplas e marginais (HUTCHEON, 1991). São as vozes de homens e mulheres duplamente excluídos, desterrados, que empreendem “uma grande viagem” em busca de uma “terra prometida”, onde encontrarão abrigo e sossego.

Esta estrutura está alicerçada em uma alternância constante entre as cartas ficcionais de Giovanni Rossi, personagem histórico, e os capítulos da narrativa ficcional, os quais não estão sujeitos à ordem cronológica dos acontecimentos; sua organização se dá pela passagem de um plano a outro, intercalando neles a narrativa histórica pela inserção das cartas.

²² Idem p. 12.

Por este viés, procuramos perceber como se dá o percurso narrativo em que a memória e a história atravessam a literatura para instituir na narrativa de *Um Amor Anarquista* uma espécie de coro de vozes, que tenta afirmar sua identidade pela criação de outro modelo de organização social. Nesse modelo, no plano ficcional, segundo o conceito de Rossi, “pátria não é onde nascemos, mas onde deixamos boas sementes”. (SANCHES NETO, 2005a, p. 103). Nesse trecho, fica bem evidente que o discurso da personagem, no sentido de sua ampliação, também é um discurso do próprio autor.

A interpretação aqui sugerida, no plano ficcional, é de a criação desse outro conceito de nacionalidade confronta-se com o discurso de ideologias fortemente arraigadas no meio social, influenciado pela elite dominante. Ideologias que também afetam a própria formação individual e a subjetividade daqueles imigrantes italianos, na sua condição de colonos anarquistas. Sanches Neto assim explica a participação de seus personagens no funcionamento da trama narrativa: “Eu queria criar esta multiplicidade de vozes, com vários personagens aparecendo, entrando em cena e depois saindo. Mas o centro vai se tornando mais forte, e este centro é Rossi”. (SANCHES NETO, 2005b)²³.

Esses sujeitos então imbuídos do pensamento anarco-socialista se propuseram a romper com o sistema político, econômico e social, o qual era considerado por eles como um projeto “corroído”. Com isso, se chocaram com as ideologias advindas da tríade que formava a base instituída daquele pensamento dominador: a família, a igreja e o estado. O mesmo pensamento dominador de base capitalista forçava a natureza social do homem e destruía-lhe os valores mais caros: a liberdade e a fraternidade.

Há um constante percurso de ida e volta entre os que vêm para a Colônia Cecília, no Brasil, em busca de seus sonhos e aqueles que regressam desiludidos “sou uma planta que não se deu bem nesse solo”. (SANCHES NETO, 2005a, p.105). Seja para a Itália ou para outras regiões do estado ou do país, esse percurso cíclico se estende até a morte. Isso se exemplifica pela morte do personagem Giovanni Rossi na cena final do romance, em que se torna implícita essa ideia pelo seguinte trecho: “Adele saiu do cemitério,

²³ Idem p. 12.

passando pelo portal, gostava daquelas colunas. Logo estaria fazendo o caminho de volta, mas sem se cansar”. (SANCHES NETO, 2005a, p. 250). Essa forma de composição do romance representa um ciclo que nunca se fecha.

É importante também justificarmos a escolha do termo ‘duplamente excluídos’; pois se trata de indivíduos que, primeiro foram excluídos do solo pátrio, em função da condição de miséria e exploração a que viviam subordinados, em um sistema de governo capitalista. E em segundo plano, sentem-se e são excluídos dessa nova pátria a qual recorrem como uma “nova e maravilhosa terra”. (SANCHES NETO, 2005a, p. 70). Portanto, dentro dessa nova perspectiva, o significado das palavras de Rossi é contextualizado e, por sua vez, contrastado com outros discursos manifestos ao longo do texto, os quais revelam outras formas de identificação por meio da diferença, tal como se lê nesse trecho: “Giacomo Zanetti (...) iria embora, para uma cidade onde pudesse trabalhar e conviver com gente esclarecida, estava cansado de tanta ignorância”. (SANCHES NETO, 2005a, p. 105).

A sequência narrativa principia pela ficção, com foco narrativo em primeira pessoa, representando o Giovanni recriado pela literatura. Em seguida, tomamos conhecimento da figura histórica Giovanni Rossi, por meio de cartas, que ao mesmo tempo, também funcionam como recortes de fontes históricas oficiais, introduzidas na trama.

Esses elementos constituem as bases da memória e do imaginário coletivo que circundam não apenas os discursos sobre um simples núcleo de colonização, mas que refletem até que ponto os ideais libertários fundamentados em uma sociedade anárquica foram sendo, paulatinamente, silenciados e até mesmo apagados em função de discursos ideológicos opostos, provenientes de três instituições fortemente identificadas como pilares de uma base social hegemônica: 1º) a família, que “era um entrave para a conquista da liberdade coletiva” (SANCHES NETO, 2005a, p. 82); 2º) a religião “Essa terra só conhece católicos” (SANCHES NETO, 2005a, p. 219); 3º) o estado com suas “perseguições políticas” e o “controle das autoridades”. (SANCHES NETO, 2005a, p. 246).

Tendo em vista o exposto acima, percebe-se pela estruturação textual uma forma de recorrência discursiva também à memória coletiva, ao mundo das coisas lembradas, conforme destaca Maurice Halbwachs (2004) em que os eventos que constituem a lembrança do passado, mesmo quando determinante de uma subjetividade, necessitam de reforço e complementação junto à memória coletiva, pertencente a grupos maiores ou menores. Nesse aspecto, a análise proposta recai sobre um quadro social que retrata a nacionalidade do indivíduo para observar em que ponto a história pessoal se mescla à história nacional; até que ponto os sentimentos significam mais que os acontecimentos históricos.

Diante dessas questões propostas pelo filósofo da memória, é que aproximamos o estudo da construção discursiva de *Um Amor Anarquista*, tomando-o como uma espécie de resposta ao processo de apagamento da memória acerca daquelas identidades marginalizadas. De acordo com Maurice Halbwachs, “a história começa somente do ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito.” (HALBWACHS, 2004, p. 85). Em analogia a tal pressuposto, consideramos a obra, por seu efeito constitutivo, um registro da memória coletiva, que não deve ser confundido com o registro da história ou memória histórica.

Halbwachs afirma ainda que a nossa memória é permeada por correntes de pensamento coletivo que se cruzam, sendo, portanto, resultante de influências sociais e, por isso, estuda a memória sob o ponto de vista do predomínio do social sobre o individual onde procura analisar o que ele denomina de “quadros sociais da memória.” E é nesse sentido que a ficção historiográfica aborda a narração dos acontecimentos históricos e abre espaço para a reflexão sobre os discursos ressoantes na memória social acerca da constituição da nação e da construção nacionalidade.

Quanto a esse aspecto, Leão (2013) demonstra que o conceito de identidade nacional passou por várias concepções, de acordo com a contribuição de diversas correntes teóricas e de diversas ideologias políticas dominantes. E essa ideia fica bem esclarecida o longo de seu percurso investigativo para estabelecer a relação entre o cânone literário, os atores

responsáveis pela seleção desse cânone e a “invenção” de uma literatura, que por sua função social também servia para inventar uma nação.

E é nesse sentido que preexiste o discurso da obra: preservar, fixar por escrito aquilo que está se decompondo na memória social e analisar mais que fatos históricos, os sentimentos que compõem o real significado de uma experiência polêmica, vivenciada não somente por um personagem histórico, mas por uma coletividade de “heróis medianos” (LUKÁCS, 2011) que fazem parte da experiência cotidiana e vivem sob a pressão de forças antagônicas (BASTOS, 2012, p. 164). “Nossa liberdade tem que ser conquistada até mesmo contra a memória, contra a gratidão e contra o amor” (SANCHES NETO, 2005a, p. 60), tal como explica Hermenegildo Bastos.

Os personagens medíocres, de envergadura média, que são os heróis principais, personagens da vida normal, cotidiana, representam a posição mediana entre as principais forças antagônicas; as personagens históricas de primeiro plano, por sua vez, só podem ser personagens secundários. (BASTOS, 2012, p. 160).

Em *Um Amor Anarquista* a versão da *persona ficcional*, homônima da *persona* histórica, que é recriada pela literatura para ser despojada de toda pompa de heroísmos e nobreza de espírito, quer mostrar, de fato, a grandeza humana, como se referia Lukács (2009) sobre a natureza do romance. Para completar esse encontro com o passado histórico por meio da memória social, a narrativa se polariza com o acréscimo do discurso de outros personagens periféricos, os quais, cada um em seu turno irrompe na narrativa para expor os vários elementos de contradição e conflitos entre os sujeitos.

Segundo Hobsbawm (1998, p. 288), do ponto de vista da “atual fabricação histórica”, insistir na distinção entre fato e ficção é das responsabilidades do historiador da atualidade, porém não mais importante do que a de interpretar “os desejos do presente no passado” por meio de anacronismos, como técnica mais conveniente para a criação de uma versão histórica que satisfaça às necessidades de comunidades ou coletivos que superam a mera classificação de nacionais. Aqui o historiador britânico se vale da terminologia “comunidades imaginadas”, cunhada por Benedict Anderson (1991) para definir em termos antropológicos o seu entendimento sobre o

conceito de nação enquanto “uma comunidade política imaginada”, que se constitui de forma ambígua: limitada, mas paralelamente soberana.²⁴

Os personagens de *Um Amor Anarquista* percorrem esses entremeios da literatura e da história e, para muito além do mero registro de recortes temporais do passado histórico, eles submergem no universo psicológico e nas emoções subjetivas.

A linguagem literária, mais do que fruição estética, é um mecanismo formador de cidadãos capazes de compreender os fatos, de selecioná-los quanto ao seu grau de importância e de avaliá-los a partir do ponto de vista pelo qual são apresentados.

Essa linguagem também tem o poder de colocar o leitor no lugar do outro, daquele que lhe é completamente diverso, conforme afirma Miguel Sanches Neto (2011b)²⁵. A linguagem capta a essência do humano, aquilo que o rigor da história ignora ao priorizar sobre a precisão das informações sobre os fatos vividos.

E nesse cruzamento das duas narrativas, o romance revela que a ideia de comunhão do sentimento de nacionalidade não é partilhada na mente de todos os integrantes da Colônia Cecília. O que prevalece é a narrativa sobre homens e mulheres que abandonam seu território de origem por desidentificarem-se com as condições de vida lá enfrentadas.

São seres que saem em busca de uma nova terra, onde possam estabelecer-se e garantir sua sobrevivência. Instigados pelo idealismo de Giovanni Rossi e pelas propagandas promissoras do governo brasileiro, esses seres se deparam com uma terra estranha, sem a mínima infra-estrutura e com uma ideologia audaciosa, com a qual muitos não concordavam: amor livre, vida comunitária e fraternal. A tônica dos fatos fica muito mais evidente no discurso ficcional, graças à carga semântica nele empregada, o que é menos marcado

²⁴ Anderson (2008) cunhou esse termo a partir dos seus estudos sobre a obra *Nations and states: an enquiry into the origins of nations and the politics of nationalism* (Methuen, 1977), de outro historiador britânico, Hugh Seton-Watson (1916-1984). Este autor entendia que uma nação se constituía quando um número significativo de pessoas que vivem em comunidade assim se considera ou que se comportam de modo tal que assim a formam. Em sua concepção o termo “considerar” poderia ser traduzido como “imaginar”.

²⁵ Idem p. 25

no seu contraste com a versão histórica oficializada, documental, das cartas de Rossi. “A questão não é que a história não exista, mas que a sua escrita sonega a verdade histórica. Daí a necessidade da literatura como discurso capaz de dizer a verdade.” (BASTOS, 2012, p. 170).

Nessa dualidade entre subjetividade e coletividade inserimos a tônica do discurso narrativo da obra, ao levarmos em consideração que para Bergson (1990)²⁶ a memória está relacionada a corpo e sentido, enquanto que para Halbwachs se relaciona às experiências coletivas. Para o primeiro, a lembrança é subjetiva, interiorizada. Já o segundo, afirma que a sua subsistência está no grupo social, mesmo aquelas consideradas de foro mais pessoal. Dessa forma, no romance, as cartas de Rossi, se tomadas somente pela perspectiva bergsoniana, representariam esse universo individualizado e subjetivo da memória, enquanto que, tanto as cartas como a narrativa ficcional se aprofundariam nas múltiplas vozes que representam as experiências de tantos outros seres, conforme a concepção de memória coletiva (LE GOFF, 2003); (HALBWACHS, 2004).

Assim sendo, esses pontos de vista sofrem alterações, de acordo com uma relação de causalidade espaço-temporal. São as transformações pelas quais a identidade do indivíduo sofre influências do meio social com o qual se relaciona ou com o qual se identifica. Na obra em questão, Giovanni Rossi é o herói solitário em seus ideais, mas que consegue influenciar até certo ponto a forma de posicionamento de sua esposa, pois conforme se comprova em um determinado trecho da obra, até mesmo Adele, sua fiel companheira, confirma não partilhar daquelas mesmas aspirações, mas justifica-se: “Eu só aceitei aquele casamento coletivo porque Giovanni queria. Era importante para ele.” (SANCHES NETO, 2005A, p. 249).

Embora sejam divergentes, as considerações de Bergson e Halbwachs trazem importantes contribuições para os estudos atuais sobre subjetividade e processos de identificação a partir do funcionamento da memória, ainda que

²⁶ Bergson (1990) sustenta a tese de que o passado pode ser remetido ao presente na sua totalidade quando evocado por meio da imagem-lembrança presente no espírito, pois se refere a uma situação definida guardada intacta, potencial no inconsciente dos indivíduos. Halbwachs (2004) contesta essa pureza e incorruptibilidade da imagem-lembrança; pois, ele entende que essa só existe em decorrência da sua interrelação com outras lembranças, as quais sempre são impressões, pontos de vista sobre um acontecimento.

Bergson não tenha se detido na análise do sujeito ou de sua relação com as coisas lembradas, conforme aponta Bosi (2009). Na presente análise, ambas ajudam a construir um viés interpretativo, entre tantos outros possíveis, sobre o objeto da narrativa de *Um Amor Anarquista*: pois não narra uma história de sucesso ou fracasso individual, narra ilusões e desilusões experimentadas pelo coletivo.

Sob a perspectiva de análise pela qual nos encaminhamos, são selecionados apenas alguns aspectos de cunho político e ideológico na narrativa, os quais podem ser verificados no conjunto da obra por meio dos diferentes discursos que a atravessam, como forma de expressão de um coletivo de identidades até então marginalizados socialmente.

A obra *Um Amor Anarquista* retrata, por um lado, a forma como uma massa de imigrantes provenientes de vários grupos minoritários se (des)identificam - em certa medida - com sua própria nacionalidade, a ponto de abandonar seu território pátrio em busca de outra realidade conforme ilustra o trecho a seguir.

Não temos que enfrentar o rancor da população local, uma gente afável que gasta muito tempo em conversas, ensina o que sabe e sempre nos convida para um café em sua casa. Tal polidez tão comum nestas terras ditas selvagens está contaminando o imigrante, que aqui chega rude e amargurado pelos sofrimentos em sua pátria. Assim, nossos grosseiros agricultores vão melhorando seus hábitos no contato com o paranaense. (SANCHES NETO, 2005A, p. 249).

Entretanto, ao aportarem em solo brasileiro, esses indivíduos se deparam com uma realidade hostil. Esse clima de hostilidade toma proporções crescentes, impregnando até mesmo as próprias relações internas, minando a pretendida unidade do grupo e revelando as diferentes construções discursivas e as contradições que tais diferenças imporiam ao projeto político ideológico de fundar em uma terra nova uma comunidade fraterna, socialista.

Essa nova formação identitária seria composta por uma irmandade, cujo único princípio norteador era a anarquia, um sistema social opositor à ideologia do capital e da propriedade privada que tinham como seus maiores representantes na reprodução de tais ideologias: a família, o estado e a igreja.

Porém esse ideal, quase uma utopia, acaba esvaindo-se de forma gradativa, segundo o que revela o próprio discurso que ressoa das múltiplas vozes que emergem ao longo da narrativa do romance. Por intermédio dessas vozes, o leitor toma conhecimento não só do passado histórico daquela gente, mas pode aprofundar-se também nos sentimentos e no espírito de luta que os moveu, tal que culminou com o que nos detemos a analisar que o que chamamos de processo de desconstrução e de construção de uma nova identidade.

E com base nesse pensamento, evidenciamos que a obra é um importante objeto cultural e filosófico, sobretudo pela sua função social ao recolocar no cenário contemporâneo o debate e a reflexão sobre um momento histórico que muito dialoga com a história atual no que tange tanto ao aspecto político quanto ao aspecto social, uma vez que conduz o leitor contemporâneo a refletir sobre sua própria individualidade, sobre suas concepções políticas, ideológicas e sobre seus próprios valores.

Primeiro, ocorre o processo de desenraizamento, pelo desligamento da pátria de origem (Itália), e ao longo da experiência esse desligamento se estende ao próprio ideal anarquista. Cada personagem vai revelando sua identificação ou (des)identificação pelos discursos construídos ao longo da trama, evidenciando seus posicionamentos ideológicos, muitas vezes ambíguos ou mesmo dissidentes do grupo. Em outro percurso da narrativa, percebemos o processo de formação de uma novo conceito de identidade, ao menos no que diz respeito ao plano das aspirações ideológicas do experimento anarquista em solo brasileiro: formar novos sujeitos, uma nova sociedade, cuja única motivação seja o bem comum.

Interessante observar, que os personagens periféricos, representados pelos trabalhadores camponeses, as mulheres e os idealistas adeptos do projeto anarquista tem tanta ou até mesmo maior importância que o personagem principal, uma vez que seus discursos ressoam as ideologias das vozes dos marginalizados, seus sonhos e decepções, suas amarguras e ressentimentos diante da exclusão da sociedade. Também pelas suas falas fica claro que o que minou a possibilidade de concretização e de resistência

daquele projeto anarquista não foi a ação direta das três instituições socialmente dominantes: família, estado, igreja.

Contudo, foram os resquícios das ideologias disseminadas por aquelas instituições sociais que ainda se mantinham arraigados na formação ideológica da maioria dos membros da comunidade anarquista, que desencadearam uma profunda crise de intrigas e desidentificações entre si e com a própria causa, e nesse caso particular, a liberdade feminina e o relacionamento amoroso. Resquícios esses perceptíveis inclusive nos discursos daqueles colonos que se diziam os mais convictos defensores do ideal anarquista, conforme ilustra a seguinte passagem do romance:

[...]. O ideal que unia os pioneiros estava se esboroando, e eles precisavam arranjar alguma coisa que os unisse de novo. Rossi sabia que não poderia ser outra meretriz, mas uma mulher, uma mulher que pertencesse ao anarquismo, a sua entrega não sendo só sensualidade, como em Malacarne, e sim prioritariamente princípio, luta pelos direitos femininos, ato político consciente, caso contrário acabaria em mera confusão de sentidos, em perturbação dos instintos masculinos, quando o amor deveria ser arma usada contra o poder e não distúrbio de glândulas, que os levaria de volta à promiscuidade primitiva. (SANCHES NETO, 2005a, p. 71-72).

Nesse aspecto a proposta de Miguel Sanches de tematizar o episódio do amor livre proposto para a organização social da Colônia Cecília atualiza a discussão sobre a prática social evidenciada atualmente na sociedade paranaense e brasileira: ainda que a tradição do casamento monogâmico persista na cultura nacional, a liberdade sexual tanto de homens como de mulheres, sobretudo destas, já vem ganhando um amplo espaço de aceitação no coletivo social, embora persistam também preconceitos e exclusões.

Vale ressaltar que, muitas dessas diferenças de identidades com o coletivo e com o projeto anarquista são mesmo anteriores à chegada de alguns grupos na Colônia Cecília e são bem aparentes na tônica do romance. Muitos desses grupos recém chegados não nutriam a menor identificação com o projeto anarco-socialista proclamado pelo seu idealizador Giovanni Rossi; apenas estavam ali em defesa de sua individualidade.

E é nesse contexto que recai outro aspecto da ironia do romance histórico, e que no caso do romance *Um Amor Anarquista*, em sua dimensão dialógica com o presente, insere-o como uma forma de questionamento em relação à sociedade contemporânea, cuja característica é a sua composição por sujeitos desterritorializados e heterogêneos que buscam encontrar-se em seus dramas pessoais e sociais, transitando do espaço interiorano para o espaço urbano das grandes metrópoles. Pela análise desse processo de desterritorialização é que se coloca, indiretamente, a questão da nacionalidade no âmbito da narrativa de Sanches Neto (2005a). Embora se excetuando o aspecto da negação das ideologias da religião, da família e do Estado, os ideais anarquistas propostos pelos colonos da Cecília eram norteados pelos princípios da liberdade individual, da coletividade e do bem comum, mas também abrigavam em seu corpo social, muitos conflitos em decorrência de individualismos.

4. UM AMOR ANARQUISTA: IDEOLOGIA E CONTRUÇÕES DISCURSIVAS Oponentes

“Retornando ao princípio, isto é, ao exame do paralelismo e da convergência entre narrativas históricas e ficcionais, para situar o lugar da narrativa que comporta o cruzamento dos dois campos discursivos, é possível formular uma conjectura: se é um dado empírico que existem narrativas ficcionais que não são históricas, narrativas históricas e, entre estas duas formações discursivas, narrativas de ficção histórica, pode-se entender estas últimas como uma necessidade resultante de uma carência na escrita da história; não porque a historiografia como tal não dá conta da tarefa que lhe é própria – mas porque há carências em que cabe à arte investir, e só a ela, porque pode indagar sobre verdades sem a expectativa de uma resposta conclusiva.”

(Marilene Weinhardt)

Por meio da construção narrativa do romance *Um Amor Anarquista*, Miguel Sanches Neto (2005a) descortina a historiografia e indaga sobre as verdades nela postulada. Sem se preocupar com respostas conclusivas transita, pelo fio da linguagem, o universo das possibilidades, percorrendo os limites da narrativa de ficção histórica. Entre os elementos linguísticos que marcam as regularidades no discurso²⁷ literário. O discurso sobre a construção

²⁷ Dado as inúmeras polêmicas acerca do uso do termo discurso e formação discursiva, reiteramos que o sentido por nós tomado por empréstimo neste trabalho de pesquisa, fora

de um modelo social e sua visão inovadora se choca com os mais variados interesses, de acordo com as subjetividades heterogêneas que compunham o grupo de imigrantes italianos que povoaram a Colônia Cecília. Ele se choca também com os interesses políticos e com os valores materiais e morais da cultura dominante na sociedade paranaense daquele contexto histórico e geopolítico.

Como parte de uma análise panorâmica, com base em alguns dos pressupostos teóricos de Michel Foucault (1979; 1999), Louis Althusser (1985) e Francisco Foot Hardman (2002). Neste item demonstramos como a obra literária em análise instaura efeitos de sentido pela sua construção narrativa, assim como também nela se ressalta os lugares onde se reproduzem esses processos de dominação.

Assim, a interpretação dos mecanismos internos e externos que formulam os efeitos de sentido do dito e do interdito na construção narrativa do romance, funciona de modo a explicitar a relação opoente e desigual entre a ideologia da classe dominante e a resistência ou a submissão dos indivíduos que lutaram pela instauração de um novo modelo de sociedade.

Portanto, os enunciados verbais selecionados por meio de alguns trechos recortados do romance servirão com a finalidade de sondar os discursos que constituem a trama, à luz da teoria tropológica do discurso, a qual “nos permite compreender a continuidade existencial entre erro e verdade, ignorância e entendimento, ou, para dizê-lo de outra maneira, imaginação e pensamento” (WHITE, 1994). Paralelamente, esses enunciados também ajudam a interpretar o modo como o autor desenvolve a narrativa.

Para tanto, o trabalho de análise levará em conta a associação das estratégias de escritura à teoria dos aparelhos de estado (ALTHUSSER, 1985) como instrumentos de reprodução da cultura dominante e pela inculcação de valores homogeneizadores acerca da nacionalidade.

fundamentado na explicação dada por Hayden White (1994, p. 16) de que a “etimologia da palavra *discurso*, derivada do latim *discurrere*, sugere um movimento “para frente e para trás” ou um “deslocamento para cá e para lá”. Este movimento – mostra-nos a prática discursiva – pode ser tão pré-lógico ou anti-lógico quanto é dialético”.

Assim, cabe refletir em que medida aqueles homens e mulheres representados pelas personagens da ficção literária compõem o imaginário histórico sobre o passado vivido, como são afetados pelo processo de mudanças territoriais e culturais ítalo-brasileiras, em sua individualidade, em sua cultura, em seus modos de representação, em sua sensibilidade e em suas práticas sociais. Ou seja, como os imigrantes daquele grupo específico se relacionam com seus pares e com os demais habitantes daquela região paranaense: os brasileiros e também os colonos ucranianos.

Conforme já fora bastante enfatizado, a narrativa se constrói em torno do ideário anarquista de um grupo minoritário. Nele se projeta a organização de uma organização social livre das hierarquizações do discurso hegemônico e opressor da sociedade, assim como da política e da igreja. Tal como argumenta Foucault (1979), a despeito do papel do funcionamento do poder microfísico e quanto a sua atuação no sentido de modificar os espíritos, assim também funciona a família, alicerce da sociedade, a política e a igreja enquanto instrumentos representativos de micropoderes frente aos interesses subjetivos dos sujeitos.

Essa temática será conduzida no texto pelo entrecruzamento da versão documental da história, datas e fatos, com a versão recriada por Miguel Sanches Neto (2005a) das cartas do imigrante italiano Giovanni Rossi e com a narrativa ficcional, que representam o coletivo das memórias acerca desse episódio. Salientamos que ambas as versões são construídas sob a tônica da ironia. Esse é um dos aspectos em que o funcionamento da língua instrumentaliza o autor para criar as personalidades e modificar os destinos de alguns personagens. Segundo afirma, nestes dois aspectos em especial, ele está mais interessado em “trair a história” do que propriamente ser fiel a ela. (SANCHES NETO, 2005c)²⁸.

Segundo White (1994, p. 230), a ironia “pressupõe a percepção da distinção entre verdade e falsidade, da possibilidade de representar erroneamente a realidade na linguagem e da diferença entre uma representação literal e uma figurativa”. Ao mesmo tempo, esse é um recurso pelo qual o autor instaura o diálogo crítico entre o presente e o passado por

²⁸ Idem p. 11

meio de jogos discursivos, os quais por sua vez são responsáveis por romper com a linearidade da trama.

Selecionamos alguns elementos pontuais da obra para discutirmos como esta, por meio de seu processo discursivo, apresenta as heterogeneidades dos sujeitos que a constituem, de modo a tornarem-se uma espécie de porta-vozes de um coletivo marginalizado. E é a voz do coletivo desses sujeitos que se encontram à margem de duas nacionalidades (italiana e brasileira) que, agora, ressoa como um eco na memória ficcional.

O texto se constrói pela utilização de elementos ficcionais, tais como, a ironia, a inversão, as categorias de carnavalização, as imagens do corpo grotesco (BAKHTIN, 2008) e o uso do arquétipo, associados ao emprego de datas e fatos recortados da história.

Quando percebeu, estava ajoelhado no chão, olhos molhados, a boca cheia de terra. Tinha sabor de mandioca com açúcar, ele engoliu tudo. Queria a terra, as mãos cavavam de forma alucinada, ele pensava no corpo de Maria. Maria Boaterra. O corpo. O amor. O sonho. Mandioca. Laranja doce. Terra. A palavra tomava todos os espaços de sua imaginação. Tentava pensar em justiça. Terra. Em sexo. Terra. Em dinheiro. Terra. Quem tinha mexido na sua memória e trocado as palavras? Queria beijar os lábios de Maria, e ao beijá-los tocava com a boca a terra. Então aceitou sua onipresença. Era muito pequeno e estava fraco, como resistir a esta força? Sempre que saía para capinar a horta ou as roças, agachava-se e comia, animal diante do cocho, grandes quantidades desse alimento. (SANCHES NETO, 2005, p. 92-93).

O personagem do lavrador Giacomo, que fazia parte do grupo dos solteiros na Cecília, era também partidário daqueles que não aderiram efetivamente ao anarquismo. Essa passagem revela o desejo capitalista pela posse da terra, assim como o desejo sexual pela posse do corpo feminino, tal como Miguel Sanches Neto (2005a) quis criar uma equiparação entre ambos.

Pelo hibridismo da linguagem que reúne ficção, memória e historiografia, a narrativa parece direcionar o leitor para uma possível reconstrução da figura histórica do colonizador em relação ao seu papel de participante da construção da nacionalidade brasileira.

Essa ideia se reflete como já fora dito, no jogo discursivo por meio da inversão de valores culturais e pelo confronto destes. Desse modo, o romance apresenta uma linguagem ambígua no trato dos acontecimentos relativos a um episódio muito particular do passado nacional, figurando no nível da produção literária como uma chave interpretativa que, recai também, resguardada as proporções, sobre a construção da nacionalidade.

Por um lado, se apresenta o discurso histórico recriado pelas cartas de Giovanni Rossi, inventadas por Miguel Sanches Neto, culturalmente aceito, no qual prevalece o espírito inovador e progressista do colonizador europeu, conforme destacam os dois trechos a seguir: “o governador disse que os colonos socialistas, são tão necessários quanto os demais, mas que superam os outros por introduzirem técnicas e ideias civilizadas, indispensáveis para o crescimento da jovem província” (SANCHES NETO, 2005a, p.69); “éramos uma força social sem culto religioso e poderíamos ajudar na instrução da província.” (SANCHES NETO, 2005a, p.69). Nesses trechos, se encontra espelhada a ideologia da figura do imigrante estrangeiro como o detentor do conhecimento e do saber técnico, necessários para a introdução de tecnologias que levariam ao progresso a nação recém proclamada um ano antes da chegada desse grupo específico de imigrantes italianos.

Contudo, pela mesma perspectiva paradoxal já inicialmente referendada, no discurso construído pela narrativa ficcional, o imigrante é apresentado como um homem “rude e amargurado pelos sofrimentos em sua pátria” (SANCHES NETO, 2005a, p. 33), aquele indivíduo que vem aprender com a população local os bons modos, “melhorando seus hábitos no contato com o paranaense.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 33). Nesses trechos ressaltamos dois aspectos interessantes sobre essa questão da troca cultural na construção das identidades: a questão humanística e a questão política. Humanística porque já que não necessita de conhecimentos científicos, racionais. O colono italiano vem aprender com o brasileiro a se ressocializar, se humanizar no contato com outros indivíduos e com a nova cultura.

O socialismo começou, para nós, já na fundação da Colônia. Pois nossos vizinhos, que acabáramos de conhecer, nos deram a primeira égua, as primeiras vacas e os primeiros porcos, além de colaborarem nas tarefas mais urgentes. Todos

se ajudam aqui, num socialismo rudimentar de fraternidade agrária.

Um outro exemplo deste socialismo espontâneo está na maneira de se criar gado. Praticamente não existem cercas, as reses, marcadas com as iniciais do dono, têm todo o direito de pastar nas propriedades públicas e particulares, nas beiras das matas, nos campos e mesmo nos jardins. [...] Que belo exemplo para, socialistas! (SANCHES NETO, 2005a, p. 33).

Esse trecho da obra dialoga também com uma das correntes da historiografia que, segundo Reis (1999), os historiadores optam por ressaltar os aspectos de autonomia e emancipação do país, deixando de lado os velhos paradigmas sobre a nacionalidade, vinculados ao modelo europeu, mais especificamente ligado a Portugal.

Os hábitos das longas horas ociosas, gastas em descontraídas conversas, a convivência mais próxima com os vizinhos, antes caracterizados como constitutivos de um perfil negativo para a identidade do povo brasileiro, agora são tomados como aspectos positivos, uma vez que são responsáveis por ajudar a humanizar os hábitos e a figura do europeu tomado pelo espírito racionalista, conforme se percebe no trecho seguinte: “[...] o homem local é pessoa hospitaleira e recebe a todos com muita amizade, pois não tem a febre do dinheiro e vê o estrangeiro como salvador”. (SANCHES NETO, 2005a, p. 32).

Portanto, nessa narrativa o herói não é um único personagem, mas são vários indivíduos que permaneceram no anonimato ao longo do tempo e que, então, retornam na trama como que para fugir dos discursos da verdade histórica, ao mesmo tempo em que se constitui em mais um produto cultural de conservação da memória social. Mais interessado em “trair” a história do que a ela se filiar, Sanches Neto (2005a) negligenciou alguns aspectos de verdade histórica relativos às circunstâncias dos acontecimentos e aos destinos daqueles sujeitos. A história não foi totalmente esquecida. (HOBBSAWM, 1998); (LE GOFF, 2003); (HALBWACHS, 2004); (PESAVENTO, 2004). Agora, passa por uma nova forma de reconstrução, não com base no estatuto documental das fontes oficiais de pesquisa histórica, mas por meio dos recursos paródicos, estéticos e estilísticos da língua, pela narrativa literária.

Dessa forma, a obra narra a trajetória de um grupo de imigrantes italianos, cujo destino, a princípio, é o Uruguai. Contudo, devido a problemas de saúde de alguns passageiros, o navio acabou aportando no Brasil, mais especificamente no Porto de Paranaguá, no Paraná. São pessoas que buscam implantar em Palmeira uma experiência outrora fracassada na Itália: fundar “uma geração nascida de encontros momentâneos” (SANCHES NETO, 2005a, p. 21). A chegada desses imigrantes se dá em 1890, um ano após o início da República e dois anos após a libertação dos escravos, portanto, coincidindo com um período político bastante conturbado no cenário nacional.

E é nesse cenário é que se propõe, então, fundar uma comunidade onde os sujeitos poderiam gozar de plena liberdade e autonomia de direitos políticos e individuais. Lugar onde a fraternidade e a igualdade seriam as chaves para a libertação contra a opressão do regime político e econômico a que estavam subjugados, segundo revela o trecho a seguir.

Fomos imaginando como seria o Brasil – embora inicialmente tivéssemos vontade de ir para o Uruguai, encontramos mais facilidades de imigração para o Brasil, cujo governo nos deu transporte gratuito e nos prometeu terras a prazo. (SANCHES NETO, 2005a, p. 17).

Para tal empresa, o ideal anarquista não se prende aos domínios de uma mera utopia, pois se justifica pelo racionalismo científico ao ser apresentado como um estudo de natureza experimental, “argumentável e verificável”. Este princípio inaugurado pela filosofia kantiana pressupunha que: “Sacudindo todas as tutelas, religiosas e políticas, o homem podia chegar à condição adulta, pelo uso da razão.” (RUANET, 1998, p. 239).

A narrativa funciona como mais uma forma discursiva, eco dos discursos plurais e da ideologia daquele grupo. Representa uma versão carnavalizada dos fatos narrados pela voz das minorias, representadas pelo coletivo de agricultores pobres e explorados pela sociedade patronal, submetidos à miséria e à fome. (HUTCHEON, 1991); (BAKHTIN, 1992; 2008); (KRISTEVA, 2005).

Homens e mulheres que buscavam afirmar suas identidades culturais contraditórias naquele sistema. O trecho a seguir demonstra essa prática social de contradição entre os sujeitos integrantes da Colônia Cecília em relação as suas ideias, representações e as suas sensibilidades. O autor do romance

retorna a um dos momentos da chegada de novos imigrantes na Colônia e demonstra, pelos discursos das personagens, a relação conflituosa entre os próprios integrantes da colônia experimental, divididos em dois grupos, o de agricultores e o de idealistas anarquistas, e também entre estes e a sociedade local.

A recepção do Dr. Grillo não fora propriamente uma recepção, ele apenas indicara o caminho para a Cecília, sem oferecer nenhum auxílio para o novo grupo, pequeno, três famílias e um casal sem filhos, dizendo aos recém-chegados que os anarquistas só tinham trazido problemas, embora Rossi fosse um homem correto, deviam se fiar nele, era o coração da Colônia. (SANCHES NETO, 2005a, p. 174).

E logo mais adiante:

Até Palmeira, na diligência que cortava oceanos de capim, o grupo manteve a força de sua escolha, falando dos novos projetos, mas o encontro com o Dr. Grillo esfriara completamente o pouco entusiasmo que os conduzia àquelas matas, onde não encontrariam animais ferozes, mas as dificuldades do convívio humano; o próprio anfitrião alertara para as intrigas dos colonos da Cecília, querem tudo, esperam tudo, você faz, eles desistem e saem espalhando mentiras. (SANCHES NETO, 2005a, p. 174).

São identidades contraditórias porque conflitam entre sentimentos paradoxais: o de pertencimento a uma cultura nacional e aquele provocado pelos processos de mudança. Assim é que o sujeito pode ganhar ou perder sua identidade, de acordo com a forma como ele é representado ou interpelado. Em meio a sonhos e desilusões, as identidades rivais e deslocantes dos colonos constituem também o aspecto político da narrativa, onde se revelam discursos oponentes aos valores apregoados pela ideologia dominante e que a história oficial buscou escamotear, mas que a memória social persiste em atualizar na produção de historiadores e escritores contemporâneos, como é o caso da narrativa de Miguel Sanches Neto que aí se insere, enquanto memória ficcional, como um mecanismo para apresentar uma nova versão da realidade.

Munidos de seu ideal e da compra de um lote de terras, a finalidade do grupo, em especial, era fundar um “pequeno país anarquista” (SANCHES NETO, 2005a, p. 222), formar uma nova estrutura social em comunidade, diferente daquela vida de pobreza extrema e da exploração dos patrões, “pois

eram empregados urbanos, vivendo a humilhação da miséria e da subordinação” (SANCHES NETO, 2005a, p. 85) numa nação regida pelo capital e pelo apego à propriedade privada.

Candido de Mello Neto assim explica sobre esse contexto da imigração:

O Estado do Paraná ainda vivia os vagidos republicanos e a imprensa bem refletia ambivalência emocional de que estava possuída a população. O susto mesclava-se com a curiosidade, o temor com a ousadia. Tais como pássaros engaiolados, que tanto lutaram pela liberdade, mas que foram surpreendidos pela sua chegada sem aviso, em momento inesperado, os arautos da república voavam de maneira atabalhoada, buscando alicerçar posições, garantindo lugares no novo palco que apenas se desenhava. (SANCHES NETO, 2005, p. 85).

Um desses motivos geradores de conflitos entre os sujeitos foi a prática experimental do amor livre, a qual consistia na relação afetiva entre uma mulher e mais de um homem, foi um dos motivos. A natureza desse experimento era a de se colocar em oposição aos princípios do casamento monogâmico, tido pelos idealistas da anarquia como uma instituição já corroída, que privava o homem de seu direito à liberdade. Em sua visão, a verdadeira liberdade não seria “conquistada com a destruição de povos e países, mas com a prática sexual fora da família.” (SANCHES NETO, 2005a, 221). A proposta fundamental da colônia anarquista era criar uma sociedade livre e fraterna, onde o homem deixasse seu direito de exclusividade sobre a mulher. Uma nação onde não houvesse privilégios nem direitos exclusivos sobre nada, como forma de rompimento com o modelo tradicional de organização familiar, assim como se declara no trecho a seguir: “A harmonia entre o indivíduo e a sociedade só poderá ser natural e espontânea quando todas as mulheres forem consideradas possíveis amantes, e todas as crianças, filhos coletivos.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 161).

Conforme será aprofundado mais adiante, a mulher é um dos elementos centrais do desenvolvimento da trama, pois é um dos focos da desintegração do grupo e do ideal anarquista. Este e outros elementos propunham a ruptura com os padrões sociais instituídos pelo regime capitalista, pelo estado, pela família e pela religião, vistos como vícios de uma sociedade ultrapassada e que

se pretendia reformar por meio de “discursos exaltados contra a igreja” e contra os padrões. (SANCHES NETO, 2005a, p. 220). Entretanto, os mesmos são também causadores da dissolução do projeto anarquista “Tudo de ruim que aconteceu na Colônia, da mesquinha e ao ciúme e à traição, sempre esteve ligado ao instinto de proteção familiar.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 221).

À medida que esses elementos emergem em cada episódio, de forma gradativa, é perceptível ao leitor que esses indivíduos passam por várias mudanças e se transformam em meio a um processo contínuo de desenraizamento e desidentificação. A princípio, isso se dá com sua própria nacionalidade, ao abandonarem a Itália, em busca de seus ideais: liberdade e terras fartas e produtivas no Brasil, terra “nova e maravilhosa” (SANCHES NETO, 2005a, p. 70), lugar de refúgio para os humilhados, miseráveis e vítimas da exploração patronal e capitalista. Em um segundo momento, mostra-se que tal desidentificação também ocorre em relação aos indivíduos, pois o “ideal que unia os pioneiros estava se esboroando.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 71-72).

Mais adiante o mesmo ocorre em relação à desidentificação daqueles com o novo território que os abriga, tal como se observa a seguir: “tomou a estrada, procuraria outro lugar, não podia mais suportar a Colônia, os companheiros de todos estes meses tinham sido canalhas. Ao sair da vila, cuspiu no chão, terra maldita.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 158). Esse sentimento cresce também devido às precárias condições de infra-estrutura oferecidas, tais como a “pouca alimentação como mais um sacrifício em nome da colônia.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 83). Após certo tempo de convivência, em meio a algumas intrigas, a desestruturação do grupo é acirrada, somando-se às hostilidades da população local que não via com bons olhos a proposta polêmica dos colonos de formar uma nova organização social paralela àqueles dois países pela quebra dos padrões sociais neles vigentes.

[...] de uma hora para outra, não só por culpa de ex-companheiros sem caráter, mas também por nossa fama de exaltados, tornamo-nos inimigos da sociedade paranaense. Tudo que fazemos acaba crescendo negativamente na opinião pública, e tal exagero tem criado problemas. (SANCHES NETO, 2005a, p. 191).

Nesse estágio da experiência anarquista, a abordagem de Sanches Neto denota o clima de hostilidade entre os colonos anarquistas e a “sociedade paranaense”, bem como denota ainda os conflitos entre os próprios sujeitos da Colônia Cecília. O ideal de uma geração socialista começa a esvanecer com o conjunto de identidades que conflitam com suas próprias subjetividades e com as identidades dos demais membros da comunidade, a partir do momento em que o mundo idealizado se confronta com as necessidades práticas do mundo real e com as “imperfeições humanas, que destroem os ideais mais nobres.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 99).

Em *Um Amor Anarquista* há um desfile de personagens periféricos, operários e agricultores “todos convencidos da urgência de acabar com os patrões” (SANCHES NETO, 2005a, p. 86), convencidos de que têm o papel de romper com as hierarquias, os valores, as normas e os tabus religiosos, políticos e morais socialmente dominantes. Mas também há o desfile dos desertores, cuja “vinda desordenada e a pouca convicção anarquista” (SANCHES NETO, 2005a, p. 150) os afastara do grupo, segundo relata Giovanni Rossi em uma de suas cartas ficcionais, pois não possuíam espírito coletivista, nem a disposição necessária para se exporem às dificuldades.

Outra característica do romance de Miguel Sanches Neto (2005a) é mergulhar o leitor em uma narrativa impregnada pelo nacionalismo, como ilustra esse trecho de uma das cartas que Giovanni Rossi envia da Itália para seu amigo, o médico Dr. José Franco Grillo durante uma de suas viagens para divulgação das suas ideias: “Nunca me comovi tanto neste exílio em minha pátria, pois já me sinto meio brasileiro, habitante desse pequeno país que é nossa colônia”. (SANCHES NETO, 2005a, p. 102). Pelo tom de comicidade e até mesmo pela paródia da seriedade religiosa e política, o autor problematiza as questões sociais, pois representa um drama social e humano vivenciado em seu país. Problematiza ainda, as relações de poder que se estabelecem numa esfera microfísica, tal como se pode sugerir no seguinte trecho: “A igreja é maior que o governo.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 218). Pela linguagem narrativa também se revela o jogo de poderes e ideologias dominantes, conforme ilustra o trecho: “Essa terra só conhece católicos.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 219).

Pela alternância entre a primeira e a terceira pessoa se produz ainda um efeito anárquico e simultâneo de inserção, desestabilização e anulação das subjetividades visando o futuro e a renovação das ideologias. Essa estratégia se verifica na estruturação do romance, que inicia com foco narrativo em primeira pessoa, dando conhecimento ao leitor sobre a primeira voz e o posicionamento discursivo marcado pela contraditoriedade, a do narrador-personagem Giovanni Rossi, recriado pelo mundo da representação.

Uma parte mim, no entanto, sentia falta da mulher, era minha raiz egoísta, contra a qual eu lutava todos os dias, lembrando que os interesses da Colônia tinham mais importância e minhas dores não passavam de sentimentos individuais e suportáveis. (SANCHES NETO, 2005a, p.10).

Entretanto, essa escolha narrativa é interrompida pela inserção de outro gênero narrativo, as cartas ficcionalizadas do personagem histórico, figurando como elemento de localização do espaço temporal e do discurso histórico na obra, como se percebe pelo seguinte fragmento: “Pacificados com o cheiro forte de mato, passamos a noite neste território livre em que hoje, novamente reunido o grupo de pioneiros, cinco homens e uma mulher vivem livremente, algumas décadas à frente do resto da humanidade.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 20).

Ao apropriar-se dos aspectos histórico e cultural, o texto cumpre com a função estético-formal do autor-criador (BAKHTIN, 1992), pois deles retira sentidos e valores ao instalar simultaneamente dois posicionamentos discursivos – o histórico e o ficcional. E a partir desses discursos, instaura o confronto de duas subjetividades, que estabelecem entre si uma relação dialógica. Uma - a subjetividade ficcional - representa o universo da individualidade da alma humana, com suas memórias, sonhos e frustrações sobre um passado vivido e distinto da história; a outra, pertence à memória coletiva (HALBWACHS, 2004), a um fato da história nacional compartilhado por meio de seus registros oficiais, no caso em questão, as cartas de Rossi.

Do plano da narrativa histórica, Mello Neto destaca que nos primeiros meses de 1891, “alguns integrantes da Colônia mantinham correspondência com a Europa, informando amigos, parentes e, mais particularmente, a

imprensa socialista, interessada em divulgar a experiência.” (MELLO NETO, 1998, p.153)

Por meio desses dois discursos o leitor poderá perceber o efeito de desestabilização dos discursos, não só relativos à linearidade da narrativa, mas extensivos ao próprio perfil subjetivo do homem, então retratado sob dois pontos de vista distintos.

O contraponto do romance *Um Amor Anarquista*, no âmbito da temática nacionalista, é a desconstrução sobre aquela imagem já calcificada no imaginário coletivo, a figura do imigrante como herói. Essa desconstrução atua não no sentido de controlar esse imaginário coletivo, mas sim de nele despertar o questionamento, a reflexão e a criticidade acerca do discurso oficial sobre a construção da nacionalidade, relacionando o passado com o presente, conforme resume o trecho a seguir.

A Colônia, para mim, serviu para provar que sem os laços de família é possível levar vida anarquista, e que o socialismo só será viável se tiver capacidade de produzir bens materiais suficientes, garantindo condições dignas aos trabalhadores; caso contrário, eles preferirão sempre a exploração dos capitalistas. (SANCHES NETO, 2005, p. 241).

Em sua dimensão estética, o romance *Um Amor Anarquista* revela o posicionamento valorativo do autor-criador (BAKHTIN, 1992) e se torna um produto da história e da cultura que o originaram, e é por esse viés que o leitor toma conhecimento e constrói a sua percepção sobre as individualidades daqueles colonos e sobre o seu universo, a Colônia Socialista Cecília.

A partir da segunda carta, o foco narrativo se transfere para um narrador onisciente, através do qual aqueles dois primeiros discursos passam a ser contextualizados por meio da paródia irônica, conforme já foi antecipado, de forma que “estabelece uma relação dialógica entre a identificação e a distância” (HUTCHEON, 1991, p. 58), entre ambos, e em relação às demais subjetividades que aparecem ao longo da trama na caracterização de outros personagens. É partir desse momento também que a subjetividade do narrador-personagem é, até certo ponto, anulada pelo seu desaparecimento da narrativa, pois este cede lugar à emersão de subjetividades múltiplas, com a inserção de discursos diretos. Essas falas interagem num diálogo revelador de

diferenças. Representam um terceiro nível de discurso na narrativa e a multiplicidade de filiações discursivas, todas em paridade de poder e de valor, que são características da natureza humana presentes na estética literária do romance polifônico. (BAKHTIN, 2008). São as vozes de homens e mulheres que formam um núcleo periférico na narrativa, porém, não destituídos da mesma importância que aquele desempenhado pelos elementos centrais, pois também são responsáveis por deixar transparecer em suas posturas alguns aspectos como o contraditório, o histórico e o político. (HUTCHEON, 1991).

Isso se reflete em vários momentos da obra, dentre os quais se destacam a busca pela satisfação de instintos primitivos, a alimentação e o desejo sexual, os quais imperam sobre os anseios de solidariedade e liberdade individual, política e econômica. Esse é um dos vários problemas que adquiriram proporções tamanhas, tal que o projeto de fundação de um modelo de comunidade fraterna começasse a ser corroído em seu próprio núcleo, conforme ilustra o seguinte trecho: “Se tivessem fartura lá, tudo seria mais fácil, o socialismo anárquico poderia se desenvolver, não precisariam passar por provações que não se referiam diretamente à ideologia, mas à pobreza.” (SANCHES NETO, 2005a, p 44).

É a partir dessas necessidades que emergem as desidentificações entre os sujeitos e com o ideal que os tornava um grupo, pois nem todos que ali estavam, partilhavam da ideologia socialista.

Sete famílias haviam deixado a Colônia um pouco antes da chegada de Rossi, carregando dinheiro, instrumentos de trabalho, animais, móveis e o carro. Para ocupar o lugar delas, e havia uma coincidência neste fato, chegaram os sete jovens, que trabalhavam com mais empenho do que os agricultores. (SANCHES NETO, 2005a, p. 121)

Muitos daqueles colonos arregimentados em levadas posteriores chegavam como ‘fugitivos da fome’, conforme o que se descreve em uma das cartas de Giovanni Rossi: “Não precisamos mais desses desesperados do destino, que encontram nos anarquistas uma possibilidade de conseguir imigrar, valendo-se de nossos precários recursos.” (SANCHES NETO, 2005a, p.137). Como se comprova pela análise desse trecho já não se trata mais de sujeitos pertencentes a uma mesma identidade, esses se caracterizam mais

pela prática oportunista e egocêntrica, que pela manifestação de pensamento e de condutas socialistas. Moviam-se por satisfazer interesses particulares.

O romance está estruturado em dezessete partes ou episódios anacrônicos, todos intercalados pelas cartas enviadas e recebidas por Giovanni Rossi, relatando as motivações e os acontecimentos que se desenrolaram desde a fundação até o declínio da Colônia Cecília. Os episódios fornecem ao leitor a representação do mundo real pelo rompimento com o discurso histórico e com a verossimilhança do discurso ficcional. Desconstroem, por um lado, a narrativa épica: a saga dos imigrantes italianos, ao inverter a escolha de um personagem central, pela seleção de vários personagens marginais, que juntos formam um núcleo, cuja identidade ainda em construção, tem por princípio formar uma nação anarquista. Conforme bem explica o crítico literário Georg Lukács, a essência e o objeto da narrativa do romance histórico é o destino de uma comunidade e não o destino pessoal.

O herói da epopeia nunca é, a rigor um indivíduo. Desde sempre se considerou traço essencial da epopéia que seu objeto não é um destino pessoal, mas o de uma comunidade. E com razão, pois a perfeição e completude do sistema de valores que determina o cosmos épico cria um todo demasiado orgânico para que uma de suas partes possa tornar-se tão isolada em si mesma, a ponto de descobrir-se como interioridade, a ponto de tornar-se individualidade. (LUKÁCS, 2009, p. 67).

Ao mesmo tempo, os episódios ficcionais são responsáveis por marcar a tônica da desconstrução da narrativa heróica. Na construção linguística do romance se desconstrói, de certa forma, a figura progressista do colonizador italiano, representado na ficção pelo personagem Giovanni Rossi. Junto a isso, desconstrói ainda o mito do salvador da nação, numa crítica sutil a concepção dominante que coloca o colonizador como único responsável pelo esforço de civilização, modernidade e avanço cultural e econômico em terras brasileiras, conforme o que se comprova no seguinte trecho do romance *Um Amor Anarquista*: “Precisamos do estrangeiro que nunca está satisfeito, sempre quer mais, fazendo o país progredir.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 33). Rossi é um homem culto, cheio de ideias inovadoras, mas impotente diante das próprias

fraquezas humanas e dos conflitos que emergem em virtude das diferenças de identidades e filiações ideológicas que compõem o grupo sob sua liderança.

A ironia também se percebe em vários outros aspectos, a princípio pela inversão de valores, quando o idealizador da Colônia Cecília tenta, por meio de seu discurso, hegemonizar os comportamentos, pensamentos e sentimentos de indivíduos tão heterogêneos em suas subjetividades, experiências de vida, além de sua formação profissional e intelectual. Essa nova forma de organização social prima por selecionar o perfil identitário dos indivíduos que a integram no início da sua formação, e por isso requer “famílias, preferencialmente de agricultores.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 33). Todos ingressam na Colônia Socialista, mas não especificamente na causa anarquista, como o personagem Zéfiro, para quem o movimento tinha sido apenas “um sonho juvenil, criar um mundo justo sem dominação, isso era impossível, um homem tinha que pensar primeiro em sua família, era em nome dela que devia agir, quem tinha família não podia pensar só nos outros.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 110). Por meio da inversão de valores e da ironia, a narrativa descortina o paradoxo vivido por aqueles indivíduos inseridos em uma organização comunitária baseada em princípios fraternos e solidários, os quais deixam transparecer a “essência universal do homem.” (HALL, p. 9, 2006). A sua individualidade fica ainda mais evidenciada quando se trata de manter a própria integridade física, conforme se percebe neste trecho: “o outro não passava de inimigo, pronto para tirar a comida da gente.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 110).

Esse é outro aspecto crítico da obra, pois a memória do passado vem à tona com o propósito de levar o leitor a refletir, no momento presente, sobre sua própria condição humana e social e sobre os processos de interação com uma sociedade em cujo discurso predomina o caráter hegemônico em nome da padronização de comportamentos, que visa apenas à satisfação de interesses de grupos dominantes. Discurso no qual reside a crítica de Foucault (1999) sobre os aparelhos coercitivos, a qual demonstra que, historicamente, os mecanismos de punição em relação aos ditos transgressores da ordem social foram, de maneira velada e gradativa, se transformando de espetáculos públicos de castigos corpóreos cruéis até a completa anulação do corpo como

alvo principal da repressão. Discurso sempre atual que tenta apagar as individualidades e suas diferenças, mas que acaba por instalar, contraditoriamente, os conflitos de classe e de interesses individuais. E isso se chega a ponto de reduzir o homem a seus instintos mais primitivos e animais na constante luta em que se transforma a sua vida em favorecimento de sua auto-afirmação perante o coletivo.

O discurso de Rossi se sustenta pela oposição à ideologia política, econômica e social dominantes naquela época. Mas ao mesmo tempo se contradiz, como todos os demais discursos, por tentar impor a sua ideologia a um coletivo social bastante heterogêneo. É, portanto, impositivo ainda que seus fundamentos estivessem alicerçados na busca pelo bem comum. Contudo, os seus princípios doutrinários esbarram nos empecilhos interpostos por outros discursos homogeneizadores, diante dos quais sucumbem com o fim do projeto da Colônia Socialista Cecília.

Um Amor Anarquista incorpora esse tipo de discurso surgido a partir do século XX, pelo paralelismo e pela ironia que estabelece na narrativa ao confrontar dois sistemas de organização social antagônicos: o capitalista, centralizador, e o socialista associado aos princípios anarquistas. O contraste entre o passado e o presente também é uma forma de criticar a hierarquização das formas, bem como de criticar as falhas desses sistemas. Essa crítica se faz, no caso do regime capitalista, em decorrência de sua prática dominadora. E em relação ao seu regime opositor, o socialista, pela sua atitude de total negação ao primeiro, como era o caso dos ideais anárquicos e socialistas. Contudo, tal crítica se faz sem absolutizar nem uma, nem outra, sem tomar partido.

Segundo explica Francisco Foot Hardman (2002, p. 255), essa relação se dá no texto literário como um “movimento reverso”, em que se deve imaginar a representação dos “efeitos pertinentes da presença social das classes baixas sobre a cultura dominante.”

A linguagem poética aí se manifesta para dar expressão aos pensamentos e sentimentos mais íntimos dos personagens, humanizando-os, revelando suas imperfeições e contradições. É o discurso paradoxal que

permeia a narrativa, a representação, a textualidade, as subjetividades e as ideologias. (HUTCHEON, 1991).

E é por meio desse paradoxo que se ressalta a questão feminina como um elemento primordial à manutenção daquele ideal, como se percebe no seguinte relato de uma das cartas de Giovanni Rossi a um companheiro socialista, residente na Itália.

Os solteiros sentem como nunca a falta de mulheres. [...] Aguardamos todo tipo de gente, mas ficaríamos extremamente felizes se viessem também as companhias amáveis. Como nossa pequena população é predominantemente masculina, sem elas a Colônia corre o risco de continuar reproduzindo todos os vícios desta velha sociedade que queremos reformar. (SANCHES NETO, 2005a, p. 50).

A ambiguidade se apresenta na narrativa, pois a mulher é também o elemento causador da discórdia entre os membros do grupo anarquista e da dissolução do ideal que os unia, provando que nem só de um ideal e de um pouco de pão, um socialista pode viver.

As descrições das personagens femininas formam os arquétipos da figura materna, da beleza e da sensualidade que problematizam as relações entre os indivíduos da comunidade anarquista, pois segundo afirma Campbell (1991, p.16) “Os mitos são os sonhos do mundo, são sonhos arquetípicos, e lidam com os magnos problemas humanos”. Adele, figura como personagem central do romance. Ela representa, pelo menos em tese, o ideal de concretização de um modelo de sociedade pautado na experiência do amor livre, pois “não é mulher vulgar, uma bonequinha sensual, dessas que se valem de seu corpo para conquistar apenas o conforto material” (SANCHES NETO, 2005a, p. 205).

Por outro lado, e de maneira inversa, a personagem representa também em função disso, a destruição de duas instituições: a família e o casamento monogâmico, “edifício sórdido” (SANCHES NETO, 2005a, p. 31), concebidos pelos anarquistas como elementos cerceadores da liberdade e da fraternidade, por carregarem vícios e preconceitos da burguesia. As figuras femininas retratadas no romance representam a mais profunda essência do amor anarquista. Simbolicamente, como parte de um processo iniciado pela relação

entre a literatura e a sociedade, a construção narrativa de *Um Amor Anarquista* também discute sobre a existência de um “amor universal e humanitário que nasce do amor de prole”, na busca pela “regeneração da sociedade.”

Adele, Maria Malacarne e Narcisa compõem em suas personagens os efeitos de contradição e ambiguidade da narrativa, pois contribuem, conforme já dito, para desestabilizar a aparente harmonia entre os integrantes da Colônia Cecília e dos seus ideais socialistas, despertando a cobiça dos homens solteiros e casados, enquanto também provocam a inveja, o ódio e os ciúmes das demais mulheres.

Narcisa, como o próprio nome já sugere é a inversão e a desconstrução do mito grego, pois aquela diferente do original conhece a beleza que possui e sabe usá-la em seu proveito para o desespero das outras mulheres que não gozam do mesmo artifício. Pela carnavalização, o aspecto grotesco ressalta em sua descrição no caráter ora animalesco, ora lascivo e promíscuo dessa personagem, elementos que a transformam e ridicularizam, nivelando-a uma prostituta e dessacralizando a simbologia mítica que carrega.

Narcisa se entregava em troca de pequenos favores; se fosse alimento, sentavam-se no chão, depois da cavalgada selvagem, e comiam o salame, cortando-o com o canivete – ela se entregava sim por um salame, mas também por uma caixinha de pó para o rosto, por uma rapadura, aprendera a roer pedaços doces de rapadura, por qualquer pequeno nada, não pensava em acumular dinheiro, mas fazia parte das regras, ela se dava inteira, não economizava uivos, movimentos, tinha por isso que receber algo, uns botões cobertos para seu vestido, um pedaço de pano para uma blusa [...]. (SANCHES NETO, 2005a, p. 154).

A prostituição é outra problemática ambígua, na medida em que é vista como uma forma digna de ocupação e de exercício da liberdade feminina. Porém, pode também “servir de instrumento para perpetuar a estabilidade familiar” (SANCHES NETO, 2005, p. 45), “vício” conservado na sociedade dominante e que deveria ser combatido, dado que assim entendido somente reforçaria a manutenção de falsas relações monogâmicas, pois segundo a ideologia anarquista, a prostituição seria ainda “uma doença do modelo familiar tradicional.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 161).

Ao contrário de Adele, que mantém uma relação estável com Aníbal, Rossi e Gelèac, a primeira levava uma vida mais propícia à promiscuidade, pois cedia aos prazeres de homens solteiros e casados, apenas para satisfação de seus instintos carnis, enquanto que Adele resguardava seu caráter moral sobre a justificativa do amor fraterno. Ela era “uma mente eleita, mulher instruída, com coração bom, caráter íntegro e corpinho delicado.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 205).

Tal como a prostituição do corpo, a prática política, econômica e familiar de bases tradicionais arraigadas em um “sistema corrupto” também se configuram em formas de prostituição que a sociedade reproduz. Essa é uma questão que parece extrapolar os limites da ficção literária e da temporalidade histórica, levando o leitor a refletir sobre o tema na sua contemporaneidade, como que confrontando duas realidades, o passado serve de espelho para examinar com criticidade o presente.

A temporalidade é outro elemento narrativo que corrobora para estabelecer certo distanciamento entre o momento passado, o da história oficial e o tempo presente, de onde também se posiciona o autor, a história é narrada por meio de um jogo discursivo que compõe o conjunto da obra e reafirma o clima de dubiedade. Enquanto a narrativa ficcional é anacrônica, a cronologia histórica é demarcada pela sequência de cartas, que compreendem o período de fundação da Colônia Socialista Cecília até o seu fim.

O tempo cíclico marca a temporalidade mítica na narrativa e é simbolizado no romance pela chuva e pelo vento. A chuva simboliza uma espécie de ritual de batismo, de acolhida aos colonos “chegando aos arredores de Palmeira, no começo da noite, a diligência não pôde continuar por causa da forte chuva que caiu [...]” (SANCHES NETO, 2005a, p. 19). É uma espécie de bom presságio que marca o início de um tempo de prosperidade: “Ele chegara cheio de sonhos sob uma chuva fértil, chuva abundante e sem ventos, que engordava a terra.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 238). Nesse primeiro momento, a chuva é sinônimo de bem-aventurança, simbolizando o recomeço de uma nova fase naquela antiga vida de “sofrimento dos italianos expulsos de suas terras pela miséria.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 17).

Entretanto, a sua repetição no desfecho ganha outra proporção “Agora teriam uma noite de tempestade, seria sua despedida.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 238). A chuva vem acompanhada por um vento forte e representa o fim de um ciclo. “O vento era o senhor daquela região. Ele mandava. Ele se irritava e destruía.” O vento assume o poder de uma divindade que se torna absoluta sobre a vontade e o destino daqueles homens e mulheres. Tal como ocorre nas narrativas míticas, o vento é implacável, pois representa a destruição do sonho anarco-socialista. É o fim da Colônia Cecília e da possibilidade de realização de uma sociedade fundada sobre os princípios do amor livre.

A análise global desse conjunto de elementos caracteriza a expressão poética do romance, enquanto o ajudam a cumprir com sua função social. Já o caráter singular dessa obra é tratar de um fato polêmico não só para aquela época. O simples exercício de rememorar aquelas circunstâncias e ideologia, apesar de todos os discursos liberais, ainda fere os princípios da moral e dos bons costumes, culturalmente disseminados e aceitos em nossa sociedade. Pelo processo de rebuscamento da memória, história e literatura se conjugam para lembrar uma experiência social que confrontou com forças ideológicas poderosas, a família, a política e a religião.

A narrativa da saga daqueles colonos idealistas também pode ser interpretada, do ponto de vista filosófico foucaultiano, como uma tentativa de fuga impetrada em face das “prisões” impostas pelo regime capitalista e pelo Estado, através do seu poder microfísico e das relações de poder existentes nas instituições. O romance retoma um fato revolucionário que sofreu com as consequências de um longo processo de apagamento da memória social, em função da “ameaça de perigo” que representava à manutenção daquelas ideologias dominantes. Reside nisto a ousadia do romance: recoloca tais valores na arena de embate, desvelando neles seus aspectos mais opressivos e preconceituosos, os quais se configuram em prisões simbólicas, que aniquilam a individualidade humana e expulsam os indivíduos para a formação de núcleos minoritários e socialmente marginalizados.

Outra característica importante do romance *Um Amor Anarquista* é o fato de a obra se constituir como mais um elemento representativo do discurso das

minorias, por evidenciar que esse embate entre forças ideológicas é atemporal e, portanto, sempre presente, sobretudo na contemporaneidade. E essa ideia pode ser mais bem resumida na observação de Thompson (1998), conforme segue.

O contato entre tradições pode dar origem também a formas intensificadas de definição de fronteiras. Há um esforço contínuo para proteger a integridade de tradições, e para reafirmar formas de identidade coletiva ligadas a tradições, pela exclusão daqueles que não fazem parte do grupo. (THOMPSON, 1998, p. 180).

Nesses termos, *Um Amor Anarquista* é, portanto, um diálogo vivo com o presente, momento em que as múltiplas identidades, se desterritorializam como num constante processo de imigração de suas interioridades, de seus espaços físicos e temporais, sempre em busca de algum ideal que os alimente e os sacie de toda fome de justiça e igualdade social.

Por tal viés, identificamos na voz dos personagens aquilo que Hobsbawm (1998) chamou de “sentido do passado”, tendo em vista o seguinte pressuposto.

[...] Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse “sentido do passado” na sociedade e localizar suas mudanças e transformações. (HOBBSAWM, 1998, p. 22).

Nesse aspecto, o autor parece construir um discurso heterogêneo, alicerçado em dizeres que se movimentam no sentido da desconstrução de conceitos pré-estabelecidos, tais como os valores culturais e morais apregoados pela ideologia dominante, principalmente no que concerne à liberdade feminina. Em analogia aos pressupostos de White (1994), ressaltam na obra dizeres que se movimentam por meio de deslocamentos de sentidos em relação à ideologia capitalista e para desconstruir os sentidos já petrificados pelo discurso tradicional sobre a liberdade da mulher e sobre a propriedade privada. Discursos que asseveram os conflitos de classe entre os sujeitos. Esses movimentos discursivos estão representados na *práxis* dos personagens

da narrativa, quando estes últimos se submetem/são submetidos aos primeiros ou se rebelam por força da luta contra a ideologia imposta pelos aparelhos coercitivos de Estado. (ALTHUSSER, 1985; FOUCAULT, 1999).

A construção narrativa do romance reúne a materialidade histórica e a materialidade linguística de forma tal que no entrecruzamento de ambas o leitor possa observar a impotência do sujeito ante as forças implacáveis da cultura e ideologia dominantes.

Ainda que tentassem lutar e resistir, os colonos italianos não conseguiram sobreviver à custa de seu ideal, pois careciam de condições físicas e estruturais que somente poderiam ser produzidas e reproduzidas/transformadas com o aporte do sistema social, político e econômico do poder dominante.

4.1 HETEROGENEIDADES E CONTRADIÇÕES

A Colônia Socialista Cecília, fundada na cidade de Palmeira, a cerca de 70 quilômetros de Curitiba, segundo as perspectivas do seu idealizador o italiano Giovanni Rossi, seria povoada “por uma geração nascida de encontros momentâneos”. (SANCHES NETO, 2005a, p. 21), livre das imposições ideológicas do poder da família solidificada sob os laços do matrimônio; livre também da dominação ideológica exercida pela igreja; da dominação do Estado e da exploração social exercida pelo regime capitalista.

É ainda, uma construção verbal provocadora, que instiga os sentidos do leitor, repercute em seus valores e crenças; pois, trata de questões atemporais: a relação amorosa, a família, a luta pela sobrevivência, a crença religiosa e o desejo de liberdade e fraternidade.

Permanecem em um diálogo vivo com a realidade de nossos tempos, num confronto discursivo que se trava pelo embate constante dessas questões na arena da ficção contemporânea, revelando a disputa pelos discursos mais convincentes na luta de poderes e ideologias.

Trata-se de um confronto em que os sujeitos resistem cada vez mais para obter o sucesso, que para alguns (os defensores do ideal anarquista), é a implantação do sistema anarco-socialista, enquanto para outros (apenas fugitivos da fome, pobreza e exploração patronal), trata-se de um movimento migratório com vistas à melhoria das condições de vida, da sua condição social. Estes últimos discursivizam nas entrelinhas do romance a ideologia dominante, e representam no campo ideológico, o pólo oponente da tensão e da resistência em relação aos primeiros.

Estes elementos, assim reunidos, representavam para o referido grupo, os instrumentos de dominação do homem. Ao associar-se a descrição de tais elementos da obra à teoria foucaultiana, estes podem ser interpretados como o conjunto de construções discursivas, com suas ideologias subjacentes, as quais constituíam os dizeres e os espaços representativos de poder dos aparelhos coercitivos do Estado (FOUCAULT, 1999), atuantes no controle social daqueles colonos. Sendo assim, pelo discurso literário da obra, se faz ecoar sentidos de construções discursivas do domínio da esfera religiosa, da família tradicional e do Estado capitalista, os quais forneciam as condições da produção/reprodução/ transformação de conhecimentos. Estas condições, por sua vez, eram as responsáveis pelas condições econômicas e não econômicas da reprodução/transformação das relações de produção e de poder entre os sujeitos, imigrantes italianos que vivenciaram aquele momento histórico.

São também responsáveis por impor as condições sociais que perpetuavam o regime de exploração e de miséria social contra o qual aqueles sujeitos, dentro de sua posição de anarquistas, imigrantes, fugitivos da pobreza e da exploração dos patrões intentaram romper. Dentro da colônia, o experimento do socialismo anárquico, “em que a liberdade figurava como o maior bem” (SANCHES NETO, 2005a, p. 240), durou apenas quatro anos.

Adiante, ao se analisar os diferentes posicionamentos discursivos desse grupo com as ideologias e construções discursivas, pelo fio da linguagem dos ditos e interditos, percebe-se a atualidade da crítica em relação às mesmas condições ainda vigentes na sociedade brasileira deste século.

São os ecos de ideologias que disputam entre si o poder de dominação das massas, para com elas estabelecer suas relações de poder e incutir nelas valores morais e materiais, crenças, enfim. Incutir pelo discurso uma série de ideologias plurais que se segmentam e se sedimentam na reprodução de guetos sociais, de minorias agrupadas de acordo com suas diferenças.

Esse processo reflete a tentativa de homogeneização cultural (HUTCHEON, 1991, p.86) que instaura um movimento de contrapartida por parte dessas minorias, tal como destaca a autora, concebidas “como um fluxo de identidades contextualizadas por gênero, classe, raça, identidade étnica, preferência sexual, educação, função social, etc.”

Sob o ponto de vista da historiografia literária este romance, em estrutura e forma, é uma nova forma de rever o acontecimento histórico, cuja atualização se dá na/pela construção verbal dessa produção literária no entrelaçamento do dito e o interdito. Dessa forma, a produção da obra *Um Amor Anarquista* se encontra com uma memória: o experimento anarquista, o movimento da esquerda política. Esta memória então se desloca do campo histórico, político e social e, agora, repercute no terreno da literatura, com sua estrutura e linguagem específicas.

Parafrazeando as palavras de Le Goff (2003, p. 419), os trechos selecionados ressoam como o retorno de uma memória pela qual o leitor “pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. No caso do romance objeto de nossa análise, essa memória se constitui pela tentativa de um grupo social de rebelar-se contra um sistema de dominação. Em uma analogia com as ideias de Foucault (1999), é uma espécie de luta contra discursos e ideologias dominantes, que atuam nos espaços micro-físicos do poder e que, por isso, são tidos como mecanismos repressores do espírito humano.

O sentido do constructo verbal que compõe a narrativa do romance desloca-se do campo político para o universo literário. Este sentido é precedido por uma rede de construções discursivas anteriores e está sendo atualizado por meio dos ditos que soam as primeiras impressões dos leitores e opiniões

de críticos e teóricos da literatura, os trabalhos acadêmicos para estudo da obra, tal como o que se sucede neste.

Ou seja, a atualidade da obra reside na sua capacidade de reformulação do discurso e de provocar o confronto de ideologias por meio disso. E isso acontece a partir do deslocamento do discurso do campo da história, do campo da política, do campo religioso e da família até o seu entrecruzamento com o discurso literário. Instaura-se aí um novo efeito de sentido, bem como outros dizeres possíveis, estabelecendo uma rede parafrástica com o mesmo discurso, agora em relação polissêmica, considerando-se que a característica da linguagem do romance contemporâneo é pautar pela revisão e pela criticidade em relação ao passado histórico.

Nesse sentido, o caráter de atualidade reside na pluralidade de discursos, seus deslocamentos, as identificações e contra-identificações das personagens com a causa anarquista e com a ideologia dominante. Trata-se, portanto, de uma pluralidade de discursos que povoam o universo narrativo. Constituem ainda o discurso outro, incorporado pelo interdito, configurando nele o efeito de sentido de incomodar o leitor de modo a levá-lo a examinar e rever seus próprios valores e crenças, não apenas satisfazendo-se ou mostrando-se complacente, conforme argumenta Hutcheon (1991).

Dito de outra forma, numa análise crítica, significa dizer que pelo discurso novo que a obra ecoa, se instaura um processo de auto-reflexão sobre a própria condição humana e sobre a posição do indivíduo na atualidade.

Esse discurso faz com que ressurjam de um processo de apagamento aqueles agentes do ideal anarquista, com toda sua criticidade e, paralelamente, toda força de seu idealismo para criar um efeito de desestabilização do discurso dominante; pois, tal discurso interpela o sujeito a rever sobre a sua relação com o sistema de produção/transformação de conhecimentos pelo qual está sendo interpelado e com os diversos discursos e ideologias que o atravessam.

4.2 O AMOR LIVRE E O PAPEL DA FAMÍLIA

A escolha temática, segundo justifica se deve a ousadia da proposta de Rossi em buscar implantar um projeto tão polêmico num espaço tão conservador como era o estado paranaense naquele período da sua colonização. Nesta ideia se assenta a tentativa de criar um novo modelo de prática social sob os princípios do anarquismo de base socialista. O núcleo dessa experimentação é a família, cujo projeto inovador se baseia na união coletiva de uma mulher com mais de um homem, em oposição ao casamento monogâmico defendido pela família tradicional. Esta última é vista pelos colonos idealistas como o cerne de toda a configuração social, política, econômica, cultural e representativa da reprodução dos valores que perpetuam a existência do pensamento dominante do sistema capitalista.

Conforme ressalta Miguel Sanches Neto (2005c)²⁹, a importância do experimento vivido na Colônia Cecília reside no fato de que lá foi possível testar, na prática cotidiana, as ideologias anarquistas e socialistas em voga no final do século XIX, o experimento demonstrou que apesar de parecer funcionar perfeitamente na teoria, na prática social, foram vários os fatores que contribuíram para a instalação dos conflitos entre os anarquistas e seus posteriores desvios do ideal, como é o caso do amor romântico.

O autor transita do espaço empírico ao espaço discursivo, e se utiliza dessa estratégia narrativa para atingir uma versão outra da história, a qual depende daquilo que Weinhardt (2011, p. 30) *apud* Lukács (1972) define como uma “percepção equilibrada e consequente representação proporcional dos referentes externos, isto é, dos acontecimentos e das figuras históricas.” Da mesma forma, ele determina os lugares sociais de cada sujeito-personagem na composição literária perpassando pelas ideologias, pelas relações humanas e relações de poder institucionais.

Pois a reflexão do indivíduo criador, a ética do escritor no tocante ao conteúdo, possui um caráter duplo: refere-se ela, sobretudo à configuração reflexiva do destino que cabe ao ideal na vida, à efetividade dessa relação com o destino e à consideração valorativa de sua realidade. Essa reflexão torna-se novamente, contudo, objeto de reflexão; ela própria é um ideal, algo subjetivo, meramente postulativo; também ela se defronta com um destino numa realidade que lhe é estranha,

²⁹ Idem p. 11.

destino este que, dessa vez puramente refletido e restrito ao narrador, tem de ser configurado. (LUKÁCS, 2009, p. 86).

Miguel Sanches Neto (2005) articula o diálogo entre o passado e o presente por meio desses enunciados verbais, para criar um ambiente de tensão, uma espécie de jogo de forças sociais entre a ideologia dominante e o discurso pregado pelos defensores do amor livre.

De acordo com a pesquisa histórica de Candido Mello Neto (1998), as questões discutidas no texto de Rossi, relativas à família, ao amor e à mulher são essencialmente valorizadas, pois segundo o líder da colônia, essas discussões se voltam para a defesa da liberdade da mulher, porém muito distintas dos pressupostos da ideologia feminista. A família é considerada por Rossi um dos principais fatores de dissolução da experiência ceciliana. O casamento poliândrico é a alternativa apresentada para eliminar o egoísmo e propiciar a liberdade sexual de todos.

Eis, senhores burgueses, o cavalo de batalha das vossas calúnias. Os Socialistas, gritam atônitos, querem destruir a família, querem a comunidade das mulheres, querem o amor animalesco [...].

Deixemos de lado a família no século passado, na qual sobressaía em verdade o patriarca déspota [...], atenhamo-nos à família de nossos dias. (ROSSI, 1878 *apud* MELLO NETO, 1998, p. 26).

A primeira força social é marcada pela sua ideologia totalmente antagônica, representada por aqueles que acreditavam na união estável e fechada, assegurada pelos laços de sangue e do matrimônio; já a segunda é caracterizada pela luta idealista e a crença na reforma de um sistema de organização social, que consideravam como “velha sociedade.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 50).

Isso pode ser compreendido melhor na análise comparativa entre as duas sequências narrativas que seguem: “[...] Adele era corajosa, desferia as últimas marretadas nas ruínas desse edifício sórdido que é o casamento.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 31); “[...] esta mania de falar em amor livre é por não ter se casado ainda; se tivesse mulher e filhos não ficaria perdendo tempo

com tais conversas, está correto lutar por um mundo justo, mas o homem não vive sem família, vive?” (SANCHES NETO, 2005a, p. 135-136).

Ambas as sequências narrativas denotam o confronto de formações discursivas dentro do próprio grupo, onde as relações humanas se deterioram, em razão do mesmo processo denominado por Antônio Candido (2000, p. 8) como “esmagamento do outro por meio do capital”. Assim age Restilla, esposa de Ernesto Ganazolli, a personagem da segunda sequência narrativa, na sua condição de uma mulher casada e mãe, que mesmo vivendo em uma comunidade cujos princípios sejam os do anarquismo, ela preza pela segurança da filha, a quem se dirige nesse enunciado, pois acredita que assim a jovem terá o respeito da sociedade, considerando que esse respeito vale mais do que o amor.

Essa mulher da segunda sequência narrativa se desidentifica com a formação discursiva e com a formação ideológica anarquista do sujeito da primeira sequência, o mentor do experimento social, Giovanni Rossi. Este último, por sua vez, é caracterizado como um sujeito jovem, idealista, revolucionário, pretende abolir a instituição do casamento monogâmico, a partir da instauração de um novo sistema social fundado no princípio que ele chama de “amor livre”. Essa desidentificação acaba produzindo o efeito de que cada um, dentro de seus respectivos posicionamentos discursivos, afirma ser o detentor do saber. Ou seja, cada indivíduo assume um papel social e dele se apropria de determinada ideologia que o autoriza a falar.

O primeiro trecho, enunciado pela *persona* ficcional Giovanni Rossi, representa um sujeito idealista, fundador e líder do projeto anarquista e denota a profundidade da repulsa do mesmo pela instituição acima citada. Essa repulsa pode ser evidenciada na aspereza dos termos escolhidos para se referir ao casamento: ‘marretadas’, ‘ruínas’ e ‘edifício sórdido’. Aliás, este mesmo trecho espelha também a repulsa pela ideologia dominante, aquela que detém o poder do Estado. (ALTHUSSER, 1985); (FOUCAULT, 1979; 1999); (HARDMAN, 2002).

Nesse caso, descortina-se uma sociedade cuja prática social nem sempre condiz com a prática discursiva, uma vez que nela se abrigam

diferentes sujeitos e diferentes correntes ideológicas. São elas que determinam as relações humanas e as relações de poder entre os homens e as instituições, a partir dos diferentes papéis sociais que desempenham em sua comunidade, como no exemplo do trecho acima citado, o de líder anarquista x esposa e mãe de família. Esses são alguns dos papéis sociais que interagem com/nas relações de poder microfísico, impetradas pelos aparelhos ideológicos institucionais da família e do casamento.

Conforme explica Candido de Mello Neto (1998), o estudo experimental de Rossi converge no sentido de combater as formas de autoridade que aprisionam a liberdade dos sujeitos, exercidas tanto no plano político-administrativo, pelo poder estatal, como pelo poder patriarcal exercitado no seio da família tradicional.

A autoridade, danosa quando constituída pelo Estado, é ainda mais danosa na família, seja exercida pelo homem sobre a mulher, seja exercida pelos genitores sobre a prole. Assim, na família nós queremos banida qualquer autoridade. Como não devemos ser proprietários na vida social ampla, assim não devemos ser centro da muralha doméstica. (ROSSI, 1878 *apud* MELLO NETO, 1998, p.27).

Portanto, a existência desse embate de discursos antagônicos e de ideologias também seria uma das possíveis causas do fim do experimento anarquista e do fim da Colônia Socialista Cecília, que culminou com a partida dos colonos remanescentes, alguns de volta à Itália, outros dispersos por diversas cidades do Paraná e outras regiões do Brasil.

O desfecho da Cecília deixa transparecer, também na versão romaneada, a fragilidade do regime socialista anárquico, adotado pelo grupo ante o poder do regime capitalista, tal qual se observa no seguinte trecho:

O fim do sistema anarquista ocorreu quando os Artusi, que tinham um parente enterrado na Colônia, deram dinheiro aos remanescentes, para que partissem, ficando com a responsabilidade de pagar as dívidas integrais da compra das terras, que ainda não tinham vencido. (SANCHES NETO, 2005a, p. 241).

O movimento anarco-socialista, de luta contra o regime de exploração social sucumbira. A realização de um ideal, o da construção de uma sociedade

mais justa, fraterna e liberta da exploração dos padrões fora mais uma vez subjugado. A ideologia revolucionária foi arrefecida pela ideologia do poder de Estado e pela materialidade discursiva da ideologia dos aparelhos ideológicos. (ALTHUSSER, 1985); (HARDMAN, 2002).

E, portanto, esse é um dos mecanismos linguísticos usados pela autoria desse romance para instaurar o efeito de ironia e crítica na composição literária, segundo discutem (LUKÁCS, 2009); (WEINHARDT, 2011).

Aliás, esse recurso permite ainda compreender o posicionamento discursivo (FOUCAULT, 1979, ALTHUSSER, 1985) de cada uma dessas vozes presentes na narrativa. Tais vozes representam os diferentes modos desses sujeitos se relacionarem não só com a questão do socialismo e do capitalismo, mas também de se relacionarem entre si face às diferentes posições e relações de poder, papéis sociais que cada sujeito desempenha naquela comunidade de agricultores, imigrantes, colonos anarquistas, alguns destes ainda presos a laços familiares e dogmatismos religiosos e nem todos reunidos em nome do mesmo ideal.

A narrativa de Miguel Sanches Neto assim ilustra o contexto acima referido:

Estou preparado. O que encontrarei por suas notícias, será uma terra devastada, o descaso pelo outro, o desrespeito pela liberdade, a produção individualizada e, o pior de tudo, o rancor e a mágoa enraizados no coração dos companheiros. (SANCHES NETO, 2005a, p. 112).

Em suma, parafraseando o crítico literário Antonio Candido (2000, p. 7), pode-se dizer que toda essa construção da obra traz elementos carregados de “um sentido social simbólico”, o que consiste num processo de “representação e desmascaramento”, pois ela recoloca e atualiza o discurso na contemporaneidade, uma vez que remete ao discurso ideológico disseminado no campo das lideranças políticas e demais representações das elites do poder, cuja pretensão é incutir na mentalidade dos sujeitos que nenhuma forma de organização social será bem-sucedida fora do sistema capitalista.

Retomando a discussão acerca da concepção de relação amorosa, na formação discursiva anarquista, a mulher poderia ser livre para se relacionar

afetiva e sexualmente com quantos homens desejasse. Contudo, é antes necessário esclarecer que não se deve confundir este sistema com prostituição, pois não se tratava de uma entrega promíscua ou venda do corpo, pois tal conduta era vista como “uma doença do modelo familiar tradicional.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 161).

Tratava-se de uma ideologia que se originou do rompimento daqueles sujeitos imigrantes com o discurso da família e do casamento monogâmico e, por extensão, o rompimento com a ideologia reproduzida nesse meio, tal como se pode observar neste outro trecho da obra: “A liberdade não será conquistada com a destruição de povos e países, mas com a prática sexual fora da família.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 221).

No romance em questão as personagens, homens e mulheres, representam o sujeito pragmático, a cujo espírito são impostas coerções externas por parte do Estado e das instituições e aos quais devem se curvar. No caso de *Um Amor Anarquista*, duas dessas instituições: a família e o casamento são responsáveis por administrar as técnicas de controle social, tão combatidas pelos idealistas anárquicos conforme está ilustrado neste trecho: “a família é a grande inimiga do anarquismo, nós vamos destruir todas as famílias”. (SANCHES NETO, 2005a, p. 38). Quanto ao casamento monogâmico: “deve ser abolido nas futuras gerações da Colônia.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 135).

Esses enunciados retratam o surgimento de uma nova formação discursiva e uma nova formação ideológica que é a do ideal anarquista. Contudo essas formações sofreram um processo de tensão e estiramento, tanto no âmbito interno das relações entre os pares do grupo quanto externamente, no confronto discursivo com as ideologias dominantes.

4.3 A NEGAÇÃO DA IDEOLOGIA RELIGIOSA

Além da negação dos laços familiares e dos relacionamentos fechados no casamento aos moldes da ideologia dominante, o grupo anarquista também preconiza como critérios básicos, a negação da igreja e da religião, como forma

de renovação do padrão vigente naquele contexto para a construção do novo modelo de organização social, com a realização do projeto anarquista.

No âmbito da pesquisa histórica, Candido de Mello Neto (1998) analisa a obra *Un Comune Socialista*, publicada em 1878 por Giovanni Rossi, ainda no frescor de sua juventude. A obra, segundo demonstra o pesquisador paranaense, cujo teor argumentativo pauta-se pela exposição dos fundamentos do socialismo proposto por Rossi. Nela, Rossi afirma que a religião era um artifício de manobra das massas nas mãos da sociedade burguesa, a qual o idealista despejava toda sua ira e o desejo de transformação desta sociedade no sentido de promover os ideais de paz, bem-estar, liberdade e fraternidade, segundo atesta o seguinte trecho traduzido por Mello Neto:

Vós burgueses, que, em maioria sois ateus, gritais se defendemos a negação de deus. Atiçais contra nós a massa, que mantivestes ignorante para conservar o vosso privilégio, chamando-a para defender aquele deus no qual vós não credes [...] (ROSSI,1878 *apud* MELLO NETO, 1998, p. 29).

Segundo Hobsbawm (2013, p. 92), a religião é um dos métodos mais antigos de se estabelecer uma prática comum e uma irmandade entre as pessoas; mas paradoxalmente, para o nacionalismo moderno foi considerada de forma reservada, “como uma força que poderia desafiar o proclamado monopólio da “nação” diante da lealdade de seus membros”.

Nas enunciações seguintes se pode perceber o confronto discursivo, já antes explicitado no nível histórico, também incidindo nesse momento no discurso da narrativa literária, sobre a questão religiosa. Confrontados com a realidade, os colonos anarquistas precisavam se defrontar com outra ideologia dominante naquele período.

Os recortes a seguir selecionados constituem a narração do sepultamento de um dos membros da Colônia Socialista Cecília e descreve o modo como se travam as relações discursivas.

O episódio em questão narra a primeira morte de um membro da Colônia, o de uma mulher, ainda jovem, com 24 anos, dois dias após o parto, no qual o filho também morrerá. Tendo em vista a condição de anarquista da finada, o padre se recusara a realizar o enterro no cemitério da cidade, uma

vez que ela “era uma atéia.” (*sic*) (SANCHES NETO, 2005a, p. 218). Esse trecho ilustra outro elemento de contradição entre ideologia e prática no seio do experimento anarquista que o autor expõe.

Esse é outro elemento que o autor desloca da prática empírica para inseri-lo no discurso literário e descobrir pelo mesmo mecanismo, que tipos de poderes microfísicos (FOUCAULT, 1979) agem sobre as crenças ideológicas e práticas culturais de cada personagem, interpelando-o, de modo a com ele se identificar e produzir sentidos na sociedade. O trecho a seguir bem ilustra essa reflexão. “A igreja é maior que o governo – revidou o padre.” (SANCHES NETO, 2005a, p. 218). Temos uma construção imagética e discursiva sobre um espírito humano moldado pelo aparelho religioso. Aqui se ressalta não somente o aspecto da luta de classes, segundo os pressupostos do marxismo, como também a disputa pelo lugar do poder entre os aparelhos ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1985), a igreja x o Estado.

De igual forma o movimento/deslocamento discursivo acima mencionado reflete outra concepção de Hayden White (1994, p. 16, Grifos do Autor) em que afirma que a intenção do discurso “é *constituir* o terreno onde se pode decidir o *que contará como um fato* na matéria em consideração e determinar qual o *modo de compreensão* mais adequado ao entendimento dos fatos assim constituídos.

Pelo mesmo contexto narrativo, o autor apresenta aos leitores o paradoxo da ruptura com a ideologia dominante, pois

[...] aquilo era coisa séria,urgia doutrinar as crianças, para que crescessem com idéias (*sic*) mais justas, livres das mentiras propagadas por padres e patrões, essas duas pragas. Eles tinham que falar, falar tanto quanto fosse necessário. (SANCHES NETO, 2005a, p. 135).

Ao mesmo tempo, denota o processo de desidentificação dos colonos com a própria causa anarquista, conforme ilustra o seguinte enunciado:

Aniceto estava revoltado. Ele sabia que a mulher era religiosa. Á noite, ouvia-a murmurando suas orações. Aceitara o socialismo, que lhe tirara a igreja, mas nada conseguira lhe tirar a religião, que era um sentimento íntimo. Queria devolver a religião à mulher, mas era tarde. Ele sabia. Rossi tinha razão.

_ Você sofre, Aniceto, mas é melhor ser um cão livre do que um católico dominado. (SANCHES NETO, 2005a, p. 219).

Por meio desse outro viés, mais uma vez o autor produz uma linguagem e um efeito de sentido que tendem a transparecer a ideia de que tudo: relacionamentos interpessoais, condições materiais, valores, crenças e ideologias são atravessadas pela ideologia dominante, que acaba por determinar o lugar social desse grupo como uma minoria, coisificando-a. Assim, pela ideologia do discurso da cultura dominante, os indivíduos que integraram a Colônia se aventuraram num experimento transgressor, uma coisa a qual não se poderia dar relevância.

Assim sendo, as questões do âmbito sócio-histórico e político deslizam para o âmbito da literatura a fim de instaurar o sentido outro. A formação discursiva do discurso literário do autor de *Um Amor Anarquista* não se filia à ideologia anarquista, tampouco à ideologia capitalista, mas ressalta as implicações sociais resultantes dessa relação de poder, pelas quais os sujeitos são interpelados.

Essa afirmação se evidencia nos processos de desidentificação dos colonos com a própria causa que os moveu. Desidentificações que produzem um efeito de revelação sobre os pontos frágeis do novo modelo de organização social que se pretendia adotar. Paralelamente, produz o efeito de ruptura do silenciamento (que até certa medida pode ser consciente) das vozes daqueles colonos imigrantes explorados pelo regime capitalista e marginalizados pela sua conduta em relação àquele mesmo regime e à ideologia dominante.

Essas vozes aparecem como que para instalar a reflexão e a criticidade em relação ao acontecimento histórico. Sob esse ponto de vista, o sentido novo da rememoração desse passado consiste em relacioná-lo à prática contínua de segregação social que acontece na sociedade, desde os tempos mais remotos, e que se assevera a cada dia por influência da ideologia capitalista.

Por isso, os enunciados discursivos da obra de Sanches Neto (2005a) constroem a posição daqueles sujeitos constituídos historicamente na sua condição de imigrantes, colonos e anarquistas, agora retratados na literatura. Esses enunciados quebram a ordem do repetível e passam a circular, a partir

do discurso historiográfico contemporâneo, novas redes de formulações discursivas sobre a liberdade feminina, sobre a influência do poder da igreja e das instituições família e casamento na construção dos valores morais e condutas sociais, a relação do sujeito com o trabalho e a produção, além de ressaltar o aspecto da luta de tantas minorias.

Além disso, parafraseando o conceito proposto por Antonio Candido (2000, p. 40), em sua “função total” a obra literária “exprime representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio do grupo”, pois ela transmite “certa visão de mundo”.

Ao mesmo tempo, constituída por meio de um sistema simbólico, a construção linguística do texto de Miguel Sanches Neto (2005a) se articula e transcende tanto no limite da universalidade, da temporalidade, como nos traços identitários de grupos sociais. Ao assim se realizar, em meio a ditos e interditos, falhas e equívocos da linguagem, ressoa na composição literária do romance em questão a predominância da ideologia dominante nas esferas econômica, política, afetiva, religiosa, familiar e cultural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À parte de todos os conceitos já discutidos sobre a nacionalidade, limitamo-nos ao mais comum, e como não o dizer, o mais significativo que é o sentimento de pertença a um determinado grupo social, conforme afirmam os estudos teóricos. A identidade é algo que se constrói de modo paralelo, em que se associam características iminentes do espírito de cada indivíduo e as experiências herdadas, aprendidas e/ou construídas ao longo do seu convívio com o coletivo social.

A leitura de *Um Amor Anarquista* de Miguel Sanches Neto é o descortinar de um episódio que permaneceu nas entrelinhas do discurso histórico, talvez pela pequena repercussão do fato, talvez pela curta duração do experimento anarquista ou quem sabe, pela necessidade de apagar da memória social qualquer foco de instalação da anarquia, culminando com o fim do controle social exercido pelo poder estatal por meio de seus instrumentos de repressão.

Ainda que Miguel Sanches Neto não tenha como objeto da sua narrativa discutir sobre nacionalidade, a linguagem por ele empregada leva o leitor a refletir e desvendar discursos que conflitam o ideal de uma nação igualitária e fraterna com discursos que ideologizam reflexos da cultura dominante, tais como, a subjetividade, o individualismo instintivo e selvagem e a propriedade privada. Nessa reflexão, os sujeitos sempre se colocam numa relação de conflitos.

Por outro lado, do ponto de vista da rememoração do passado nacional, Miguel Sanches Neto representa nesta obra uma visão crítica desse passado, ao contrário dos autores românticos saudosistas, nesta não se configura o aparecimento de um herói mitificado, mas surgem pessoas comuns, com seus dramas humanos atemporais. O país não é mostrado apenas no seu aspecto enaltecido, como ressoa nas cartas ficcionalizadas por Miguel Sanches Neto, mas também em seus contrastes pelas vozes das personagens da ficção, mostrando a dura realidade social.

Pelo contraste entre a versão histórica e a versão ficcional percebe-se que a ideia de nacionalidade singular foi e continua sendo gradativamente desconstruída e hoje está relacionada à cultura de massa e a sujeitos imigrantes. A experiência dos colonos anarquistas da Colônia Cecília resultou no desenvolvimento econômico e cultural do estado e do país, pois os imigrantes que de lá saíram, foram se dispersando por vários estados da região sul e do estado de São Paulo, semeando as ideias de renovação social que resultaram, ao longo do tempo, nas práticas sociais hoje verificadas, como por exemplo, o avanço nas técnicas de cultivo. Estas últimas são responsáveis por colocar o estado entre os maiores produtores de grãos do país.

Outro fator remanescente daquele momento da história é a conquista da liberdade sexual feminina. A proposta do amor livre plantou as primeiras sementes para que as mulheres ganhassem a sua liberdade individual. Na contemporaneidade os relacionamentos amorosos não se prendem mais tanto à estabilidade e ao amor romântico.

Em uma breve analogia do cenário histórico político com a obra, a narrativa de Sanches Neto também representa o aparecimento de grupos sociais que pensam sobre a sua condição de sujeito e sobre sua relação desigual com os grupos politicamente organizados e detentores do poder dominante. Representa também que a atuação dos primeiros se dá em um cenário social onde os próprios cidadãos brasileiros ainda não possuíam a plena consciência de sua atuação, da sua nova condição política e de sua cidadania. O movimento anarquista coincide com esse período conturbado do Brasil nação. Talvez, também em razão disso, a identidade dos colonos anarquistas tenha sido construída negativamente no imaginário coletivo. Já em relação aos modelos de nacionalidade, de desenvolvimento técnico e econômico, o país ainda se prendia às ideias e às representações dos modelos europeus.

Portanto, o desdobramento da experiência daquele contingente de colonos anarquistas resultou em um processo de desenvolvimento social, econômico e das mentalidades com vistas à reivindicação de direitos das minorias, tais como, das mulheres, dos trabalhadores rurais e dos operários.

6. REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict: **Comunidades Imaginadas**. São Paulo. Cia das Letras, 2008.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem: discursos e ciência**. São Paulo: Moderna, 1998.

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. Problemas da Poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BASTOS, Hermenegildo. Um romance histórico de Leonardo Sciascia. In: **Estudos linguísticos e literários**. Revista Matraca, vol. 19, n. 31. Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Letras, dez. 2012, p. 156-173.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Martins Fontes, S. Paulo, 1990.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 15 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

_____. BOSI, Alfredo (org.). Plural, mas não caótico. In _____. **Cultura brasileira - temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987. p. 7-15.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Laurence Harris; V. G. Kiernan; Ralph Miliband (Co-editores). Trad. Waltensir Dutra. Antonio

Moreira Guimarães, Organizador da edição brasileira, revisão técnica e pesquisa bibliográfica suplementar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo. Ed. Martins Fontes. 1991

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____ **Iniciação à Literatura Brasileira**. São Paulo: Humanitas Publicações, 1997.

_____ **Literatura e Sociedade**. 8ª Ed.; São Paulo: Publifolha, 2000.

CARNEIRO, Flávio. **Mapeando a diferença: ficção brasileira hoje**. In: ROCHA, Fátima Cristina Dias (Org.). *Literatura brasileira em foco*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2003, p. 60-68.

CARVALHO, José Murilo. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Barreto Mourão. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2001.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de Literatura Brasileira**. Acadêmica: Vozes, 1960.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. 8ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

ESTEVEES, A.R. O novo romance histórico brasileiro. In: ANTUNES, L. Z. (Org.). **Estudos de literatura e linguística**. S. Paulo; Assis: Arte & Ciência, 1998, p. 123-158.

FOUCAULT, Michel. Soberania e Disciplina. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 20 ed. Tradução de Raquel Ramallete Petrópolis: Vozes, 1999.

GOMES, Flávio dos Santos. Sonhando com a terra, construindo a cidadania. In: PINSKI, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **História da cidadania**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 447-467.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro: 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Couto. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, (2006).

HARDMAN, F. Foot. Pontos extremos: ruínas invisíveis nas fronteiras de um país. **The Lilas Visiting Resource Professors Papers**, Vol. 1, Austin, Estados Unidos, out. 2003, p.1-20. Disponível em repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/.../FootHardman.pdf?. Acesso em 09/06/14, às 07:20.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita; Rev. Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Sobre História.** Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade.** 6ª Ed.; Trad. Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção.** Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

JAMESON, Frederic. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio.** Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 2006.

LEÃO, Ricardo. **Os atenienses, a invenção do cânone nacional.** Imperatriz, MA: Ética, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Trad. Bernardo Leitão [et al]. 5ª Ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEITE, Dante Moreira. **O Caráter Nacional Brasileiro.** 6 ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2002

LIMA, Luiz Costa. **A aguarrás do tempo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

_____. **Luiz Costa Lima: história, discurso, vida.** Rev. História da Historiografia. Ouro Preto. nº 5. Set., 2010, p. 265-276. Entrevista cedida a Aline Magalhães Pinto, Laíse Helena Barbosa Araújo, Mannuella Luz de Oliveira Valinhas e Victor de Oliveira Pinto Coelho.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

_____. **O Romance Histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MORAES, Maria Ligia Quartim de. Cidadania no feminino. In.: **História da cidadania**. Jaime Pinski e Carla Bassanezzi Pinski (Orgs.). 3ª Ed. São Paulo: contexto, 2005, p.494-515.

NETO, Candido de Mello. **O anarquismo experimental de Giovanni Rossi (de Poggio al Mare à Colônia Cecília)**. 2. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 1998.

PASSETTI, Edson. **Anarquismos e sociedade de controle**. São Paulo: Cortez, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª Ed. Coleção Histórias e Reflexões. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

_____. **Cultura e representações: uma trajetória**. “Texto original da conferência proferida no dia 18 de abril de 2006, por ocasião da inauguração das comemorações dos 20 do PPG em História da UFRGS.” Rev. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.45-58, jan./dez. 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6395/3837>. Acesso em 19/01/15.

RAGO, Margareth. **Foucault, história e anarquismo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. Editor Getulio Vargas, 2ª edição: Rio de Janeiro, 1999.

RUANET, Sergio Paulo. **As razões do iluminismo**. 4ª reimp., Companhia da Letras, 1998.

SANCHES NETO, Miguel. **Um Amor Anarquista**. Rio de Janeiro: Record, 2005a.

_____. **A força de um ideal**. Record, 01 jan. 2005b. Entrevista produzida pela Editora Record, para a divulgação de *Um amor anarquista* (2005). Disponível em: http://miguelsanches.com.br/autor/entrevistas_detalhes/24/a_for%C3%A7a_de_um_ideal. Acesso em 10/11/14.

_____. **Herdeiro do anarquismo**. 01 out. 2005c. Curitiba: Rascunho. Entrevista concedida a Paulo Krauss, Irineo Netto e Luís Henrique Pellanda. Disponível em: http://miguelsanches.com.br/autor/entrevistas_detalhes/26/herdeiro_do_anarquismo. Acesso em 10/11/14.

_____. **Seres desenraizados**. Record, 01 jan. 2011a. Entrevista a Evângelo Gasos, divulgação da editora Record (2011). Disponível em http://miguelsanches.com.br/autor/entrevistas_detalhes/51/seres_desenraizados. Acesso em 10/11/14.

_____. **Sujeitos Leitores**. Ponta Grossa, 16 ago. 2011b. Entrevista dada ao projeto Mídia-Educação, do Colégio Medianeira, de Curitiba. Disponível em: http://miguelsanches.com.br/autor/entrevistas_detalhes_multimidia/58/sujeitos_leitores

_____. **Encontros de Interrogação**. Itaú Cultural, 20 nov. 2011c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yLOpWGuvL4k>. Acesso em 10/11/14.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. Trad. Elia Ferreira Edel. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

VACCARO, Salvo. **Foucault e o anarquismo**. 2ª edição. Texto extraído de *Revista Anarchica*, nº 219, Editrice A, Milão, 1995. Tradução de Gustavo Steinberg. Rio de Janeiro: Achiamé.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: EDUNB, 1982, p. 151.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história**. Brasília, DF: UnB, 1998.

WEINHARDT, Marilene. Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular. In: WEINHARDT, Marilene (Org.). **Ficção histórica, teoria e crítica**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011, p. 13-55.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: Ensaios sobre a crítica da cultura**. Trad. Alípio Correa de Franca Neto 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1994. 310p. - (Ensaios de cultura; v.6).

ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. **O berço do cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira**. Porto Alegre: mercado Aberto, 1998.

ANEXOS

ANEXO A

ENTREVISTA I

[A FORÇA DE UM IDEAL](#)

Record , 1 de janeiro de 2005

http://miguelsanches.com.br/autor/entrevistas_detalhes/24/a_for%C3%A7a_de_um_ideal

Entrevista produzida pela Editora Record, para a divulgação de *Um amor anarquista* (2005)

O romance histórico é algo que ainda atemoriza alguns escritores. Como foi sua primeira experiência de unir ficção e realidade histórica?

Tive que enfrentar dois problemas. O primeiro deles foi a questão da fidelidade aos fatos. Se você ficar apenas contando o que está nos livros, nos documentos, faz uma paródia insossa. E não consegue preencher os muitos vazios que sempre existem em episódios do passado. Eu usei toda uma estrutura histórica, mas sem deixar de acrescentar elementos. As falas, o cotidiano da colônia e mesmo alguns destinos são fictícios. Fui fiel ao conjunto, mas inventei experiências de convívio na Colônia a partir de uns poucos elementos registrados. O segundo problema era o da linguagem. Sou um escritor avesso a qualquer artificialismo na escrita, e os romances históricos tendem a trabalhar com uma linguagem de época, que nada mais é do que a cópia dos estilos literários daquele período – nem sempre dos melhores. Fugi disso procurando uma linguagem contemporânea, mais coloquial.

O processo de pesquisa foi penoso?

Não foi penoso porque não foi feito com o objetivo de escrever um livro. Fui descobrindo a colônia aos poucos. E contei com os arquivos do Cândido de Mello Neto. Foi uma grande aventura tentar entender o drama daqueles homens que chegaram ao Paraná em 1890.

Através dos capítulos epistolares é possível conhecer melhor os anseios e frustrações do mentor do projeto da Colônia Cecília e do protagonista do livro, Giovanni Rossi. Você teve acesso às cartas reais escritas aos compatriotas dele? Elas de fato existiram?

Existiram e tive acesso a várias delas – não a todas. As que aparecem no livro são de minha autoria. O recurso das cartas tem um sentido estrutural no romance. Há duas formas de ver a Colônia. Nas cartas, imperam as ideias afirmativas, a versão oficial dos fatos, a certeza quanto aos experimentos sociais – Rossi era fruto de um pensamento cientificista. Nos capítulos, aparecem os fatos tal como eles podem ter acontecido, com os erros, os recuos, as brigas. Há uma constante oposição entre o discurso propagandístico e a prática social, desvelando a distância entre eles.

Por vezes, principalmente na primeira metade do livro, a construção dos personagens parece seguir um modelo também anárquico, tal como na Colônia, com todos os personagens tendo o seu momento de protagonista. Isso foi intencional?

Foi. Eu queria esta multiplicidade de vozes, com vários personagens aparecendo, entrando em cena e depois saindo. Mas o centro vai se tornando mais forte, e este centro é Rossi. Quis criar uma estrutura que fosse anárquica, por isso em vários momentos os personagens se embaralham, criando novas composições.

Os primeiros capítulos do livro, com exceção dos epistolares já citados, são os únicos narrados em primeira pessoa. Por quê?

São também os únicos fora de certa ordem cronológica, apresentando um momento crucial da Colônia, quando o casamento triangulado de Rossi recebe um novo companheiro. Por meio destes capítulos, o leitor entra numa história que ele ainda desconhece.

Há uma sucessão de idas e vindas, de êxitos e derrotas, chegadas e partidas de imigrantes que acabam por saturar as relações da Colônia. O imponderável pode fazer desmoronar até os ideais mais sólidos e os amores mais profundos?

A Colônia começou com meia dúzia de idealistas e em pouco tempo chegou a ter 250 moradores. Tudo foi muito confuso, pois chegavam e saíam muitos imigrantes afeitos às ideias socialistas. Todos tinham o sonho de viver em uma terra melhor, de levar uma outra vida, mas esses sonhos eram, na rotina comunitária, postos em confronto com a realidade. Rossi tinha consciência de que a Colônia Cecília desempenhava o papel de um laboratório, em que se testavam as pessoas sob aquelas novas condições. Cada personagem vai lidar de uma forma particular com esta súbita liberdade. No romance, embora a Colônia falhe, algo muito maior permanece vivo.

O amor livre seria uma inviabilidade assim como o socialismo anarquista?

Do ponto de vista do romance, o amor livre praticado na Colônia Cecília foi um grande avanço, pois colocava a liberdade feminina no centro da revolução social. As ideias dos anarquistas eram claras: destruir a paternidade e dar à mulher o direito de ter quantos amantes ela desejasse. Os filhos deste casamento pertenceriam à colônia, a uma ideia, a uma causa. Eu quis entender, pela trajetória de Rossi, como se dá este tipo de contrato quando entra um velho componente – o amor. Aí, as teses socialistas e anarquistas cedem a uma força maior. O amor livre foi e continua sendo uma grande força revolucionária, mas está sujeito a algo maior.

Mesmo Adele, a primeira mulher a aderir a este tipo de relacionamento, o fez movido pelo amor de Rossi e não por acreditar na tese do amor livre sustentada por ele. Certo?

Um dos grandes problemas enfrentado pelos anarquistas quanto ao amor livre era a adesão de mulheres independentes. Em tese, todos acreditavam neste poder da liberdade sexual, mas a prática dele exigia muita coragem, principalmente num meio dominado por agricultores. Adele fez tudo em nome do amor – eis minha leitura dos fatos. Não quer dizer que ela não acreditasse no amor livre, mas havia um complicador – porque, sendo amor, ele é aprisionamento ao outro. No fundo, o amor me parece incompatível com a liberdade extrema.

Depois, o fim da procura do que poderia salvar a Colônia, aos olhos de Rossi, acabou por destruir a mulher. Pode ser identificado aí um teor conservador?

Rossi queria provar que destruindo a família e renunciando ao amor romântico, exclusivo, o homem teria mais vida comunitária do que pessoal. Ele consegue provar isso, mas momentaneamente, pois logo adere a um modelo tradicional de relacionamento. O que me chamou a atenção nesta história foi a força do amor, que modificou o comportamento de um homem com um sentido de renúncia muito grande. O fim da Colônia se deu mais pela falta de

organização, pela falta de recursos e pela grande oferta de oportunidades em uma região que tinha terra de sobra. Mulheres como Adele, no entanto, têm uma força de caráter extremamente atual. Ela chegou ao amor conjugal passando por outros homens. É um paradoxo que ilumina a sua trajetória. Foi corpo compartilhado, mas também dedicação a algo maior do que uma teoria.

Há ainda uma série de contradições com as quais os imigrantes convivem na Colônia, como a questão da religiosidade e das estruturas familiares, contra as quais eles lutam mas pelas quais também são atraídos.

Eu quis ressaltar isso. Não se deixa uma estrutura social milenar para entrar em outra totalmente nova sem trazer resquícios muito fortes daquilo que se nega. Fui criando situações em que as raízes do outro modelo (egoísmo, religiosidade, desejo de relacionamentos estáveis etc.) continuam se manifestando mesmo numa situação tão inovadora. Fiz isso não para mostrar as limitações do socialismo ou do anarquismo, mas para destacar a força de opinião daqueles homens movidos por um ideal, que enfrentavam muitos condicionamentos históricos. Por outro lado, Rossi descobriu que havia uma dificuldade para se implantar o sistema socialista, antecipando em cem anos a derrocada de um modelo.

A certa altura, a personagem Adele diz, a respeito de Rossi, que “enganar a si próprio é a qualidade maior dos sonhadores”. As duas Colônias, a real e a imaginária, foram sonhos ou enganos?

Sonhos. Nesses sonhos, eliminamos os elementos perturbadores. Os anarquistas não contavam com uma série de imprevistos – como o egoísmo e o amor. Os sonhadores não aceitam as imperfeições humanas. Embora mostrando a falência de um projeto, *Um amor anarquista* não é um livro pessimista, pois, no final, como diz o poeta, sempre sobra algo. Neste caso, restou um grande amor, que começou como amor livre e acabou como amor conjugal. Mas fica também o testemunho de um grupo que ousou romper com tudo. Sempre haverá inconformados e idealistas, que ampliam nossa percepção da realidade, mesmo quando vencidos.

ANEXO B

ENTREVISTA II

http://miguelssanches.com.br/autor/entrevistas_detalhes/26/herdeiro_do_anarquismo

HERDEIRO DO ANARQUISMO

Data: 1 de outubro de 2005

Local: Rascunho (Curitiba)

Entrevista a Paulo Krauss, Irineo Netto e Luís Henrique Pellanda

Todos os personagens de *Um amor anarquista* são reais? O que exatamente é ficção na obra? Os personagens são reais na medida em que eles correspondem a seres que de fato existiram. E quase todos aparecem com os nomes de cartório, com apenas duas exceções — as prostitutas Maria Malacarne e Narcisa. Esta realmente existiu, há relatos sobre ela, mas ninguém revela seu nome, então eu tive que criá-lo. Sobre Malacarne havia apenas boatos. Inventei esta personagem a partir de uma acusação que se fazia aos anarquistas, de que eles contratavam serviços sexuais na cidade. Eu vi isso sem nenhum preconceito, logicamente, mostrando o drama dos homens isolados, sem companhias femininas. Todos os demais personagens têm certidão de nascimento, embora eles apareçam no romance dentro de circunstâncias inventadas. Eu criei as personalidades deles, modifiquei alguns destinos, pois aí me interessava mais traçar a história do que ser fiel a ela, embora, no conjunto (datas, fatos etc.), o romance traga informações precisas.

A colônia anarquista tinha princípios ousados, sob vários aspectos. Mas você preferiu trabalhar com os efeitos do amor livre no grupo. Por que essa escolha?

Porque era o episódio com maior grau de contradição e ousadia. O Paraná daquele período era extremamente conservador em matéria de sexualidade, e uma pequena comunidade agrícola tem em seu seio uma proposta de amor livre. Havia dois grupos distintos na Cecília, o de agricultores e o de anarquistas propriamente ditos. Claro que todos comungavam do mesmo ideário de liberdade, mas uns estavam mais presos a práticas tradicionais e aos preconceitos de sua formação. E, como o amor livre aconteceu nos dois grupos, isso permitia entender e estender os latentes conflitos de classe. E eu quis criar uma equivalência entre a posse da terra e a posse do corpo. Além de trazer grandes possibilidades narrativas, o amor livre era o centro da proposta do Giovanni Rossi.

Do ponto de vista histórico, a Colônia Cecília foi um episódio marcante e fascinante. Mas não parece que sua existência tenha deixado marcas sociológicas ou culturais no Paraná e no Brasil. Você já disse, aliás, que o assunto é tabu entre os paranaenses. Por que a Cecília é ignorada?

Há muitas mistificações em torno da Cecília, criadas por dois tipos de incompreensão. A dos conservadores, que viram o episódio como uma experiência moralmente perigosa, pois ela pregava o fim da família, a coletivização dos meios de produção, a luta contra o poder etc. E a dos próprios ideólogos de esquerda, que passaram a ver a Cecília como um extenso movimento libertário, uma Canaã meio hippie. As duas leituras são equivocadas, a Cecília foi extremamente importante porque testou, no dia-a-dia, as crenças anarquistas e socialistas vigentes no final do século XIX, demonstrando que aquele ideário era teoricamente perfeito mas tinha problemas de aplicabilidade. Na prática social, vários fatores desviavam os anarquistas de sua crença. Um deles é o amor romântico. Acredito que a Cecília não esteja

presente na história viva do Paraná e do Brasil porque ela ficou desconhecida, dando lugar a clichês.

Apesar disso, o governo paranaense apoiou a Colônia Cecília. Qual era o interesse do Estado por essa experiência?

O Paraná estava vivendo um momento de expansão social e cultural. Os anarquistas eram vistos não como revolucionários, mas como uma força civilizadora. Eles trouxeram novas técnicas agrícolas e deram um grande impulso a algumas áreas, tanto que uma das famílias construiu um nome industrial — os refrigerantes Cini (*popular marca de bebidas paranaense*). Se havia desordeiros e colonos simplórios entre eles, também havia figuras empreendedoras, gente intelectualmente avançada. Muitos se engajaram no jornalismo de propaganda política. Assim, o governo os recebeu como imigrantes comuns, sem temer as suas ideias, pois havia muita terra disponível que precisava ser ocupada. O problema não era a falta de terra, mas a falta de mão-de-obra. Os anarquistas só passaram a ser malvistas em alguns setores quando determinados componentes se envolveram em badernas. Mesmo assim, eles foram uma força social importante, pois melhoraram o nível técnico e cultural do Estado.

O que você acha do amor livre? Como você se veria no lugar de Anibal, que, em nome de um ideal, se vê obrigado a ceder sua mulher a mais dois homens?

Rossi defendia o pensamento científicista, que lutava contra a força romântica, embora haja tanto romantismo no projeto dele. Hoje, a mulher tem uma liberdade de relacionamento que começou naquele período. O que vemos todos os dias é a mulher cada vez mais livre dos laços de exclusividade. Vivemos uma era absolutamente feminina. E isso é irreversível.

Você conviveu com o tema da Colônia Cecília durante muitos anos, por haver trabalhado com um descendente dos anarquistas. Esse ancestral, no caso, é um dos personagens principais do livro? Devido a essa proximidade, ao possível assédio de familiares de personagens citados, quão delicado foi trabalhar com fatos históricos tão recentes?

O descendente que me forneceu o material foi o ponta-grossense Candido de Mello Neto, um homem que fez uma carreira na psiquiatria, foi fundador de um hospital, e que tinha o maior orgulho de suas raízes anarquistas. O Dr. Mello passou anos viajando, pesquisando em bibliotecas, arquivos e cartórios. Eu trabalhei com este material, que, para ele, rendeu um livro de história (principalmente das famílias) e, para mim, um romance. Eu estive apenas uma vez na sede da fazenda em que ficava a Cecília, levado pelo Mello na falsa condição de primo dele. Os atuais donos não veem como bons olhos esta recuperação da história, não por motivos de preconceitos, mas porque eles temem uma desapropriação daquelas terras, que lhes pertencem legitimamente. Quando a experiência coletiva se desfez, a propriedade não tinha sido paga e a família Artusi quitou as dívidas e ficou com ela. Os antepassados do Dr. Mello não são personagens principais do livro que gira em torno do Rossi.

O Dr. Grillo parece, como personagem, uma espécie de depositário da lucidez no romance. É com os olhos dele — de simpatia, interesse, esperança ou compaixão — que o autor de *Um amor anarquista* acompanha as tentativas de sucesso da Colônia?

É isso mesmo. O Dr. Grillo, representante do governo em Palmeira, italiano, mas não anarquista, foi um entusiasta de primeira hora da Colônia. Eu quis que ele fosse este olhar de carinho e de lucidez, pois era o elemento externo, mas com uma adesão afetiva à luta dos

anarquistas. Ele quase não julga, apenas em uns poucos momentos, e faz de tudo para que a empresa tenha sucesso. Usei-o também para melhor explorar as contradições — muitos anarquistas trabalhavam para a administração pública, revelando assim uma situação estranha. Os destruidores do poder viviam de empregos e de subsídios do governo local. Grillo era um protetor da Cecília, uma figura admirável.

Deixando de lado o problema do amor livre, o modelo social proposto pela Cecília teria durado mais se o Paraná não possuísse, no século XIX, tantas terras ainda esperando por quem as arasse? O Brasil de então parecia oferecer muitas oportunidades aos imigrantes. Será que isso, entre italianos recém-chegados de um país de recursos naturais já esgotados, não estimulava aventuras mais individualistas?

Tudo indica que o maior inimigo da colônia foi realmente a oferta de terra e de postos de trabalho. Diante de qualquer problema, bastava deixar a propriedade coletiva e buscar um emprego na cidade ou um pedaço de chão vendido a prazo. Assim, poderíamos dizer que a reforma agrária já estava sendo feita no Paraná daquela época, e ela vai continuar até 1950, com a colonização do Norte e do Oeste do estado. Para a Colônia, também faltou tempo para construir uma cultura anarquista; as relações derivaram para a mais completa desorganização.

Já se comenta na imprensa que *Um amor anarquista* vai virar filme. É verdade? Você se interessa por esse tipo de transposição? Tem vontade de trabalhar com roteiros para cinema ou televisão?

Eu torço para que o livro seja adaptado para a tela. Venho de uma formação cinematográfica, embora não acompanhe hoje o cinema. Descobri que o mundo era maior do que minha cidade pela tevê, pelos seriados americanos, como *Perdidos no espaço*, *Jornada nas estrelas*, *Terra dos gigantes*, *Bonanza*, *Os Waltons*. Minha literatura é altamente visual. Então, acho que ela pode render boas adaptações. Particularmente, não tenho vontade de me envolver com cinema, nem como roteirista nem como mero palpiteiro. Quero apenas assistir aos resultados. As adaptações são leituras críticas do trabalho do escritor, onde se privilegiam alguns aspectos. A literatura não pode desprezá-las. Eu sempre ouvi falar mal das adaptações e ainda vejo escritores dizendo que é rendição ao mercado e à mediana. Escrevo para atingir o leitor comum, não nego o meu tempo.

Percebe-se em seus livros um rigor muito grande na precisão da linguagem e do texto. Seria o crítico, o doutor em literatura, controlando as rédeas do escritor para evitar a tentação das invencionices?

Eu me formei lendo escritores que praticavam uma literatura sem artifícios, sem maneirismos, então isso é uma marca mais da minha adesão a um conceito de literatura do que de minha formação acadêmica. Acho que aconteceu um processo inverso, o escritor é que mudou o professor, pois não tenho nenhum interesse em certo discurso acadêmico mais fechado, que também é uma forma de maneirismo. A universidade para mim sempre foi uma abertura para os grandes textos literários e é só neste sentido que ela ajuda um escritor.

Já foi dito mais de uma vez que você não se identifica com nenhuma panelinha literária. Quais são os prós e contras dessa postura independente em um meio literário como o brasileiro?

Não é que não queira pertencer a panelinhas. Eu simplesmente não tenho vida gregária, odeio viver em grupos, em bandos. É uma questão de natureza. Gosto da solidão, dos livros, de uns

poucos amigos. Não vou a festas, aniversários, casamentos, formaturas. Odeio restaurante cheio, lugares em que pessoas dançam, se apertam. Então, não transito em grupos. E evito participar de um abaixo-assinado, por mais justa que seja a reivindicação. Vivendo à sombra das prateleiras, convivo com as principais mentes de todos os tempos, então não tenho paciência para a vida grupal. Por outro lado, gosto muito de conviver com as pessoas do povo, gosto de ouvir gente simples, saber de histórias. A literatura precisa mais do contato com o homem comum do que dos intelectuais. A desvantagem mais evidente deste afastamento é que quase não sou lembrado na hora da divisão dos prêmios.

O escritor Miguel Sanches Neto parece estar vivendo um momento de grande ebulição criativa e produtiva, lançando tantos livros em tão pouco tempo. Alguma razão especial para isso?

Nos últimos 20 anos, escrevo diariamente. Joguei minha vida nisso, mantive uma obra secreta, enquanto tratava de resolver problemas de sobrevivência. O que tem aparecido é um número maior de oportunidades editoriais. Eu continuo no mesmo ritmo de escrita — não passo um dia sem ler minhas tantas páginas e sem trabalhar em um texto meu, pode ser na revisão ou mesmo fazendo uma anotação. E como sofro de insônia, sempre me resta tempo para a escrita. Um outro fator é uma consciência aguçada da morte. Desde 2000, convivo com a Síndrome de Addison; quando você sofre de uma doença crônica, tem mais pressa em deixar escrito e publicado o que um dia poderá vir a ser uma obra. Não dá mais para dizer: “Publicarei isso daqui a dez anos”. É preciso ser realista: “Publicarei este livro no ano que vem”. Passei a medir minha vida por esta unidade menor.

ANEXO C

ENTREVISTA III

[SERES DESENRAIZADOS](#)

Record , 1 de janeiro de 2011

Entrevista a Evângelo Gasos, divulgação da editora Record (2011)

http://miguelsanches.com.br/autor/entrevistas_detalhes/51/seres_desenraizados

Você abre esse livro com uma citação de Nietzsche que diz “Para haver arte, para haver alguma contemplação estética, é indispensável uma precondição fisiológica: a embriaguez”. Qual é o motor e que tipo de embriaguez te move para o processo de criação da sua obra?

É a embriaguez da percepção. Escrevo apenas em uma temperatura acima do normal, tentando compreender as coisas pelo corpo, pelo sensorial. Não faço uma literatura racional, embora pense muito no que esteja sentindo, como diz Fernando Pessoa no poema Inconsciência: “o que em mim sente está pensando”.

Dos 16 contos do livro, alguns já foram publicados em outros meios, o que significa que você possui uma produção constante deste gênero literário, além de ser autor de diversos romances, poemas e críticas literárias. Qual a sua relação com a produção de contos comparada a essas outras modalidades? Por que o conto é necessário para você?

Cada forma literária permite intervenções próprias. Sou um escritor multitarefa – não acho isso nem uma qualidade nem um defeito, apenas uma forma de ser. Para mim, o conto funciona como um espaço de intensidade dentro da prosa. A crônica, gênero que também pratico, apresenta a vantagem de dizer as coisas sem que o autor se leve muito a sério. O romance é um estudo em amplitude de um determinado universo. Já o conto é o mundo visto numa situação de tensão. Sem isso não há conto. O romance tem momentos de tensão, mas ele é, como formato, distensão. A crônica é cavalgar com a rédea solta. Então, ao escrever um conto, tentamos captar a vida num momento emblemático. Num conto, tudo flui para aquele instante-chave. Ao intensificar ainda mais a escrita chegamos ao poema.

Apesar de algumas histórias possuírem aproximações quanto ao tema da escrita, nem todos os contos desse livro falam diretamente sobre esse assunto, entretanto é possível enxergar alguns elementos constantes, como a relação com a memória, a morte e a matéria. Existe um sentimento que une todos os contos? Que grande marca possuem os personagens desses contos?

Acho que talvez seja a crise da noção de pertencimento. Os personagens querem pertencer a algo, mas não conseguem. Este querer lhes dá uma força. Esta impossibilidade faz com que eles sofram uma paralisia. A que mundo pertencemos? Talvez esta seja a grande pergunta que eles se fazem. Ao passado, pela memória? Mas a memória é um espelho mentiroso. Ao agora, pela matéria? Mas a matéria é tão inconstante. Meus personagens caminham para a morte sem saber lidar com o lugar que eles ocupam. São seres desenraizados. Mas que sonham com raízes.

No conto homônimo ao livro “Então você quer ser escritor?” podemos compartilhar uma visão muito específica de um pensamento crítico acerca da produção literária atual, através do personagem que leciona numa oficina literária. O Miguel Sanches Neto é o protagonista dessa história? Como você caracteriza a presença da autobiografia e da ficcionalização dos acontecimentos na sua escrita?

Tudo é ficção quando o autor propõe um pacto ficcional, um contrato de leitura em que ele quer ser lido como ficção. O narrador do conto-título é um homem sozinho, incapaz de amar. Esta sua incapacidade para o amor se estende à sua incapacidade para admirar a literatura de seus contemporâneos. Ele confunde tudo. É um equivocado. Pensa amar uma mulher apenas depois de tê-la rejeitado vergonhosamente. Mas ele não sabe o que ama. É um personagem dolorosamente cínico. Não gostaria de encarnar neste personagem.

No conto “Árvores submersas”, existe uma oposição interessante entre dois personagens: Marlus – que vive um eterno desejo de iniciar a escrita de um romance – e Último – poeta que escreve compulsivamente a ponto de não mais conseguir escoar sua produção. Ele vive para produzir, em busca do poema definitivo. O que você considera uma busca legítima para um escritor e quais são as dificuldades encontradas para tornar possível uma realização através da escrita?

Marlus precisa acreditar na literatura como dádiva. Vai em busca de um poeta que renunciou a tudo para ser quem ele era – um cultor da linguagem. Mas Marlus é fraco e se apaixona pela jovem mulher do poeta recluso. Há um contraste, neste conto, que é o meu preferido no volume, entre ser cerne e não se deixar apodrecer, mesmo nas condições mais insalubres, e ser esta matéria frágil de que somos feitos. Eu gostaria de ser o poeta Último, trancado num quarto escuro, conversando solitariamente com as sombras. Escrever é, em boa medida, ter essa vida secreta, essa existência de fantasma.

A presença das crianças e do olhar a partir de seus pontos de vista também faz parte dessa obra em contos como “O tamanho do mundo” e “Manga verde com sal”, demonstrando uma profunda sensibilidade sua em relação a esta idade. Seu primeiro romance chama-se “Chove sobre minha infância” (ed. Record). Como foi a sua experiência com o mundo quando você era criança e qual o seu interesse em retomar temas que tratem desta etapa da vida?

Eu me interesso muito pelo olhar da criança porque ele é desarmado. E nela estão todas as dores humanas. Achamos que as crianças não sofrem, que elas vivem uma realidade à parte, que são a realização da felicidade terrena. Tudo isso é uma projeção psicológica de adultos frustrados. As crianças olham o mundo com dor. E a dor é imensa porque eles fazem uma descoberta súbita dela. Interessa-me este instante de desvelamento da crueldade do mundo. Uma crueldade ainda não compreendida, mas sentida profundamente.

Em “Na minha idade”, o personagem culpa a esposa por sua indisposição para a escrita. Ele diz: “Existem escritores incapazes de produzir um simples artigo. Eu pertencio a este grupo para quem as ideias são tantas que não há como escolher uma delas”. Existe uma situação ideal para escrever?

Não, a situação ideal seria não escrever. Mas não suportamos não escrever. Então, todos nos cobramos uma obra, um livro, ao menos um artigo. O insuportável é esta cobrança interior, que faz com que criemos culpados – tal como diz Sartre em *Entre quatro paredes*, “o inferno são os outros”. Este narrador culpa o outro, mas na verdade ele não tinha vivido nada intenso para

poder escrever. Só ao sofrer um estranhamento ele se faz escritor de um primeiro conto. Vamos ver como ele vai se sair daí para frente.

“Uma cidade que valoriza mais o cemitério do que as casas ou a praça é um lugar que está mesmo desaparecendo”. Estas são algumas palavras do conto “O último abraço”, que apresenta Neuza, uma “mãe que já chorou centenas de mortes dos três filhos, por isso vive com a casa em luto”. O interesse por aquilo que se perdeu seria assumidamente uma constante no seu trabalho? Por quê?

Porque é com o que vamos perdendo que podemos construir uma imagem precária de quem somos. Eu não sou este corpo que se faz presente hoje. Eu sou na verdade a soma de tudo o que perdi. Sou apenas um vazio, um cemitério carregando meus mortos – alguns que ainda nem morreram.

“Não existe maior liberdade do que a do historiador”. Há presente nesse livro um conto que se chama “Duas palavras” e que se trata de notas de um soldado que vai a combate para lutar na Guerra do Paraguai. Qual a sua relação com o romance histórico?

Tudo é construção narrativa. O historiador, por trabalhar pretensamente com o factual, tem muito mais liberdade do que o ficcionista, que trabalha com os possíveis históricos. Assim, o romance histórico, desvalorizado nesta corrida de 100 metros que é modernidade, é uma chance para o ficcionista se aproximar do factual e ordená-lo de forma diferente. No romance histórico, a mentira literária tem um valor de verdade. É um travestimento, apenas isso. Tudo bem pensado, toda a literatura pertence ao tempo em que foi escrita.

Você é adepto dos novos meios de comunicação na rede, possuindo uma grande frequência de “postagens” no Twitter, que se caracteriza basicamente pelo envio de mensagens breves. Em seu blog (www.herdandoumabiblioteca.blogspot.com), há um poema cujo título é ESCREVER CONTOS e que, num determinado trecho, diz: “Não escreva contos/com palavras eruditas./Conto é linguagem viva,/a mesma usada no bar,/na hora do namoro,/no balcão da padaria./Palavras do dia-a-dia”. Como essas novas ferramentas da comunicação vêm transformando a relação do escritor com a sua obra e, ainda, com os seus leitores?

Pelas redes sociais, o escritor é leitor de seus leitores. Isso é fascinante. Eu poder ler quem me lê, conversar com ele, saber que achou isso ou aquilo de meu livro, mas também tentar acompanhar a produção deste outro. O blog fez com que houvesse uma indistinção entre autor e leitor. Todos são escritores. Todos são leitores. Eu tento me comunicar com quem tem algo para dizer e tenho encontrado leitores extremamente criativos e que são melhores do que muitos que se julgam autores propriamente ditos. A relação escrita-leitura adquiriu a proximidade de uma conversa num balcão de padaria.